



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO – MESTRADO

**SAÚDE NO TELEJORNAL: A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO  
NAS SÉRIES ESPECIAIS DA TV CABO BRANCO**

Bruna Raquel Couto de Farias Carneiro

JOÃO PESSOA - PB

2024

BRUNA RAQUEL COUTO DE FARIAS CARNEIRO

**SAÚDE NO TELEJORNAL: A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO  
NAS SÉRIES ESPECIAIS DA TV CABO BRANCO**

Orientador: Prof. Dr. Laerte José Cerqueira da Silva

Área de Concentração: *Produção Jornalística*

Linha de Pesquisa: *Processos, práticas e produtos jornalísticos*

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestra em Jornalismo no  
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da  
Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB).

JOÃO PESSOA - PB

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C289s Carneiro, Bruna Raquel Couto de Farias.  
Saúde no telejornal : a função pedagógica do  
telejornalismo nas séries especiais da TV Cabo Branco /  
Bruna Raquel Couto de Farias Carneiro. - João Pessoa,  
2024.  
137 f. : il.

Orientação: Laerte José Cerqueira da Silva.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo. 2. Função pedagógica. 3. Saúde -  
Reportagens. 4. TV Cabo Branco. I. Silva, Laerte José  
Cerqueira da. II. Título.

UFPB/BC CDU 070:654.19(043)



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de 2024, às 14 horas, foi realizada, na sala 107 do Bloco A do CCTA, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **BRUNA RAQUEL COUTO CARNEIRO**, sob a matrícula **20221005481**, cuja pesquisa intitula-se **“SAÚDE NO TELEJORNAL: A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO NAS SÉRIES ESPECIAIS DA TV CABO BRANCO”**, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

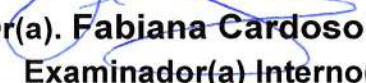
**AVALIAÇÃO:**

() Aprovado(a) (  ) Reprovado(a) (  ) Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
Prof(a). Dr(a). **Laerte José Cerqueira da Silva**  
Presidente

  
Prof(a). Dr(a). **Fabiana Cardoso de Siqueira**  
Examinador(a) Interno(a)

  
Prof(a). Dr(a). **Elane Gomes da Silva Oliveira**  
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Dedico esta pesquisa a mainha e painho, meus maiores mestres, e a todos os mestres professores que ajudaram a escrever minha história e me inspiraram a chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

É certo que em toda jornada há de se ter lutas e vitórias. Nesta jornada em especial, o meu mestrado, as lutas que enfrentei me prepararam como nunca antes para conquistar uma vitória tão grande quanto um título acadêmico. Desafios como a distância, o ensino remoto e o malabarismo para conciliar as rotinas de trabalho, casa e estudos são somente alguns do que foram colocados à minha vista nestes últimos dois anos. Foi, inclusive, durante as inúmeras viagens que fiz de Campina Grande, minha casa, para João Pessoa, para assistir às aulas do mestrado, que vivi um processo de autoconhecimento, e para além disso, construí as tantas ideias discutidas nesta pesquisa – pensada e escrita com base no profundo respeito construído ao longo destes últimos anos, sobretudo para com meus professores, e também, para com o exercício do jornalismo profissional. Algo possível somente pela graça de Deus, a quem dedico esta e todas as outras coisas que vier a fazer nesta terra.

Ao fim desta jornada tenho o amadurecimento como maior trunfo. Entrei no mestrado recém formada, depois de uma graduação atravessada por uma pandemia, cheia de medos e incertezas, mas motivada pelo desejo de retribuir aos meus maiores mestres, meus pais, tudo o que eles fizeram por mim. Foi da minha mãe, Mônica Couto, e do meu pai, Jário Carneiro, que sempre ouvi que pela educação eu poderia chegar onde quisesse. Durante o mestrado, então, ouvi esta frase inúmeras vezes mais, ainda que não ditas diretamente por eles, mas pulsando em meu coração, para não me deixar abater. Por isso, sem sombra de dúvidas, este título e tudo o que ele representa diz muito mais sobre eles do que sobre mim. É muito mais sobre quem abdicou muito da vida para me proporcionar uma educação de qualidade, me ensinando a admirar, respeitar e querer ser como meus mestres professores desde sempre, do que sobre mim. Aos meus pais, minha eterna gratidão e dedicação.

Deixo aqui, também, um agradecimento a todas as demais pessoas que de alguma forma tornaram este caminho possível. Ao meu esposo, Pedro Farias, por ter, ainda enquanto meu namorado, me incentivado a ingressar no mestrado; por depois, como meu noivo, ter me ajudado com tamanha paciência a organizar nossa vida em meio aos desafios de conciliar meus estudos com nosso casamento; e principalmente por agora, ao fim desta caminhada, ter segurado minha mão, enxugado minhas lágrimas e me motivado com amor e respeito a concluir esta etapa tão importante. Essa vitória também diz muito sobre e é para a nossa recém formada família.

Aos meus familiares, em especial a minha irmã, Brenda, que também luta enquanto pesquisadora do ensino superior público – o que por vezes me motivou, ainda sem saber, a seguir em frente. Aos meus tios, tias e primos, que também se orgulham de cada passo dado. Aos meus avós, Maria José e Severino (*in memoriam*), e Germano e Maria Augusta (*in memoriam*), por todo incentivo transmitido, ainda que de longe, e por acreditarem em mim. E aos familiares do meu esposo, em especial meus sogros, por também apostarem nesta aventura.

Aos meus professores, em especial meu orientador, Laerte Cerqueira, por todo apoio demonstrado em meio a uma rotina acadêmica e profissional tão intensa. De mesmo modo, ao professor Alfredo Vizeu, que iniciou meu percurso de orientação e tão gentilmente construiu os laços necessários para que eu pudesse dar sequência a esta pesquisa após sua aposentadoria. Aos professores e técnicos do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ/UFPB), que também me ofereceram o suporte necessário à realização do curso, assim como às professoras Fabiana Siqueira e Elane Gomes, que atenciosamente aceitaram o convite para compor a banca de avaliação desta pesquisa. E, não menos importante, à professora Verônica Oliveira, que orientou meu trabalho de conclusão de curso na graduação, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e me incentivou de forma tão especial a seguir o caminho do mestrado, e que assim como todos os professores do curso de Jornalismo da UEPB, onde me graduei, me inspiraram a chegar até aqui.

Aos meus colegas da turma 2022.1 do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ/UFPB), que também compartilharam momentos desta aventura e, por diversas vezes, a tornaram mais leve. Em especial, à minha então colega e hoje amiga Mayara Oliveira, que de forma mais próxima dividiu comigo as viagens, os percalços e todos os demais desafios ao longo destes dois anos. Juntas, construímos um caminho cheio de memórias que guardarei em meu coração. Assim como à Marcia Marques, a quem devo gratidão por também ter compartilhado sua experiência e força conosco nesta caminhada, e por com tamanha gentileza ter nos oferecido o auxílio necessário, inclusive, para as idas à João Pessoa.

Aos meus amigos da graduação, que tanto vibraram desde minha aprovação no mestrado. Aos meus amigos da igreja, que me sustentaram em oração e também se alegraram com cada passo dado. Aos meus amigos e colegas da Rede Paraíba de Comunicação, em especial aos editores e à equipe dos portais web, da qual faço parte, que também me ofereceram todo apoio e compreensão necessários durante a realização desta pesquisa – apoio este sem o qual eu não teria conseguido conciliar o trabalho com os estudos e, para além disso, nutrir o desejo de, através da realização deste curso, aprimorar as habilidades também no mercado de

trabalho. Graças a todas estas pessoas, saio do PPJ com a consciência de que esta jornada de dois anos serviu não apenas para que eu tenha mais um título, mas para que eu possa transmitir a outras pessoas a paixão pelo conhecimento e o desejo de melhorar a prática do jornalismo profissional. Assim farei.

## RESUMO

Esta pesquisa visa debater sobre a função pedagógica do telejornalismo observada em reportagens que abordam temas vinculados à saúde. No contexto da contemporaneidade, onde diversos meios de comunicação podem ser facilmente usados para difusão de informações de várias áreas, fica evidente a importância da televisão como meio de transmissão de notícias cujo caráter didático pode resultar em boas práticas. O presente estudo parte da hipótese de que tais conteúdos podem gerar um conhecimento específico, capaz de impactar positivamente a sociedade no âmbito da saúde, através do uso de dispositivos didáticos, inicialmente levantados por autores como Cerqueira (2018). Para tal, propõe-se a análise de duas séries de reportagem especiais da TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba, produzidas por jornalistas e profissionais da medicina, com foco em questões relacionadas ao bem-estar humano, através do método de análise de conteúdo, ancorado na pesquisa bibliográfica e na entrevista semiestruturada com profissionais que fizeram parte das produções telejornalísticas analisadas. Os resultados obtidos a partir de então apontam para a existência de diversos dispositivos didáticos, como os de detalhamento, reforço no discurso de legitimidade, interpretação de falas de especialistas, entre outros, nas reportagens das séries analisadas. Como conclusão, tem-se, portanto, a comprovação das hipóteses inicialmente levantadas e amplamente discutidas com uso de recursos teóricos nos capítulos anteriores à análise.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Função pedagógica. Saúde. TV Cabo Branco. Dispositivos didáticos.

## **ABSTRACT**

This research aims to discuss the pedagogical function of television journalism observed in reports addressing health-related topics. In the context of contemporaneity, where various means of communication can be easily used for the dissemination of information from various areas, the importance of television as a medium for the transmission of news with an educational character becomes evident, which can result in good practices. The present study starts from the hypothesis that such contents can generate specific knowledge capable of positively impacting society in the field of health, through the use of didactic devices, initially raised by authors like Cerqueira (2018). To achieve this, the analysis proposes the examination of two series of special reports from TV Cabo Branco, a Globo affiliate in Paraíba, produced by journalists and healthcare professionals, focusing on issues related to human well-being. The method used is content analysis, anchored in bibliographic research and semi-structured interviews with professionals who were part of the analyzed television productions. The results obtained from this analysis point to the existence of various didactic devices, such as detailing, reinforcement in the discourse of legitimacy, interpretation of expert speeches, among others, in the reports of the analyzed series. In conclusion, the hypotheses initially raised and extensively discussed using theoretical resources in the chapters preceding the analysis are thus confirmed.

**KEYWORDS:** Telejournalism. Pedagogical function. Health. TV Cabo Branco. Didactic Devices.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Médico André Telis na série "Sono - Por que Dormimos?", da TV Cabo Branco...	85
Figura 2 - André Telis no 2º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?" .....	90
Figura 3 - Médico André Telis no 4º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?" .....	91
Figura 4 - Simulação do sono no 1º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?" .....	92
Figura 5 - Dados apresentados na série "Sono - Por que Dormimos?" .....	94
Figura 6 - Jornalista Maria Antônia Demasi, da série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	97
Figura 7 - Apresentação de dados na série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	101
Figura 8 - Dados exibidos em arte na série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	102
Figura 9 - Idosa sendo entrevistada na série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	103
Figura 10 - Arte exibida na série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	105
Figura 11 - Simulação exibida na série "Envelhecer - Bora Conversar?" .....	107

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Como os dispositivos didáticos são acionados .....	49
Quadro 2 Dispositivos didáticos da série “Sono – Por que dormimos?” .....	96
Quadro 3 Dispositivos didáticos da série “Envelhecer – Bora Conversar” .....	108

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. TELEJORNALISMO E SOCIEDADE.....</b>	<b>15</b>
2.1 O gênero telejornalismo.....	21
2.2 Telejornalismo especializado.....	24
2.3 Complexidades na contemporaneidade.....	27
<b>3. A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO.....</b>	<b>36</b>
3.1 Jornalismo em telas: uma forma de conhecimento nos telejornais.....	51
3.2 Aproximações com o Telejornalismo Local.....	60
3.3 Aproximações com o Telejornalismo de Serviço.....	68
<b>4. METODOLOGIA E RESULTADOS.....</b>	<b>76</b>
4.1 Sobre a TV Cabo Branco.....	82
4.2 “Sono – Por que Dormimos?” e sua função pedagógica.....	84
4.2.1 Apresentação de contexto.....	88
4.2.2 Reforço do discurso de legitimidade.....	90
4.2.3 Exemplificação com algo ilustrativo.....	91
4.2.4 Complementaridade.....	93
4.2.5 Interpretação de fala de especialistas.....	94
4.2.5 Detalhamento.....	94
4.3 “Envelhecer – Bora conversar?” e sua função pedagógica.....	97
4.3.1 Apresentação de contexto.....	99
4.3.2 Interpretação de falas de especialistas.....	
100	
4.3.3 Reforço do discurso de legitimidade.....	102
4.3.4 Detalhamento.....	104

<i>4.3.5 Complementaridade.....</i>	105
<i>4.3.6 Exemplificação com algo ilustrativo.....</i>	107
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	110

## 1. INTRODUÇÃO

O telejornalismo brasileiro vem se configurando, desde seu surgimento há pouco mais de 70 anos, como um importante ator social. Diversos autores, como Iluska Coutinho, Alfredo Vizeu, Ariane Pereira, Beatriz Becker, Cárilda Emerim, e tantos outros, defendem que a TV para a sociedade brasileira atua não apenas como sendo um transmissor de fatos do cotidiano, mas também na formação do intelecto social, inculcando comportamentos e apontando problemáticas de diversas esferas, como a economia, a cultura e as questões que envolvem a saúde, para além das produções relacionadas ao entretenimento. Em se tratando de telejornalismo, onde profissionais de vários setores laborais e intrínsecos ao jornalismo trabalham diariamente para não apenas repercutir o dia a dia local e/mundial, como também elaboram, desde a concepção das pautas até a edição final e exibição das reportagens, materiais com diversidade temática e aprofundamento de questões especializadas, é possível observar, também, um caráter puramente didático (Vizeu, 2009).

Em determinados contextos, como no da saúde pública, a disseminação de informações advindas de fontes oficiais também se configura como ferramenta ativo no combate a doenças e promoção do bem-estar, tanto quanto qualquer outra ação de enfrentamento sanitário (Moretti, Oliveira, Silva; 2012). No âmbito televisivo este apontamento fica ainda mais notável, uma vez que o alcance massivo deste meio de comunicação representa não apenas a tradução do poder socioeconômico dos grandes conglomerados aos quais as emissoras de TV estão filiadas, como também a influência social que os materiais televisivos possuem no seio da sociedade contemporânea.

Dessa forma, é possível observar que o telejornalismo especializado em saúde é capaz não apenas de promover o combate específico a problemas de saúde que afetam direta e clinicamente a vida das pessoas, como também de fomentar a ampliação do debate público sobre temas que podem ser abordados de forma ampla e plural, acessível e “traduzida” ao entendimento da massa que acompanha as produções. Isso é possível porque, conforme Oliveira (2014), a mídia se transformou ao longo do curso da história em uma aliada do campo da saúde ao divulgar e popularizar tipos de conexões entre a saúde e a ciência, fazendo uso de sua potencialidade de decifrar códigos informacionais para divulgar amplamente conhecimentos específicos outrora não repassados. Afinal, não é tão difícil pensar que em algum período da História os tratamentos medicinais ou avanços científicos não alcançavam o saber popular, não

apenas por falta de divulgação, mas também pela distância entre os saberes da saúde e do jornalismo, considerando o mesmo como uma forma de conhecimento cuja capacidade de transmissão informacional é intrínseca à sua atividade.

Essa chamada “potencialidade” para decifrar códigos atua, na prática, a partir de uma preocupação didática do jornalismo, descrita por Vizeu (2009) como sendo o “cuidado” por meio do qual a reportagem traduz a informação ao público, tornando-a capaz de ensinar algo a alguém e, para além disso, trazendo à tona aspectos que poderiam não ser tão facilmente interpretados caso não houvesse a intervenção pedagógica jornalística, o que aqui nomeamos e entendemos como sendo uma linguagem pedagógica própria a função jornalística. É o fator que difere a produção noticiosa corriqueira daquela que consegue extrair o que há de fundamental da informação e repassar ao público que a consome de forma clara, explícita e didática. De forma **pedagógica**.

Dentro desta perspectiva, cabe mencionar já de início algumas definições levantadas por autores cujas produções serão a base deste trabalho. A primeira delas diz respeito à **função pedagógica do telejornalismo**, conceito central do presente estudo, proposto inicialmente por Vizeu (2009; 2014) para definir práticas que levam o telejornalismo a produzir determinado de conhecimento, em diversas dimensões. Também se faz necessário apresentar a definição dos chamados **dispositivos didáticos**, cujo uso em produções telejornalísticas é tido como hipótese central e objeto de análise. Cerqueira (2018) define tais dispositivos como “recursos usados na construção dos fatos e relatos telejornalísticos”, e estes teriam como objetivo central a produção de “um conteúdo mais compreensível para uma audiência” (Cerqueira, 2018 p. 180).

Neste sentido, alguns questionamentos empíricos podem ser feitos; como: o telejornalismo, como sendo um ator social ativo na contemporaneidade, também se configura como importante aliado ao fomento de conhecimentos específicos? É possível identificar, de fato, dispositivos didáticos que, uma vez presentes em reportagens específicas, são capazes de gerar conhecimento a respeito de algo? De que forma o fomento de tais dispositivos didáticos poderiam beneficiar não apenas a sociedade como, de mesmo modo, enriquecer a produção jornalística semelhante à dos materiais analisados? Estas questões de pesquisa norteiam o presente trabalho.

De antemão, cabe destacar que ao falar sobre a função pedagógica do telejornalismo não se tem o objetivo de relacionar a prática jornalística à didática conferida diretamente aos professores, que em sala de aula e com instrumentos específicos do campo educacional conseguem transmitir e produzir conhecimento sobre os mais diversos assuntos. Outrossim,

também é válido mencionar que o que se entende por função pedagógica do telejornalismo está relacionado nesta às compreensões a respeito da própria atividade jornalística, como a ética que deve ser empregada na prática da profissão, a responsabilidade com a checagem de notícias, a clareza dada à informação e a objetividade. Mas, as noções também pretendem ir além disso. Entende-se, portanto, que os conceitos aqui trabalhados permeiam questões específicas, inerentes ao que a análise se propõe.

Buscando compreender o cenário que envolve estes questionamentos, utiliza-se como objeto de pesquisa reportagens produzidas para séries especiais com temas relacionados à saúde na TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba. São reportagens das séries: “Sono – Por que dormimos?” e “Envelhecer – Bora Conversar?”. As séries foram escolhidas a partir do recorte de área, já que são relacionadas à saúde, e também partindo de uma categorização profissional produtiva – das duas, uma teve uma jornalista freelancer contratada para a produção especial (“Envelhecer – Bora Conversar”, com Maria Antônia Demasi); e outra teve um médico como mediador das informações (“Sono – Por que dormimos?”, com André Telis). Entende-se que esta diferenciação também pode revelar aspectos importantes à observação científica, colaborando para o enriquecimento da pesquisa.

A escolha de uma emissora televisiva para esta pesquisa se justifica pelo alcance da TV, que mesmo após 70 anos de surgimento do Brasil, ainda se configura como meio de comunicação com maior poder de alcance massivo no contexto nacional, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo os dados, de todos domicílios particulares permanentes do Brasil em 2021, 95,5% possuíam televisão. Ao todo, são 72,9 milhões de domicílios, e destes, apenas 4,5%, ou seja, somente cerca de 3.280.500 casas, de um total massivo de mais de 70 milhões, não possuíam TV, segundo o IBGE<sup>1</sup>. Os números também mostram que a quantidade de casas com televisão no Brasil subiu de 68,4 milhões<sup>2</sup> para 69,6 milhões entre 2019 e 2021, recorte que considera, também, o início da pandemia de Covid-19.

Para ancorar os apontamentos feitos ao longo deste estudo, tem-se a TV Cabo Branco como centro da análise. Com 35 anos de existência, o veículo de comunicação analisado faz parte da Rede Paraíba de Comunicação, maior conglomerado de mídia do estado da Paraíba,

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf). Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>2</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 09 mai. 2023

Nordeste brasileiro. Além da TV Cabo Branco, a Rede Paraíba de Comunicação comporta outros veículos: TV Paraíba (afiliada Globo com sede em Campina Grande); portais g1 Paraíba<sup>3</sup>; ge Paraíba<sup>4</sup>; Jornal da Paraíba<sup>5</sup>; Rádio CBN Paraíba<sup>6</sup>; e Rádio Cabo Branco FM<sup>7</sup>.

De acordo com a pesquisa Kantar Ibope<sup>8</sup> divulgada em 2023 pela TV Cabo Branco, a emissora alcança cerca de 837 mil pessoas diariamente, e possui audiência maior que a soma das demais emissoras concorrentes locais, se configurando, na Paraíba, a emissora líder absoluta de audiência. A sede da TV Cabo Branco está localizada na capital paraibana João Pessoa, onde os materiais telejornalísticos propostos à pesquisa foram produzidos e posteriormente exibidos. Fica evidente, portanto, que a TV Cabo Branco e suas produções se constituem objetos adequados para desenvolvimento de pesquisa acadêmica.

O interesse em analisar a função pedagógica do telejornalismo presente em reportagens de séries especiais relacionadas a saúde na TV Cabo Branco surge como sequência às observações científicas feitas inicialmente de maneira restrita a função pedagógica do telejornalismo no combate a pandemia de Covid-19, que teve como fruto o projeto de pesquisa apresentado como condição à seleção no curso de mestrado e a promoção de debates acadêmicos em eventos nacionais e em publicações científicas. Além disso, a escolha do objeto de pesquisa também se justifica pela proximidade da autora com a emissora observada, já que a mesma trabalha para a Rede de Comunicação em questão e convive com as decisões editoriais e produtivas que giram em torno da realização de materiais telejornalísticos, como os aqui pesquisados. Desde o estágio nos portais da rede (no Jornal da Paraíba e no g1 Paraíba, entre 2019-2021) até a efetivação como repórter de um dos veículos (no g1 Paraíba, 2022 em diante), foi possível enxergar tais reportagens como sendo resultado de processos que podem ser analisados cientificamente. É possível afirmar que somente a partir desta convivência tornou-se possível enxergar os aspectos empíricos observados.

Para além do interesse em analisar produções da TV Cabo Branco, por vínculo justificado acima, o objeto de estudo também considera a importância do debate sobre os assuntos levantados nas duas séries observadas. Cada uma delas apresenta um tema em específico relacionado à saúde, quer seja sobre uma fase da vida (o envelhecer) ou,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>4</sup> Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>5</sup> Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>6</sup> Disponível em: <http://cbnjoaopessoa.com.br/>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>7</sup> Disponível em: <https://cabobranco.fm.br/>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>8</sup> Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/noticia/audiencia-da-tv-cabo-branco-e-71percent-maior-que-streaming-e-mais-que-a-soma-das-concorrentes-locais-juntas.ghtml>. Acesso em: 09 mai. 2023

especificamente, sobre uma questão biológica do ser humano (o sono). Em cada um destes temas há uma gama de possibilidades de abordagem, seja via especialistas ou mesmo por meio de depoimentos de pessoas que convivam diretamente com o assunto proposto a debate, através do produto telejornalístico.

No campo do envelhecimento, segundo o Ministério da Saúde<sup>9</sup>, a população idosa brasileira tem perfil caracterizado por uma tripla carga de doenças, com predomínio de problemas crônicos e alto índice de mortalidade, bem como de morbidade, causado por condições agudas de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão. Já de início é possível afirmar que, mesmo não tratando diretamente de uma doença em específico, a produção consegue abarcar diversos conteúdos que podem, inclusive, auxiliar na prevenção das doenças acima mencionadas, que fazem parte da realidade de milhões de idosos. Em sua análise, esta pesquisa se propõe observar como os assuntos debatidos podem influenciar os idosos a terem mais qualidade de vida, a partir do conhecimento que dificilmente seria apreendido senão adquirido através do telejornalismo.

E, não menos importante, o tema sono, que também não diz respeito diretamente a uma doença, mas não por isso deixa de ter significativa repercussão no escopo social. Segundo a Academia Brasileira de Neurologia, há mais de 100 distúrbios relacionados diretamente a problemas com o sono, como a insônia e a apneia obstrutiva do sono. E, somente no Brasil, 72% da população sofre com algum destes distúrbios, segundo pesquisa<sup>10</sup> da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) divulgada recentemente pelo próprio Ministério da Saúde. Como também será exposto na parte de análise desta pesquisa, o sono é o assunto central da série e pode desencadear em diversos outros conteúdos relacionados a ele.

Por fim, ainda no âmbito das justificativas para escolha do tema observado, vale mencionar que este estudo também tem como finalidade fomentar a pesquisa acadêmica geral, trazendo conhecimento para a área do jornalismo, e colaborando em suma para os debates em torno da função pedagógica do telejornalismo. Cabendo ainda destacar a cooperação com a Área de Concentração *Produção Jornalística* e Linha de Pesquisa *Processos, práticas e produtos jornalísticos*, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB).

Com base nas informações apresentadas até então sobre a pesquisa, foram elencados alguns objetivos, um deles geral, utilizado para nortear as observações feitas ao longo do curso,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://shre.ink/saudeidososbrminsaude>. Acesso em: 09 mai. 2023

<sup>10</sup> Disponível em: <https://shre.ink/pesquisafiocruzsonobr>. Acesso em: 09 mai. 2023

e outros três objetivos específicos, adotados para aprofundar as discussões. Como objetivo geral, portanto, se tem a análise de como a função pedagógica do telejornalismo é evidenciada em reportagens relacionadas à área da saúde. Partindo disso, os objetivos específicos aqui elencado são: debater sobre a importância do telejornalismo na contemporaneidade, a partir da historicização do campo; analisar as reportagens das séries especiais “Envelhecer – Bora conversar?” e “Sono – Por que dormimos?”, da TV Cabo Branco, para identificar o uso de dispositivos didáticos nas produções; e, por fim, caracterizar aspectos que podem evidenciar a função pedagógica do telejornalismo nas produções analisadas.

A dissertação está dividida em cinco capítulos, entre eles a introdução e as considerações finais. Dando sequência a introdução, o segundo capítulo debate sobre a importância do telejornalismo como um todo no contexto social, considerando as mudanças informacionais advindas de fenômenos da contemporaneidade, como o surgimento e acesso à internet, e detalha toda a evolução histórica do meio de comunicação que, como já mencionado acima, segue em alto nível de consumo pelos brasileiros. Também busca demonstrar à luz de um arcabouço histórico como as produções jornalísticas de TV mostraram ser, no Brasil, fundamentais à formação intelectual dos telespectadores. Para tal, apresenta dados sobre a popularidade da televisão no país e, mais estritamente, da emissora objeto de estudo em sua conjuntura regional, a fim de demarcar as posições que tais aspectos de fato ocupam no berço social.

Ainda no segundo capítulo, questões sobre o gênero telejornalismo em si, e do telejornalismo especializado em saúde, também são abordadas, buscando, para tal, fazer um passeio sobre as questões que permeiam o jornalismo científico no Brasil e no mundo. E, além disso, são apresentadas especificidades do telejornalismo aplicadas às problemáticas atuais relacionadas à saúde (como a pandemia de Covid-19 e outros problemas neste âmbito), considerando que tais complexidades podem revelar questões norteadoras ou, práticas a serem revistas e abandonadas no exercício do jornalismo profissional na televisão.

O terceiro capítulo levanta uma discussão a respeito da função pedagógica do telejornalismo. O conceito é explicado e explorado a partir do aprofundamento de pontos de vista já levantados por autores que pesquisam o tema, como Vizeu e Cerqueira, além do apontamento de observações científicas do campo do jornalismo postas em direção à área da saúde, feitos, por exemplo, por autores como Moretti, Oliveira e Silva (2014). No que concerne aos dispositivos usados pela função pedagógica do telejornalismo, a base teórica utilizada na pesquisa foi levantada inicialmente por Cerqueira em sua tese de doutorado intitulada “Saberes, linguagem e dispositivos didáticos: as dimensões da função pedagógica do telejornalismo”

(2018). O material será observado como forma de espelho para que as características observadas a partir da aplicação metodológicas sejam interpretadas, trazendo ainda reflexões de autores como Iluska Coutinho, Alfredo Vizeu, Adelmo Genro Filho, Cárilda Emerim, Beatriz de Araújo Cavenaghi, Margarida Rivière, Eduardo Meditsch, Gonzaga Motta, Antônio Brasil e Edna Melo.

Dando sequência ao estudo, o quarto capítulo apresenta os processos metodológicos e o desenho da pesquisa. O trabalho está delineado a partir da análise de conteúdo, através da categorização dos aspectos que revelam o uso de dispositivos didáticos que resultam na evidência da função pedagógica do telejornalismo nas reportagens observadas, a partir do recolhimento dos arquivos em vídeo das de todas elas. Além disso, também se utilizara de entrevista semiestruturada com profissionais envolvidos nas duas séries de reportagem postas à observação científica, com o objetivo de observar práticas que podem ter como resultado os dispositivos didáticos levantados teoricamente, de modo a fincar os resultados da pesquisa, que serão interpretados e analisados no capítulo seguinte. Nesta etapa, considera-se também o detalhamento do uso de cada aporte metodológico como parte fundamental para posterior leitura e interpretação dos resultados, partindo do entendimento de que somente tendo conhecimento do caminho trilhado é que se pode compreender melhor as hipóteses levantadas e os resultados esperados.

O quarto capítulo é dedicado ainda a apresentação do objeto de estudo, desde o detalhamento do que é a emissora TV Cabo Branco, enquanto empresa privada e veículo de comunicação jornalística, até a explicação e descrição de cada série analisada, via categorização das particularidades de cada uma delas, como a quantidade de episódios, estrutura de produção e detalhes de suas exibições. Para que seja feita essa análise e posterior apresentação, são utilizadas ferramentas de arquivamento dos conteúdos das séries, bem como a exibição de imagens colhidas das próprias produções. É também neste capítulo que é feita a apresentação e o debate sobre os resultados obtidos a partir da aplicação dos métodos já apresentados, com reflexões sobre os dispositivos didáticos levantados em pesquisas anteriores que também argumentam sobre a função pedagógica do telejornalismo.

Por fim, no quinto e último capítulo são feitas as considerações finais. São apresentadas as características observadas na análise das reportagens, e também é realizado um debate em torno das diferentes visões dos entrevistados a respeito das produções analisadas, com detalhes que vão desde a concepção da ideia das reportagens até as expectativas de alcance e influência nos telespectadores, considerando a hipótese de que os dispositivos didáticos podem gerar

conhecimentos específicos, neste caso, a respeito dos temas abordados – sono e envelhecimento. Como propósito central, pretende-se delinear observações que ajudem a fomentar a reflexão científica sobre a importância do telejornalismo na sociedade, e, principalmente, sobre como as produções telejornalísticas podem contribuir para o avanço social em conhecimento em determinadas áreas, como na área da saúde, fundamental à sobrevivência humana.

## 2. TELEJORNALISMO E SOCIEDADE

No dia seguinte à inauguração da TV no Brasil o telejornalismo já se fazia presente. No telejornal “Imagens do Dia”, transmitido em 19 de setembro de 1950 pela TV Tupi, um seleto grupo da população brasileira viu, pela primeira vez, imagens brutas dos fatos que aconteceram naquele dia (Mello, 2015). Daí em diante, o gênero caminhou para o que é hoje. Se tornou personagem principal no jornalismo brasileiro, mostrando desde o início da história da TV no país sua alta capacidade de alcance e, para além de poder de audiência, mostrou também a influência que poderia exercer – e exerce – no cenário nacional. Como afirma Ramonet (1999), além de assumir o poder como primeira mídia de lazer e diversão, a televisão se torna também a primeira mídia da informação de grande alcance no Brasil.

Mas, não há como debater sobre o gênero telejornalismo no Brasil sem antes passar pela história da televisão brasileira como um meio de comunicação. Atualmente, inclusive, há episódios que ajudam a entender a influência deste meio para a massa, como o caso observado nas eleições mais recentes, em 2022, quando os brasileiros votaram para eleger o presidente da República, os governadores, deputados federais e estaduais e senadores, as campanhas educativas feitas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em prol do bom andamento do pleito foram vistas pela população brasileira mais de 77 bilhões de vezes através da televisão, segundo pesquisa do Kantar Ibope<sup>11</sup>. E, entre as propagandas do TSE exibidas na TV estava a “Bora Votar!”<sup>12</sup>, que abordou a necessidade da participação de jovens de 16 e 17 anos, cujo dever do voto é facultativo, nas eleições de 2022. Ao fim do pleito, o TSE constatou que houve aumento de mais de 52%<sup>13</sup> na quantidade de jovens em faixa etária eleitoral facultativa que votaram para eleger os representantes de sua preferência, em comparação com as eleições de 2018. Um exemplo que materializa o pensamento de Becker (2016), ao afirmar que a TV permanece sendo o meio dominante tanto de divulgação quanto de acesso à notícias em diferentes formatos, como em áudio e vídeo, em localidades diversas do mundo e, também, no Brasil.

Mais recentemente, num esforço para categorizar epistemologicamente o telejornalismo brasileiro, Edna de Mello Silva e Yago Modesto Alves (2017) dividem a história do gênero no

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Maio/campanhas-do-tse-em-canais-abertos-de-tv-foram-assistidas-mais-de-77-bilhoes-de-vezes-em-2022>. Acesso em: 10 mai. 2023

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Setembro/bora-votar-conheca-a-nova-campanha-para-o-eleitorado-jovem>. Acesso em: 10 mai. 2023

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-crescem-numeros-de-jovens-e-idosos-aptos-a-votar>. Acesso em: 10 mai. 2023

país em cinco fases: 1. O telejornalismo falado, herança do modelo radiofônico; 2. Telejornalismo com externas, a reportagem sai às ruas; 3. Telejornalismo *All News*; 4. Telejornalismo Convergente: o surgimento de novas telas; 5. Telejornalismo expandido: o jornalismo televisivo nas redes sociais. A partir do arcabouço apresentado pela referida pesquisa, é possível levantar dados históricos que tornam viável a compreensão de elementos importantes à história da TV como meio comunicacional e do telejornalismo como protagonista deste meio.

O glamour dado à TV por Assis Chateaubriand, que por meio de uma iniciativa privada trouxe ao Brasil um equipamento inovador, por meio do qual as pessoas poderiam assistir a produções de diversos gêneros, veio do rádio. Por 18 anos, inclusive, o programa Repórter Esso comunicou na TV de forma radiofônica, com manchetes entoadas e informações que facilmente ainda hoje seriam televisionadas. A televisão mostrou, então, sua habilidade de mediar a identidade social, com a noção de nacionalidade passando pelas imagens transmitidas na TV (Hohlfeldt, 2010). É neste contexto que se insere o telejornalismo, dada a devida proporção do avançar tecnológico e da globalização ainda mais potencializada com o advento da internet.

No momento inicial da história da televisão no Brasil, o telejornalismo deu seus primeiros passos com destaque para o apresentador, e não para a notícia. Com baixo aporte técnico, os telejornais centralizavam no chamado “locutor apresentador” a responsabilidade de informar fatos que dificilmente haviam sido registrados em imagens nítidas. Com um figurino cravado de formalidade, formado por terno, gravata e toda pompa que até os dias atuais é justificada pelas emissoras como sendo necessária à denotação ética do telejornalismo, o apresentador literalmente lia as notícias ao vivo e aparecia no quadro televisor (Alves, 2008; Lorêdo, 2000). Uma rotina diária que ao longo dos anos se modificou até chegar aos padrões observados hoje, que seguem em plena evolução a depender do momento histórico que vive a humanidade – como será abordado mais à frente em um tópico destinado à pandemia de Covid-19.

Umberto Eco (1984) divide a história da televisão no Brasil em dois momentos: a Paleotelevisão, de 1950 até 1970; e a Neotelevisão, de 1970 até o final da década de 1980. A partir desta divisão, observa-se que inicialmente a TV existia para pouquíssimas realidades, sob tutela governamental, e monopólio político. Depois, na época da Neotelevisão, fica evidente a existência da expansão dos programas televisivos, com apelo ao avançar técnico e alto apelo público (Eco, 1984). Avançar este que caminhou por longos anos, entre avanços técnicos e de

ordem editorial, para o que se conhece por televisão, e conseqüentemente, por telejornalismo, nos dias atuais.

Mello (2009) relata em um texto acadêmico o início do cenário televisivo no país, no âmbito do telejornalismo. A autora destaca a precariedade técnica e a experiência restrita apenas às práticas observadas no jornalismo impresso, com a qual os profissionais chegavam para trabalhar nos telejornais.

No início, o telejornal apresentava as notícias no formato do programa de rádio que originou a sua criação. Como os profissionais não estavam ambientados com a televisão e os equipamentos para gravar e transmitir imagens boas eram raros, o telejornal não era interessante em seu começo. Isso porque era composto basicamente de textos e com poucas imagens. Estas chegavam com até 12 horas de atraso e, quando davam suporte à notícia, o telespectador, muitas vezes, já tinha se desinteressado pelo assunto (Mello, 2009, p. 4).

O enquadramento dado às notícias naquela época resultava do modelo americano de TV (Mattos, 2010), que inspirou o telejornalismo brasileiro em seus primórdios, com moldes espelhados até a contemporaneidade. Piccinin (2008) inclusive relata que não apenas a estrutura cenográfica dos telejornais dos Estados Unidos foi reproduzida pelo telejornalismo brasileiro, como também as noções éticas que permeiam o fazer jornalístico dos profissionais envolvidos na produção dos telejornais, como o entendimento sobre imparcialidade e objetividade (Piccinin, 2008). Os roteiros dos programas, as técnicas de apuração e até mesmo a entonação ao se noticiar o fato foram criados a partir do modelo americano, dadas as proporções da evolução da tecnologia no Brasil.

Com o passar dos anos, a chegada do *videoteipe*, que possibilitava o acompanhamento e edição posterior à gravação das imagens, bem como a diminuição do tamanho físico de equipamentos como câmeras, e aumento da mobilidade das ferramentas necessárias aos telejornais, possibilitou o avançar, também, do fazer jornalístico. Alguns avanços específicos marcam, ainda mais, o desenvolvimento dos telejornais, como pontuam Silva e Alves (2017) ao retratarem o início de gravações externas e a conseqüente ampliação do alcance da TV, através da implantação de emissoras no interior do país.

A gravação de externas em fitas magnéticas tornou o sistema de edição mais rápido e dinâmico. Por outro lado, a capacidade de mobilidade da equipe de gravação externa aumentou consideravelmente, tornando possível o registro de acontecimentos em diversas partes do mundo. Nessa fase do telejornalismo, a reportagem televisiva se amplia e passa a incorporar mais informações em nível nacional, à medida em que ocorre também a expansão das emissoras pelo interior do país. A criação do primeiro telejornal em rede, o Jornal

Nacional, da Rede Globo de Televisão é um exemplo desse período (Silva; Alves, 2017, p. 6).

Além dos avanços acima pontuados, pode-se destacar também a regionalização do telejornalismo, evidenciada principalmente após a interiorização das afiliadas de emissoras como a Globo. Coutinho e Martins (2008) reiteram que quando as notícias se referem ao lugar onde o telespectador mora, influenciando o sentimento de pertencimento, a mediação que o telejornal faz a partir da inserção de quem o consome no espaço público, se torna ainda mais estreita. E é nesta conjuntura que a disseminação de noticiários regionais ganha força e faz o gênero telejornalismo se tornar um importante ator social, cuja identificação com o público se torna real a partir do espelho de seu dia a dia.

Tempos depois, o avanço se deu no modelo *All News* de se produzir telejornalismo, em meados dos anos 1990. O aperfeiçoamento técnico unido aos avanços laborais da própria práxis jornalística possibilitaram a criação de canais, como a Globo News, com programação inteira composta apenas por telejornais, em diferentes formatos e editorias, e fizeram com que o cotidiano pudesse ser retratado de maneira mais detalhada e aprofundada em um meio de simples alcance: a TV. A partir de então, as mudanças nas rotinas produtivas profissionais se tornaram ainda mais frequentes, tendo como fruto diversos estudos empíricos sobre a evolução do fazer telejornalístico no âmbito da produção de notícias com deferentes tecnologias.

Com a expansão do audiovisual para outras telas, como as de computadores e celulares, o telejornalismo se viu em novos formatos. Silva, Rocha e Silva (2008) defendem que a televisão está em atual estado de transformação, e, portanto, se baseia principalmente na informatização da produção, como visto tanto no avançar das ferramentas tecnológicas, como também nas mudanças laborais observadas no cotidiano produtivo das redações. Para os autores, tal estado pode ser observado à luz dos estudos de Scolari sobre hipertelevisão, conceito que defende a televisão como algo que está inserido na convergência de outras mídias, principalmente, na nova textualidade televisiva (Scolari, 2008).

No âmbito da hipertelevisão, Scolari (2014) afirma que, acostumados a lidarem com outras muitas telas, os telespectadores se aprofundam nos temas exibidos na TV fazendo uso simultâneo de outras ferramentas, como a internet, e também consomem outros conteúdos ao mesmo tempo, pelo celular ou tablet. O conceito de hipertelevisão pressupõe, portanto, que “uma mídia terá sempre relação com outras” (Scolari, 2014 *apud* Silva, Rocha e Silva, 2018, p. 5) o que, ainda de acordo com o autor, seria uma consequência do processo de readequação da

própria televisão, que percebe sua decadência frente aos novos dispositivos e passa a caminhar rumo à sua reinclusão como opção informativa para o público.

A aparição de novas ferramentas midiáticas – desde os videogames até a internet – ameaça e corrói o até então indiscutível poder dos meios de comunicação. O consumo televisivo tradicional (aberto e a cabo) se mantém estável, porém, é nas novas gerações que seu consumo começa a cair. É evidente que o consumo midiático dos jovens inclui uma variada gama de experiências, entre as quais a televisão ocupa uma cifra menor em relação a gerações anteriores (Scolari, 2014, p. 158).

Ainda com relação às mudanças estruturais da televisão, Silva, Rocha e Silva (2018) categorizam três estágios. O primeiro deles, a fase transpositiva, que compreende o período em que as emissoras lançam os portais web, a partir dos anos 2000, e quando também passam a articular os conteúdos exibidos em telejornais nos sites, com tentativas iniciais de interação com o público na internet; a segunda fase a hipermidiática, quando as emissoras começam a transmitir os conteúdos tanto na TV quanto na internet, apresentando o mesmo produto em diferentes plataformas, com o surgimento do fenômeno da segunda tela; e a terceira fase, a expandida, com a expansão de conteúdos dos telejornais para outras plataformas, como para aplicativos e redes sociais, aumentando o alcance dos conteúdos televisivos para outros formatos (Silva; Rocha; Silva, 2018).

E é no contexto das transformações descritas acima que a televisão, e mais especificamente o telejornalismo, surge e permanecem inseridos em diversas conjunturas sociais. Evolui dia a dia, juntamente com os mais diversos campos sociais, e continua se mostrando capaz de fazer parte do cotidiano das pessoas. Como lembra Traquina (2016), o jornalismo como um todo continua podendo ser observado com complexidade suficiente para o tornar determinante na escolha de assuntos que se tornam públicos (Traquina, 2016), e para além disso, como atividade profissional que se configura alvo central de preocupação de outros agentes sociais, uma vez que oferece interpretações distintas de como compreender o mundo que apresenta a quem o consome. O que habilita discussões científicas, como a proposta neste trabalho.

Neste sentido, é válido pontuar também alguns processos sociais capazes de auxiliar no entendimento sobre a importância da televisão, e do telejornalismo. Maffesoli (1999) apresenta o termo Socialidade para definir o elo que faz perdurar a existência do cerne social, além dos demais fatores e racionalidades debatidas ao longo da História. Para o autor, mesmo em uma sociedade guiada por funções de classe, há algo que sustenta as relações, que funciona como forma de “cimento”, como descreve o autor, para unir os laços pessoais ou profissionais que

permitem a continuidade das dinâmicas sociais (Maffesoli, 1999). No âmbito dos estudos propostos nesta pesquisa, pode-se classificar a televisão, bem como o telejornalismo, como força motriz para o entendimento de determinados contextos, considerando a potência do que se é transmitido na TV, e sua conseqüente recepção pelos telespectadores.

Na contemporaneidade, a informação sob a moldura jornalística consegue consolidar as interações sociais (Alsina, 2009), funcionando também como mecanismo de construção da realidade por meio de enunciados. Considerando, portanto, a transmissão destas informações, que fazem parte de interações cuja âncora se baseia em decisões editoriais, é possível afirmar também que também é na ação legítima do jornalismo que se dão as dinâmicas atuais. E não é tão difícil imaginar onde os efeitos que este processo culmina: uma manchete assistida na TV, é compartilhada na internet, debatida na rua, e por aí vai... Como também afirma Rodrigo Alsina (2009), é nestas informações que o público constrói sua noção de realidade, e se apropria de referencialidade para ampliar os horizontes.

Sob outra perspectiva, Meditsch (2013) se opõe a compreensão de formador total da realidade, atribuída ao jornalismo e aqui ramificada ao telejornalismo, e à televisão, e vice versa. Ele acredita que exagerar na importância da mídia na construção social chega a ser um engano teórico, adentrando em estudos que consideram a produção de informação como sendo resultado de dados em estado difuso, o que configura a mídia, portanto, como ator final de um trabalho sociais construído por muitas mãos (Meditsch, 2013). Nesse sentido, percebe-se uma quebra teórica que nos permite enxergar as diversas compreensões acerca das relações pelas quais permeiam o telejornalismo, desde seu surgimento até sua apresentação contemporânea.

Cabe destacar ainda que a discussão proposta por esta pesquisa considera o debate múltiplo e, de mesmo modo, acredita que o telejornalismo também é composto por uma implantação social da mídia como construtora da realidade (Cerqueira, 2018). Outrossim, supõe que o telejornalismo é uma experiência única, cotidiana e também coletiva, que possui representação e também construção da realidade social contemporânea (Becker, 2004), considerando a força das relações entre os profissionais jornalistas, que ao mesmo tempo em que compõem o próprio campo, também fazem parte da sociedade. Bourdieu (1997) pontua tal questão.

Os jornalistas – seria preciso dizer o campo jornalístico – devem sua importância no mundo social ao fato de que detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e difusão em grande escala da informação, e, através desses instrumentos, sobre o acesso do simples cidadão, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas escritores, ao que se chama por vezes de espaço público, isto é, à grande difusão (Bourdieu, 1997, p. 65).

Para além disso, também é preciso pontuar a necessidade de se entender o jornalismo, e o jornalismo brasileiro, ao qual se curva este estudo, como espaço de saber e de conhecimento social (Coutinho; Pereira, 2017). Aqui, considera-se o jornalismo como a ponta de um processo que se iniciou há mais de 70 anos, com trajetória temporal já apresentada acima, e que passa pelo telejornalismo. Um campo em desenvolvimento constante, que faz uso de um bem público, a informação, para criar laços sociais e, portanto, como pontua Vizeu (2009), permanece tendo seu principal produto, o telejornal, como o de maior impacto.

## **2.1 O gênero telejornalismo**

Tendo como principal matéria prima a notícia (Erbolato, 2004), o jornalismo tem mostrado sua capacidade de reformulação dia após dia. Desde a prensa de Gutemberg até a internet, a divulgação de acontecimentos é feita por profissionais jornalistas que usam as ferramentas disponíveis para gerar conteúdo. Neste âmbito encontram-se os telejornais, que segundo Vizeu (2007) cumprem a função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Como produto do telejornalismo, portanto, os telejornais fazem parte da rede de esforços empregados para que o dia a dia seja documentado, exibido e interpretado pela sociedade, que assiste, consome e compartilha, reorganizando significados e oferecendo ainda mais amostras do que se entende por realidade.

Temer (2010) define o telejornalismo como um gênero que diz respeito a divulgação de informações verdadeiras, entendidas como sendo aquelas obtidas através do relato/testemunho de fontes oficiais. É um gênero que resulta de um processo em que o jornalista desempenha diversas funções para chegar nas matérias que o público assiste na hora do café da manhã, do almoço e do jantar. Algo que está diretamente relacionado à realidade das famílias, e das famílias brasileiras, como parte de um “lugar de referência”, como acreditam Vizeu e Correia (2008). E é no contexto da veracidade das informações que se pode entender o telejornalismo como produto direto do jornalismo em si.

O telejornalismo, portanto, diz respeito à informação verdadeira, de interesse público e do interesse do público, podendo ser definido como um processo social que se articula na relação periódica e oportuna de divulgação de informações (fatos e opiniões) como uma prática social mediadora entre os fatos e o público, com o objetivo de facilitar o conhecimento e o entendimento desses fatos (Temer, 2010, p. 105).

Gomes (2011) defende que o jornalismo como um todo, em sua essência, tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível através de várias organizações jornalísticas, dentre elas, o telejornalismo. Esta concepção tem como resultado a ideia de que o produto jornalístico seria uma construção social (Gomes, 2011), vinculado ao imaginário do público que acompanha o próprio cotidiano através, principalmente, das telas que o exibem. E neste contexto, o telejornal, portanto, pode ser considerado um dos formatos mais importantes da televisão (Hohlfeldt, 2010). O gênero que surgiu juntamente com o nascimento do próprio equipamento do qual se apropria para existir, a TV funcionaria também como importante mola social, para além das especificidades técnicas que proporcionam diversidade de programação na televisão no geral.

Aprofundando mais a discussão sobre o telejornalismo enquanto gênero, compete salientar algumas questões que permeiam sua prática até chegar no produto resultante, o telejornal. De forma prática, Charaudeau (2009) acredita que o telejornal funciona como apresentação de acontecimentos ocorridos em determinado período de tempo, através do formato notícia. Já Backes e Duarte (2020) observam que os telejornais se estruturam internamente entre si, de maneira semelhante uns aos outros. Essa estruturação está ancorada em uma hierarquia de funções, que vai de cargos como o de produtor, repórter, editor de imagens, cinegrafista, até o de editor chefe; e para além disso, a estruturação dos telejornais também está relacionada semântica e sintaticamente, de forma que o enunciado proferido por tal se constitua como “um padrão de fácil identificação pelo telespectador, variando, a cada exibição, os seus enunciados englobados” (Backes; Duarte, 2020, p. 4).

As autoras também pontuam que o produto do telejornalismo, o telejornal, também pode ser caracterizado como um tipo de noticiário que tem como conteúdo principal a informação sobre acontecimentos de diversas esferas, como a esfera política, a cultural, cotidiana e a esportiva, tanto de âmbito local como no nacional e ainda no contexto mundial. Estas informações adentram na programação do noticiário a partir de uma seleção via critérios pré-estabelecidos, os chamados critérios de noticiabilidade, que são definidos por meio de valores notícia (Wolf, 2003). Como resultado de todo esse processo, têm-se, por fim, o telejornal, que segue um ordenamento específico para garantir sua plena funcionalidade, por lógica de produção e disposição técnica.

A partir do estúdio, são proferidas as falas dos âncoras e apresentadores, sucedidas pela veiculação de reportagens, entradas ao vivo de repórteres, participação de correspondentes, enviados especiais e comentaristas. As edições dos telejornais dividem-se em blocos com duração de tempo predefinida e separados por intervalos publicitários e promocionais. Sempre

que um bloco chega ao fim, o telespectador é alertado sobre os assuntos que podem ser de interesse no bloco seguinte (Backes; Duarte, 2020, p. 4).

Silva (2014) explica que os critérios de seleção das informações a serem abordadas nos telejornais se dão a partir de três diferentes níveis de noticiabilidade: primeiro, o nível de seleção dos fatos, a partir do valor e das características dadas a cada tipo de acontecimento; depois, o nível de tratamento destes fatos, considerando a montagem de uma hierarquia que define quais são os mais ou menos importantes dentro da própria organização empresarial/editorial na qual o telejornal em questão está inserido, como a qualidade do material produzido; e, por fim, o nível que considera a visão dos fatos a partir de fundamentos éticos, epistemológicos e filosóficos do próprio jornalismo, que compreende conceitos como objetividade, imparcialidade e interesse público. Neste âmbito, citando novamente Backes e Duarte (2020), se forma a realidade televisual que, considerada como uma fragmentação do real empírico do mundo, “expõe o telespectador a um discurso construído pelo telejornal, sem evidenciar, em sua narrativa, as rupturas promovidas pelos sujeitos da enunciação durante essa construção” (Backes; Duarte, 2020, p. 5).

Para além das questões simbióticas e das funções hierárquicas que tornam possível a produção e exibição dos telejornais, há ainda os dispositivos internos, em diferentes contornos, que os mesmos fazem uso para transmitir as notícias que vão ao ar. Formatos como a nota coberta, *link* ao vivo e *stand-up* são usados para diferir o tom dado a cada informação repassada nos telejornais. Há diversos glossários<sup>14</sup> com termos semelhantes a estes, inclusive, desenvolvidos por órgãos e instituições distintas que buscam padronizar sua produção, e ao mesmo tempo, acabam trazendo ao público o entendimento necessário sobre cada formato usado nos telejornais e na imprensa geral. Como pontua Curado (2002), as regras de comunicabilidade utilizadas por jornalistas que trabalham com televisão são diferentes das de profissionais envolvidos com a produção jornalística em outros veículos de comunicação.

Becker (2016) conclui, também, que a televisão e o telejornalismo intermediam a construção da memória coletiva, por meio de uma realidade social. Mesmo que não necessariamente o exemplo descrito acima trate de um produto telejornalístico, fica evidente o que a autora dispõe: as pessoas consomem e produzem um efeito a partir do que veem na TV. Há produção de significados simbólicos (Temer, 2016), e conseqüentemente, ações que são ocasionadas pelo efeito informativo que há nas nuances televisivas. Cabe pontuar, portanto e

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario>. Acesso em: 10 mai. 2023

novamente, o entendimento de Temer (2016), destacando que a TV, bem como o telejornalismo, ocupa um relevante lugar no movimento de construção, bem como na construção e no compartilhamento de significados.

Com o avançar da História e da própria atividade jornalística, por fim, o telejornalismo também se viu como campo em desenvolvimento e possível queda. Pesquisas outrora realizadas pontuaram diversas previsões a respeito do desastroso “futuro” do telejornalismo, considerando conceitos como o de convergência midiática (Jenkins, 2009) e o próprio avanço tecnológico, além do advento do Jornalismo Pós-Industrial, não mais organizado por normas ou maquinário produtivo (Brasileiro, 2019). Em direção oposta a tais ponderações, Cerqueira (2018, p. 82) pontua que é preciso salientar no devido campo científico que o modelo atual de noticiário televisivo consegue expandir “sua possibilidade de constituição e aparição”. Para o autor, o telejornalismo segue presente em diversos formatos e telas e permanece sendo “protagonista” no que se entende por construção da realidade (Cerqueira, 2018).

Ao lado de outras instituições, o telejornalismo, a partir da sua natureza discursiva, gerada pela interpretação de fatos, aquisição de fontes, seleção de informações, constrói uma nova realidade a ser compartilhada; contribuindo com a objetivação de significados sociais, constituídos de interações sociais (Cerqueira, 2018, p. 67).

Neste sentido, cabe também mencionar que o telejornalismo enquanto gênero comporta intrinsecamente os valores da imprensa, independente do segmento ao qual pertence, possui o dever de transmitir informações verdadeiras à população (Barbosa, 1990). Mesmo com a veia mercadológica das empresas, influenciadas por lógicas capitalistas diretamente relacionadas a interesses de mercado, há jornalistas comprometidos eticamente, que checam as informações antes de as mesmas serem noticiadas nos telejornais, o que constitui ao telejornalismo, portanto, uma função de cunho social. E, como será exposto mais à frente, este esforço também constitui ao gênero uma função pedagógica.

## **2.2 Telejornalismo especializado**

No escopo geral das práticas do telejornalismo há espaço para diversos assuntos. Como já mencionado anteriormente, os telejornais exibem notícias sobre temas como cultura, educação, economia, saúde e etc. No caso dos conteúdos relacionados à saúde, pode-se considerar a promoção do que se entende por jornalismo científico, definido por Miranda (2014) como “a produção baseada em ciência veiculada pelos meios de comunicação”, e considerada

ainda como “uma especialidade do campo do jornalismo” (Miranda, 2014, p. 3). Ou seja, inovações científicas, como o surgimento de vacinas, e até mesmo produções jornalísticas feitas acerca de temas relacionados à ciência em saúde, como doenças e assuntos vinculados ao bem estar humano, podem também ser caracterizadas como produto direto do jornalismo científico.

No presente estudo, que volta suas discussões científicas e análises ao campo do telejornalismo, para além das definições a respeito do jornalismo científico, observa-se também a questão do jornalismo especializado, no âmbito das produções em saúde. Esta concepção é definida por Bahia (1990) e trabalha mais a fundo por Carvalho (2007) como sendo o conceito dado a segmentação da notícia feita a partir dos assuntos abordados, que tem como resultado uma “informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando a notícia caráter específico” (Bahia, 1990 *apud* Carvalho, 2007, p. 10). E, ainda neste sentido, a proposta deste tópico é ir além e aprofundar a discussão, considerando que no próprio telejornalismo, e em seu produto, o telejornal, há determinadas produções especializadas, configurando, portanto, a dinâmica do que se opta por entender como **telejornalismo especializado**.

Neste contexto, é válido transpor saberes já levantados anteriormente a respeito da especialização de conteúdos em jornalismo, de forma a unir estes entendimentos aos aqui já discutidos sobre telejornalismo e assim ancorar, ainda mais, o debate proposto. E, cabe também pontuar as observações a respeito do jornalismo científico, uma vez que deste resulta a cultura de produção e demais conhecimentos proporcionados a partir da exibição das séries de reportagem que mais à frente serão utilizadas como objeto de análise para comprovar as hipóteses trazidos sobre a função pedagógica do telejornalismo.

O despertar da academia para os estudos em jornalismo científico pode ser ilustrado a partir das observações de Silva (2022). Em estudo publicado recentemente, a autora mapeou as pesquisas na área que foram publicadas nos anais de eventos anuais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Conforme o mapeamento, mais de 80 artigos científicos sobre jornalismo científico foram desenvolvidos e publicados somente no âmbito dos anais de congressos nacionais da SBPJor. Este quantitativo, conforme pondera a autora, demonstra “a pertinência e a disposição dos pesquisadores da área de pesquisa jornalística sobre o tema”, considerando os títulos e as palavras chaves de cada artigo, a partir da metodologia Estado da Arte com acesso às bases de dados da associação (Silva, 2022).

Com estruturação acadêmica consolidada em dados apresentados ao longo das pesquisas mencionadas acima, é possível desenhar a história do jornalismo científico. Miranda (2014)

menciona que a história da especialização jornalística deu saltos entre os séculos XIX e XX, a partir do advento das duas Guerras Mundiais, com conseqüente popularização da produção do conhecimento científico. Mas, o que marcou o início da difusão do termo “jornalismo científico” em escala mundial foi o trabalho desenvolvido pelo alemão Henry Oldenburg, conforme historicização de Oliveira (2002). Criador do periódico “Philosophical Transactions”, de 1665, Henry foi um cientista inspirador, que passou a receber retorno financeiro pelas cartas impressas de divulgação científica que produzia, com informações em um formato até então desconhecido, que viria a ser chamado posteriormente de Jornalismo Científico (Oliveira, 2002).

Já no Brasil, ainda de acordo com a autora, o jornalismo científico teve seu início em meados do século XVIII, a partir dos escritos de Hipólito da Costa no jornal *Correio Braziliense* (Bueno, 2009). Com relatos que passavam sobre a botânica e agricultura, Hipólito também passou a abordar assuntos relacionados a doenças que atingiam a população na época. Mas o marco principal do ensino e expansão do jornalismo científico no país se dá com a elaboração de projetos na área dentro das próprias escolas de jornalismo brasileiras e, como ainda pontua Miranda (2014), especificamente a partir do trabalho desenvolvido pelo professor José Marques de Mello na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

De lá para cá, o ensino ganhou força e fez com que as produções no campo do jornalismo científico fossem alavancadas no país. Mais recentemente, em 2022, em um debate sobre o jornalismo científico brasileiro, o *Jornal da Universidade de São Paulo (USP)* publicou a série “Os desafios para o jornalismo científico no Brasil”<sup>15</sup>, com considerações de especialistas a respeito do tema, a partir do que pode ser considerado avanço no campo, do ano de 2020 em diante, com o advento da pandemia de Covid-19. Em uma das reportagens especiais, com título “O que é preciso para ser um bom jornalista científico”, o repórter Luiz Roberto Serrano classifica características levantadas por profissionais da área para desenhar o jornalista científico ideal. Entre os atributos estão os princípios éticos e técnicos do jornalismo, a formação e treinamento de qualidade, de forma prolongada, além do que um dos especialistas chama de “curiosidade científica”.

Tendo como ponto de partida toda esta trajetória do jornalismo científico, é possível afirmar que no telejornalismo também há espaço para as práticas mencionadas. Ora, uma vez que produtores, repórteres, editores e demais profissionais envolvidos em rotinas produtivas

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/os-desafios-para-o-jornalismo-cientifico-no-brasil/>. Acesso em: 6 jun. 2023

(Noblat, 2002) que tem como resultado os telejornais implicam esforços na produção de conteúdos específicos, relacionados aos avanços da ciência – grande mola para o avanço da humanidade – e, conseqüentemente, exibem tais produções, por que não considerar que há a prática de jornalismo científico, no próprio âmbito do telejornalismo especializado?

Vasconcelos (2005) defende que é dentro do escopo do jornalismo especializado que o jornalista se envolve de funções que acabam por ultrapassar o domínio de códigos verbais de “determinadas parcelas do conhecimento ou da ação humana” (Vasconcelos, 2005, p. 2). Ou seja, é o profissional envolvido com determinada temática, e aqui considera-se como temática a área da saúde, que pode decodificar questões outrora não repassadas de maneira clara ao público, ou, aos telespectadores. O autor reitera, ainda, que nesta rotina especializada há também seleção de informações perante a “torrente de dados que a investigação biomédica gera no domínio da comunicação social”, e também pontua a importância da interação do jornalista com cientistas (Vasconcelos, 2005, p. 2).

É na interação com médicos, biólogos, farmacologistas, epidemiologistas, entre outros, que o jornalista de saúde assume a posição de decodificador de vocabulário, conceitos e discursos técnicos; tarefa que, efetivamente, não compete, senão, aos que se especializam em determinada área (Vasconcelos, 2005, p. 2).

Mesmo com os avanços aqui pontuados, cabe destacar que no campo do jornalismo científico, que pode ser observado em sua prática no telejornalismo especializado, há também lacunas a serem observadas, sobretudo no que diz respeito à consulta aos especialistas. Como será exposto mais à frente, interesses de ordem política ou mercadológica podem influenciar a forma como as informações são repassadas. Na contemporaneidade, não seria difícil imaginar, neste sentido, que determinado profissional cuja crença pessoal é desfavorável ao uso de vacinas deixe em voga tal opinião em entrevistas exibidas em telejornais, cujo público acredita no que assiste. São as complexidades atuais, abordadas no tópico a frente.

### **2.3 Complexidades na contemporaneidade**

Assim como outros diversos campos de estudo, o telejornalismo permanece em constante desenvolvimento, no ritmo dos avanços sociais. Complexidades observadas a partir de eventos históricos, de impacto mundial ou até mesmo local, podem resultar em mudanças não apenas na percepção das notícias, como também na produção destas notícias. Ou seja: no fazer jornalístico. Esta complexidade também pode ter como fruto processos que fazem com

que o telejornalismo avance, se modifique e acabe por mostrar diferentes facetas. Aqui, chamamos atenção para uma das demandas sociais encontradas na atualidade, sobretudo entre as que podem ter impacto direto nos entendimentos propostos por esta pesquisa sobre o telejornalismo: a necessidade de combate à desinformação.

No contexto da desinformação, pode-se destacar o advento de acontecimentos específicos que requerem a necessidade do uso do telejornalismo como verdadeiro agente de combate às problemáticas que afligem a sociedade. É o caso da recente pandemia de Covid-19, doença identificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, proveniente do vírus SARS-CoV-2. No Brasil, do início da pandemia até a escrita deste estudo, cerca de três anos depois do aparecimento da doença, a Covid-19 já havia matado mais de 700 mil pessoas<sup>16</sup>. Na fase mais crítica da pandemia, quando não haviam instruções padronizadas sobre prevenção e tratamento da Covid-19, o jornalismo, e em especial o telejornalismo, viu sua audiência crescer de maneira considerável e foi assistida por cerca de 204 milhões de brasileiros, em 2020, ano em que a pandemia começou no país, segundo o Kantar Ibope<sup>17</sup>. Quase 11 das 20 maiores audiências televisivas dos últimos cinco anos foram registradas apenas nos primeiros meses de pandemia, no Brasil, ainda de acordo com o Kantar Ibope<sup>18</sup>.

Para além dos índices de audiência, a relevância informativa da televisão também foi evidenciada no período, uma vez que para cerca de 79% dos entrevistados pelo Ibope, a TV foi o meio mais confiável para o recebimento de informações a respeito da Covid-19. No ano em que a TV no Brasil completou 70 anos de história, os telespectadores de telejornais passaram a acompanhá-los de maneira assídua não apenas para saber fatos do cotidiano, como também para conhecer assuntos relacionados ao novo coronavírus e saber lidar com suas formas de prevenção a partir de reportagens jornalísticas, ilustradas por opiniões científicas e falas de especialistas como médicos infectologistas e cientistas que trabalharam, desde o primeiro instante, para descobrir como parar a disseminação da doença.

As produções telejornalísticas se tornaram monotemáticas (Siqueira; Monteiro, 2020) com foco no contexto pandêmico. Nos bastidores, os jornalistas envolvidos em todo o processo produtivo dos telejornais precisaram modificar suas rotinas produtivas (Siqueira; Monteiro,

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 7 jun. 2023

<sup>17</sup> Disponível em: <https://kantaribope.com/conteudo/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>. Acesso em: 7 jun. 2023

<sup>18</sup> Disponível em: <https://kantaribope.com/conteudo/brasil-e-o-segundo-pais-mais-preocupado-com-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 7 jun. 2023

2020) passando a adotar medidas recomendadas por órgãos de saúde e por entidades da própria categoria, como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)<sup>19</sup>, para prevenir sua própria integridade física, bem como a continuidade da atividade jornalística, como a implantação do regime de trabalho *home office*, restrições à viagens a trabalho, distanciamento dos profissionais nas redações e uso obrigatório de máscaras de proteção facial.

Notícias relacionadas a pandemia da Covid-19 veiculadas em telejornais não apenas informaram a respeito de dados quantitativos, como também evidenciaram um caráter pedagógico ao discorrer, com auxílio de especialistas, de maneira didática, sobre as medidas necessárias para prevenção de contágios pelo novo coronavírus por parte da população, em suma no período inicial da pandemia, quando o cenário se mostrou incerto até mesmo aos profissionais de saúde. Dessa forma, é possível afirmar que a função pedagógica do telejornalismo, conceito ao qual esta pesquisa centraliza suas observações, pôde ser observada nas produções feitas no período.

Convém pontuar ainda que para além das subjetividades relacionadas ao papel social da área, a conjuntura apresentada também marca, de maneira mais sólida, o reconhecimento do jornalismo como sendo uma atividade essencial, legitimada no Brasil pelo Governo Federal, através do Decreto 10.288, de 22 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979<sup>20</sup>, de 6 de fevereiro de 2020, e define os serviços relacionados à imprensa como essenciais (Brasil, 2020, p. 01), ou seja, necessários bem como os de vários outros setores da sociedade. Necessários o suficiente para dar continuidade ao trabalho jornalístico, que não parou sequer por um dia, e, usando a palavra ainda mais evidenciada durante o período, se reinventou e modificou formatos para dar conta das demandas informacionais requisitadas pela sociedade.

Enquanto atividade essencial, portanto, assim como em demais acontecimentos históricos, no contexto da pandemia da Covid-19 os veículos de comunicação, em especial as emissoras de TV, precisaram se adaptar para dar continuidade a atividade e desempenhar seu papel social, considerando que a divulgação de informações oficiais acerca da realidade, feita a partir de um telejornalismo ético, responsável, crítico e transformador (Cerqueira, 2018), mostra-se, também, capaz de instruir a população.

Portanto, ao intervir na construção social da realidade o telejornalismo contribui para a produção dela e é instituído por ela. Participa da produção dos

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://fenaj.org.br/coronavirus-fenaj-reune-informacoes-sobre-acoes-e-orientacoes-dos-sindicatos-de-jornalistas-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 7 jun. 2023

<sup>20</sup> A lei nº 13.979, dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, responsável pelo surto de Covid-19. (BRASIL, 2020).

panoramas, de cenários reais, a partir de referências que emergem como fatos do mundo; provocando efeitos de realidade (CERQUEIRA, 2018, p. 69).

Cabe destacar também que o trabalho da imprensa ocupou o centro do combate à “*infodemic of misinformation*”, ou seja, à infodemia de desinformação<sup>21</sup>, como foi classificado o bombardeamento de notícias falsas relacionadas à pandemia, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sendo assim, muito além de informar à população sobre a conjuntura pandêmica, pode-se dizer que o telejornalismo também passou a lidar com o iminente descrédito a notícias relacionadas a crise emergencial do novo coronavírus, no contexto da pós-verdade (D’Ancona, 2018). Fenômeno já encontrado em outras realidades, mas ainda mais engrandecido no momento em que o mundo voltou os olhares para uma única doença e para todas as suas ramificações demonstradas ao longo da pandemia.

Neste âmbito, Silva, Luce e Filho (2017) destacam que a existência de aspectos da pós-verdade relacionados mais especificamente a assuntos de saúde, como à pandemia da Covid-19, pode por si só ser considerada um problema de saúde pública. Isso porque, uma vez compreendida de forma errônea, a partir de contextos socioculturais e ideológicos específicos, a informação oficial pode ser desacreditada e, como consequência disso, vidas são colocadas em risco.

Também no contexto dos debates em saúde pública, Moretti, Oliveira e Silva (2012) afirmam que a divulgação de informações seguras, distribuídas a partir de fontes oficiais, faz parte do processo de combate à disseminação de doenças, assim como qualquer outra ação direta de enfrentamento sanitário. Outrossim, aproximando à realidade vivenciada com o advento da pandemia do novo coronavírus, Ferraretto e Morgado (2020) reiteram o papel da divulgação de informações no processo de combate à Covid-19:

A difusão de informação com responsabilidade faz parte do processo de combate à pandemia. Se existem vários planejamentos da área de saúde para a redução do impacto da Covid-19, o mesmo acontece na de comunicação, que engloba diversos protagonistas: agências e assessorias de comunicação, jornais, revistas, estações de rádio, emissoras de televisão e serviços noticiosos e de entretenimento via internet. Cada um deles têm a obrigação de pensar suas limitações, possibilidades e necessidades sem deixar de fazê-lo com a responsabilidade exigida pelo momento (Ferraretto; Morgado, 2020, p. 24).

---

<sup>21</sup> Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=16&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16&isAllowed=y). Acesso em: 7 jun. 2023

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que, assim como em outros episódios históricos, durante a pandemia da Covid-19 o telejornalismo ocupa um lugar de destaque no que concerne ao papel social de informar aos cidadãos sobre as medidas necessárias à prevenção de contaminações pela doença. Afinal, como pontua Vizeu (2005) “os telejornais têm um espaço significativo na vida das pessoas”, como participantes ativos no processo de composição da realidade que as cercam (Vizeu, 2005, p. 12).

Sendo assim, a divulgação de notícias sobre normas orientadas inicialmente por órgãos oficiais de saúde, nos telejornais, como o uso de máscaras de proteção facial, a manutenção do distanciamento social e a higienização das mãos com álcool 70%, é feita não apenas para informar, como também para instruir a população, dada a importância da prática de tais medidas. São informações essenciais, que não podem ser suprimidas, mas ao contrário disso, devem trazer detalhes básicos que possam ser compreendidos corretamente pelos telespectadores (Vizeu, 2009).

Indo adiante, para além da pandemia de Covid-19, há também outros fatos que indicam aspectos da desinformação presente em assuntos relacionados à saúde, antes inclusive do advento da pandemia do coronavírus, e que demonstram o valor combativo do jornalismo em sua ampla rede de produção e o telejornalismo, especificamente, neste contexto. É o caso do famoso artigo<sup>22</sup> do médico inglês Andrew Wakefield. Publicado na revista médica *The Lancet*<sup>23</sup>, em 1998, o estudo de Andrew afirmava que a vacina tríplice viral, que previne contra o sarampo, a caxumba e a rubéola, causava autismo em crianças.

Na época, o estudo informava ter considerado uma amostra de 12 crianças para colher os dados que, teoricamente, teriam confirmado a hipótese. No entanto, anos depois da publicação na *The Lancet*, em 2004, o jornalista investigativo Brian Deer<sup>24</sup> publicou no jornal *The Sunday Times* uma reportagem revelando que, na verdade, o autor do suposto estudo que relacionada à vacinação com a tríplice viral aos casos de autismo teria sido pago por advogados interessados em ações contra indústrias farmacêuticas, para manipular as informações.

Fato é que, mesmo com a reportagem comprovando a desinformação difundida por Andrew Wakefield, houve queda na vacinação de crianças com o imunizante mencionado no falso estudo. E mesmo com novas pesquisas que seguem não encontrando relação entre o

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140673605756968/fulltext>. Acesso em: 10 jun. 2023

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.thelancet.com/journals/lancet/home>. Acesso em: 10 jun. 2023

<sup>24</sup> Disponível em: <https://butantan.gov.br/butantan-educa/saiba-mais-sobre-brian-deer-o-homem-que-desmascarou-a-fraude-que-ligava-vacinas-ao-autismo>. Acesso em: 10 jun. 2023

autismo e a vacina tríplice viral – como a publicada no Journal Of The American Medical Association<sup>25</sup>, que avaliou mais de 95 mil crianças norte-americanas, entre os anos de 2001 e 2012, e não encontrou nenhuma evidência entre o espectro e o imunizante – pais do mundo inteiro seguem hesitando em vacinar seus filhos, o que, entre outras consequências, pode representar o retorno de doenças já erradicadas, como, neste caso, o sarampo, a caxumba e a rubéola.

Neste caso, em específico, o médico Andrew Wakefield perdeu o direito de exercer a medicina em seu país, o Reino Unido, depois de uma disputa judicial que serviu como marco para as demandas relacionadas a falsas informações difundidas na área, e por profissionais da área da medicina. A revista The Lancet, um dos mais importantes veículos de jornalismo científico do mundo, por meio da qual Andrew divulgou a desinformação, fez uma retratação<sup>26</sup> da publicação de 1998, somente após a denúncia jornalística vir à tona.

No Brasil, diversos outros casos semelhantes ao mencionado anteriormente também podem ser observados à luz da desinformação em saúde, e em saúde pública. Em alguns episódios relacionados especificamente a vacinas, inclusive, observa-se o efeito contrário: ao invés da fuga, a busca desesperada por imunizantes. Foi o que aconteceu em 2008, quando uma notícia inverídica sobre uma suposta epidemia de febre amarela provocou uma verdadeira corrida em busca pela vacina contra a doença, no estado de São Paulo, como pesquisou Henriques (2018). Segundo o autor, somente na capital paulistana, a quantidade de doses de vacinas contra a febre amarela multiplicou em cinco vezes quando comparada ao ano anterior, de forma desnecessária. Quatro pessoas morreram em virtude dos graves efeitos da vacina.

Também no contexto da imunização contra a febre amarela, Henriques (2018) pontua a associação entre os macacos com a doença, e os prejuízos causados ao animal em virtude desta desinformação. Em seu estudo, o autor argumenta que a associação entre a morte de macacos e a ocorrência da febre amarela em humanos, que tem como consequência a crença de que os animais transmitem a doença, resulta em agressões aos animais (Henriques, 2018). Cabe, portanto ao jornalismo científico lembrar que:

O lugar dos macacos no ciclo da febre amarela é equivalente ao dos humanos. Mais do que isso, quando estão presentes os macacos, a vigilância de doenças e mortes entre eles é um dos mecanismos mais importantes para a detecção precoce da circulação do vírus em uma localidade, permitindo a resposta rápida para evitar casos humanos. (Henriques, 2018, p. 11).

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://shre.ink/pesquiseavacinasfiocruz>. Acesso em: 10 jun. 2023

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/lancet-faz-retratacao-de-estudo-ligando-vacina-a-autismo/>. Acesso em: 10 jun. 2023

Mais recentemente, em 2022, a circulação do vírus Monkeypox (MPXV)<sup>27</sup> responsável pela doença conhecida como varíola dos macacos, também voltou a representar perigo aos macacos. Natario *et al.* (2022) confirma, inclusive, a morte de macacos em virtude do temor social provocado pelas desinformações sobre Monkeypox.

O pouco conhecimento da população sobre a área da saúde e a disseminação de notícias falsas apresenta-se como um obstáculo no combate à doença e acaba por afetar a saúde única, visto que a perseguição e a morte de macacos vem se tornando comum no Brasil, algo semelhante ao ocorrido em 2018, quando houve o ressurgimento de casos de febre amarela no país. Segundo dados, cinco macacos foram encontrados mortos na cidade de São José do Rio Preto - SP, além de outros três macacos-prego que foram resgatados com sinais de agressão e intoxicação. A data do caso, 04 de ago. de 2022, coincide com um aumento nos casos de varíolano estado de São Paulo (Natario, *et al.*, 2022, p. 2).

E a despeito da varíola dos macacos, também no âmbito da desinformação, há, ainda, outro ponto a ser discutido. Depois de um pronunciamento<sup>28</sup> feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que alertava especificamente para a transmissão da varíola dos macacos em relações homossexuais com diferentes parceiros, diversas notícias sem comprovação de veracidade passaram a circular associando a disseminação da doença à população LGBTQIAP+<sup>29</sup>. Atualmente, o próprio site da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)<sup>30</sup>, ligada à OMS, informa que não há evidências científicas de que o vírus em questão seja transmitido por via sexual.

Trazendo a discussão ao telejornalismo, vale observar a atuação do Jornal Nacional, principal informativo televisivo do Brasil, no auge dos debates em torno da transmissão da varíola dos macacos. O telejornal exibiu, em agosto de 2022, a reportagem<sup>31</sup> “Médicos alertam para risco de preconceito que existe contra pacientes da varíola dos macacos”, com cerca de quatro minutos, abordando a preocupação da população LGBTQIAP+, levantando, inclusive, historicidade ao fato contemporâneo ao lembrar que na epidemia de HIV/AIDS também houve comportamento social semelhante, com a associação direta da doença aos homossexuais. O

---

<sup>27</sup> Segundo a OMS, a mpox (varíola dos macacos) é uma zoonose causada pelo vírus monkeypox, do gênero Orthopoxvirus, pertencente à família Poxviridae.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-aconselha-reducao-de-parceiros-a-gays-e-bissexuais-como-prevencao-a-variola-dos-macacos/>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>29</sup> Sigla usada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, interssexuais, assexuais e pansexuais.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/mpox>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>31</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10821913/>. Acesso em: 13 jun. 2023

“JN” ouviu especialistas em saúde pública, profissionais médicos, e, para além disso, trouxe a fala dos próprios integrantes da comunidade mais atingida pela desinformação difundida.

Neste ponto, após o levantamento de outros casos de desinformação em saúde, é importante destacar que tal fenômeno é impulsionado por determinados fatores. Henriques (2018) menciona que esta desinformação característica do campo da saúde acontece porque uma maior parte da população tem pouco conhecimento da área clínica, bem como pela ansiedade causada no corpus social com pelo advento de situações de emergência em saúde, concluindo que, no caso da desinformação, “o alastramento é ainda mais rápido quando o assunto é doença grave e ameaçadora” (Henriques, 2018, p. 2).

Para além disso, o autor também destaca que a desinformação em saúde pode ser ocasionada por uma “combinação mais perigosa” entre informações e orientações contrárias ao conhecimento científico, em situações onde algum aspecto contido na informação realmente existe, como epidemias ou campanhas de saúde pública (Henriques, 2018). Ponto que pode ser observado no último exemplo citado acima, quando realmente a OMS, mais importante órgão de saúde no mundo, divulgou uma informação real a respeito do Monkeypox, que foi interpretada e difundida de maneira massivamente inverídica, provocando a desinformação.

Retornando ao âmbito desta pesquisa, que se curva para o telejornalismo, é preciso pontuar que, ainda que haja combate à desinformação nos telejornais, como ilustrado acima em eventos relacionados à pandemia de Covid-19 e à varíola dos macacos, há mais observações acadêmicas a respeito da desinformação na internet, e mais especificamente, nas redes sociais. Em revisão de literatura, Figueiredo *et al.* (2020) levanta pesquisas relacionadas ao papel do jornalismo no combate à desinformação na área da saúde. De 30 artigos científicos publicados nos anais dos congressos Intercom Nacional, Intercom Regional, Compós e ABCiber, entre 2010 e 2019, a maior parte se concentrou no eixo “papel do jornalismo científico e desempenho nas mídias digitais” (Figueiredo, *et al.*, 2020, p. 2).

Tal questão reforça ainda mais a relevância das observações acadêmicas propostas nesta pesquisa. Afinal, quando há debates relacionados à saúde no âmbito da televisão, como os provocados pelas séries de reportagem propostas à análise, há também ações disruptivas diretas em conceitos outrora levantados e apreendidos erroneamente pela sociedade. Como assinala Vasconcelos (2005), o jornalismo que promove discussões sobre temas do mundo clínico permanece sendo a principal fonte de formação social neste campo. Considerando o alcance da televisão, então, é possível dar ainda mais sentido a afirmativa.

O jornalismo que se ocupa de temas da pesquisa biomédica e da ação clínica é a principal fonte de formação (no sentido da instrução) da sociedade nestas matérias, pois, ao comportar uma componente de índole científica, vê-se forçado a complementar a exposição do evento-notícia com parcelas de um conhecimento até então restrito a círculos de especialistas (Vasconcelos, 2005, p. 2).

As discussões levantadas neste capítulo tiveram como objetivo ancorar os debates posteriores, que adentraram de forma mais específica ao âmbito da função pedagógica do telejornalismo, abordando questões como o jornalismo como forma de conhecimento e especificidades do telejornalismo local e de serviço. É válido finalizar este tópico memorando o papel do jornalismo profissional, ao qual se destinam as pesquisas realizadas no PPJ/UFPB, dentro das contemporaneidades apresentadas, considerando o que pontuam Spinelli e Santos (2018), ao afirmarem que “o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias”, cabendo, portanto, ao jornalismo, “apostar na sua essência o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos” (Spinelli; Santos, 2018, p. 20).

### 3. A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO

O telejornal pode ser considerado como um meio de fácil acesso e compreensão (Cerqueira; Vizeu; Gomes, 2020, p. 2), e conseqüentemente, se configura como sendo um aparelho informacional ideal para as pessoas absorverem os fatos do dia a dia e as particularidades das realidades que as cercam. E, mesmo com as lacunas existentes na práxis do telejornalismo, presentes também em diversos outros meios de comunicação, os avanços tecnológicos e editoriais pontuados ao longo dos capítulos anteriores apontam para questões que podem servir como base para uma prática telejornalística feita para além da objetividade cotidiana. Entre essas questões, destaca-se a função pedagógica do telejornalismo, conceito chave ao qual se curva esta pesquisa.

Rememorar algumas situações presentes em diferentes contextos regionais pode ajudar a entender a função pedagógica de um telejornal. Basta imaginar, por exemplo, um VT em que o repórter explica detalhadamente os requisitos para concorrer em determinado processo seletivo, ou até mesmo uma reportagem que busca apresentar a explicação de algo através do depoimento de um especialista no assunto. Pode parecer óbvio, já que, afinal de contas, o objetivo final do texto jornalístico, escrito ou falado, é apresentar a quem o consome todas as informações necessárias ao entendimento do tema abordado. No entanto, do ponto de vista de autores como Vizeu e Cerqueira, há um esforço maior, por vezes subjetivado nas redações, que põe à luz a existência de um didatismo próprio à linguagem telejornalística.

Cabe reiterar, novamente, que o didatismo referido aqui não diz respeito à função própria do pedagogo, do professor escolar. Ou seja: o entendimento aqui defendido não supõe que o jornalista toma para si responsabilidades que vão além de seu ofício. Mas, acredita que a partir do uso de certos mecanismos, o profissional jornalista consegue assumir um tom professoral durante sua atividade e, assim, se fazer entender por quem está consome a informação e, muitas vezes, não a absorveria caso ela fosse passada de outra forma, mais simplória e sem a utilização do que classifica-se por dispositivo didático, conceito este que será detalhadamente abordado mais adiante.

Sendo assim, como apresentado inicialmente, aqui entende-se por função pedagógica do telejornalismo as concepções levantadas inicialmente por Vilches (1989). Ele observou que o telejornal estabelece com sua audiência, ou seja, com o público que o assiste diariamente, uma relação pedagógica, ensinando como se portar diante do texto televisivo e, para além disso, apresentando quais atitudes comunicativas e condições fazem o gênero telejornalismo ser como

é. Por consequência disso, indo mais adiante, Vizeu (2009) pontua que a notícia, operando de forma didática, consegue estabelecer uma ponte de mediação entre os vários campos do conhecimento e o público que a consome. Estes campos, uma vez postos “à mesa” com uso de dispositivos didáticos, seriam, portanto, facilmente entendidos por um público que, se assim feito de outra maneira, não alcançaria um nível de entendimento satisfatório do ponto de vista jornalístico.

Essa mediação mencionada por diversas pesquisas que também se aprofundam nas funções didáticas, pedagógicas, observadas no jornalismo feito para televisão, se concretiza através do uso de uma linguagem específica. Ela pode ser identificada quando há uma busca pela tradução de fatos e documentos, ou quando há uso de ferramentas que conseguem tornar a entrega da notícia acessível para o maior número de cidadãos (Cerqueira; Vizeu; Gomes, 2020, p. 7). No esforço diário empregado na busca de oferecer informações verídicas e que possam ajudar na compreensão do mundo, os jornalistas tornam parte de suas rotinas a criação de formas, linguagens, e buscam também estabelecer um elo entre os saberes sociais e as pessoas que os assistem. É nisso que consiste a mediação também presente nos debates sobre a didática telejornalística.

Ainda neste âmbito, os caminhos da mediação levam também a discussões sobre a curadoria, processo pelo qual, no telejornalismo, se faz a seleção das informações que farão parte ou não do telejornal. No geral, a curadoria pode ser definida como sendo o ato de selecionar e, posteriormente organizar e apresentar algo, partindo de um critério inerente ao indivíduo curador (Corrêa; Bertocchi, 2012). No telejornalismo, pode-se afirmar que esse processo também passou a ser uma ferramenta de mediação com o público, que atualmente se vê bombardeado por diversas informações sobre diferentes conteúdos. Assim entendem Cerqueira, Vizeu e Gomes (2020), que reiteram que a informação apurada e o caminho sólido, legitimado por trás do processo de curadoria, também carrega valores que influenciam na mediação do conteúdo, e, portanto, pode resultar em informações didáticas.

O processo de curadoria, que está inserido no percurso produtivo de informações de cunho didático, também foi ainda mais evidenciado no contexto atual, em que as pessoas acessam conteúdos na internet, muitas vezes sem fundamento algum. Em consequência desse consumo, estimulado pelo protagonismo das redes sociais, o jornalista também se apresenta como curador organizacional, lapidando informações de circulação livre e as moldando aos formatos que o meio exige. No caso da televisão, por exemplo, a realização da chamada “curadoria virtual” (Corrêa, 2012) de materiais em vídeo, áudio, ou até mesmo mensagens se

faz necessária para garantir a manutenção da credibilidade ainda associada ao meio, através da divulgação de notícias, de fato, verídicas.

Mas, para compreender o que se propõe, em sua totalidade, a noção de função pedagógica do telejornalismo, é preciso avançar nas argumentações já existentes sobre o tema, sobretudo no que concerne às dimensões dessa função. Cerqueira (2018) afirma que a função pedagógica do telejornalismo é efetivada a partir de três dimensões: a dos saberes, a da linguagem e a dos dispositivos didáticos. A presente pesquisa se aprofunda, no entanto, na dimensão dos dispositivos didáticos, e em análise apresentada posteriormente busca apresentar justamente tais dispositivos, encontrados nas produções postas à observação científica, através de aportes metodológicos que também devem ser desenhados mais à frente. Ainda assim, cabe detalhar essas dimensões para se fazer entender especificidades do conceito estudado.

A primeira dimensão da função pedagógica do telejornalismo, a dos saberes, considera entendimentos relacionados à própria formação e atuação, além do comportamento, do jornalista enquanto profissional, e de seus métodos de construção social da realidade que o cerca. Essa dimensão é abordada por Cerqueira (2018) a partir de Paulo Freire, tendo como base, portanto, a ideia de uma prática educativa eficiente, descrita na teoria pedagógica do educador brasileiro – referência mundial em sua área. O pesquisador acredita que dentro dos apontamentos freirianos, encontrados em estudos desenvolvidos pelo próprio Paulo Freire (2002; 2000; 1997; 1984) ligados ao comportamento crítico diante da realidade, bem como à qualidade e a ética do ensino, há contribuições para a prática telejornalística, que por sua vez seriam amplamente aplicadas no contexto da dimensão dos saberes, da função pedagógica do telejornalismo.

As considerações sobre a relação freiriana com a dimensão dos saberes telejornalísticos foram levantadas inicialmente em observações acadêmicas feitas por autores como Meditsch e Faraco (2003), que encontraram as primeiras evidências para uma possível aplicação dos estudos de Paulo Freire no campo do jornalismo. Cerqueira propõe, indo além, uma ampliação dos pontos de vista observados na obra do educador, criando uma ponte da relação entre o jornalista e seu público a partir de considerações propriamente pedagógicas. Tal proposta traz a luz entendimentos que também podem ser evidenciados a partir da observação da relação do próprio Paulo Freire com o campo da comunicação, e aplicadas aqui a partir da defesa destas mesmas compreensões.

Meditsch e Faraco (2003) afirmam que a relação de Paulo Freire com os campos da comunicação e do jornalismo em si podem causar um certo estranhamento pelo fato de a obra

freiriana, em sua totalidade, não demonstrar preocupação, de fato, com estudos nestas áreas. Em suma, a obra dele se curva ao campo educacional, e forma um dos principais conjuntos de conceitos amplamente utilizados na prática pedagógica em escolas do mundo inteiro. No entanto, os mesmo autores também acreditam que, uma vez analisados com maior rigor e profundidade, os estudos desenvolvidos por Freire também podem ser aplicados nas áreas de estudo mencionadas, dadas as utilidades de suas concepções e seu rigor crítico, que podem e devem ser aplicados em diferentes contextos, além de sua universalidade (Meditsch; Faraco, 2003).

Partindo desse pressuposto, acredita-se que determinadas questões ligadas à universalidade freiriana, apresentada amplamente em sua obra, permitem provocações que, por sua vez, podem resultar em contribuições para o fortalecimento do jornalismo. No âmbito geral da comunicação, aliás, o pedagogo trouxe definições importantes, como também reiteram Meditsch e Faraco (2003), e Lima (2011). O próprio conceito geral de comunicação, estabelecido por Paulo Freire em 1971, considera a coparticipação de sujeitos no ato de pensar, e valida a necessidade da não interrupção de reciprocidade no processo estabelecido. O pedagogo acredita, ainda, que a comunicação é diálogo não somente enquanto ponte para transferência de saber, mas também de encontro de sujeitos que buscam a significação de significados (Meditsch; Faraco, 2003; Lima, 2011).

Os autores também argumentam a relação de Paulo Freire com o jornalismo partindo do interesse do pedagogo pela temática dos meios de comunicação de massa, entre os quais pode-se incluir a televisão. Algumas das últimas obras dele mencionam afirmações válidas sobre a comunicação de massa na construção do conhecimento em contextos diversos. Mesmo que de modo não aprofundado, Freire (1984) afirmou que a televisão não poderia ser considerada apenas um instrumento de finalidade técnica, já que seria possível fazer uso político da mesma. A partir de tal entendimento já seria possível concluir, vagamente, a compreensão freiriana sobre o cuidado professoral defendido nas noções de função pedagógica do telejornalismo.

Freire menciona os meios de comunicação, ainda, ao discutir sobre as responsabilidades dos educadores na escola, defendendo a ampliação do diálogo sobre estes meios para além de algo técnico, para algo crítico. Ele propõe, inclusive, a compreensão da força da televisão para trazer à luz o poder de sua utilização na escola, e apresenta, ainda, críticas à superficialidade, ao sensacionalismo e ao conteúdo direcionado promovido pela televisão, como também pontuam Meditsch e Faraco (2002) – o que também seria escopo, suficientemente, para uma

análise especificamente jornalística. O pedagogo chega a adentrar em discussões midiáticas, ainda que sem análise direta do campo, partindo de reflexões gerais sobre a importância da liberdade de imprensa em uma democracia, como afirmaram familiares dele em entrevista aos autores acima mencionados.

Ademais, a cobrança por ética e responsabilidade por parte de produtores de conhecimento, pertencentes também ao jornalismo profissional, era contínua por parte de Freire. Quando refletiu sobre a democracia, na obra “Cartas a Cristina” (1994), o educador lembrou que a liberdade de imprensa é importante para todas as classes sociais em uma democracia forte. Além disso, a partir do método para a educação de Freire em busca de uma sociedade ideal, seria capaz conseguir o alinhamento, segundo Meditsch (2002) de um diálogo com a prática jornalista, uma vez que o aperfeiçoamento dessa prática fosse realizado à luz das considerações feitas pelo educador, mesmo que para outros campos, como o do próprio ensino pedagógico escolar. O método freiriano, para Meditsch, poderia ser aplicado ao campo do jornalismo tanto na rotina produtiva em sua práxis, quanto também na recepção por parte do público, tendo como consequência, também, importantes considerações no próprio ensino do Jornalismo em universidades Brasil afora (Meditsch, 2012).

E é neste escopo que se apoiam os debates sobre a dimensão dos saberes presentes nas considerações acadêmicas a respeito da função pedagógica do telejornalismo. Na perspectiva de Paulo Freire, a de romper barreiras, Oliveira (2017) levanta pressupostos como o potencial do jornalismo como um espaço de compartilhamento de ações no processo histórico e seu afastamento de princípios de veracidade e objetividade. Cerqueira (2018) reitera, também, que a ética necessária ao exercício jornalístico profissional, defendido nesta pesquisa enquanto fruto de um programa de mestrado profissional, é também defendida na educação freiriana, uma vez que a mesma auxilia na garantia de direitos fundamentais amplamente abraçados por Paulo Freire.

A observação de Freire é destacada porque mesmo sem uma análise direta da mídia e de seu papel, inclui sua influência como determinante, cobrando, por isso, nas entrelinhas, a ética que vai ajudar a garantir direitos fundamentais defendidos por ele em todos os trabalhos. Para ele, um dever fundamental é o de se empenhar no sentido de viabilizá-los, independentemente da ocupação na sociedade (Cerqueira, 2018, p. 142)

Para dimensionar os saberes da função pedagógica do telejornalismo, considera-se os saberes elencados por Paulo Freire como essenciais à prática da educação, pontuados por ele na obra “Pedagogia da Autonomia” (2002). Para o educador, a pedagogia incide no diálogo entre teoria e a prática, promovido por educadores ou não, na tentativa didática de ensinar

criticamente. Desse modo, dos 27 saberes freirianos, Cerqueira (2018) considera possível e essencial a aplicação de 14 na prática jornalística. O autor defende que o uso desses saberes garante ao jornalista o domínio da produção de um “conhecimento singular, contextualizado, crítico e transformador, com base ética no jornalismo como instituição social legitimada na sociedade” (Cerqueira, 2018, p. 146). Da mesma forma, o presente estudo reitera a importância dos 27 saberes freirianos, bem como a aplicação dos 14 saberes no campo do jornalismo.

Os 14 saberes freirianos usados no jornalismo são: *tomada de consciência; rigorosidade do método; a exigência da pesquisa; a criticidade; a estética e a ética; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento de ser condicionado; a apreensão da realidade; a curiosidade; convicção de que a mudança é possível; saber escutar; disponibilidade para o diálogo; rejeição às formas de discriminação e consciência de que a educação é uma forma de intervenção no mundo*. O autor destaca que a escolha destes 14 saberes acontece em virtude da completude que os mesmos representam quando postos à prática na rotina jornalística. Para ele, esses pontos representariam em seu conjunto a representação da competência profissional demonstrada pelo jornalista a partir do rigor de seus métodos, uma vez que estes estejam baseados em uma cultura ética. Entendimento que, ao longo desta pesquisa, se fez transparecer e, de mesmo modo, é considerado.

É importante secundar, no entanto, assim como fez Cerqueira (2018), que o pensamento de Freire é concentrado na atividade pedagógica do profissional educador. Porém, ainda assim a prática dessas mesmas reflexões, como busca afinar o presente estudo, também aconteceria no campo do jornalismo e, como consequência, teria também papel importante no escopo social ao qual também se concentram as discussões aqui apresentadas. Além disso, o próprio Freire destaca a importância da reflexão crítica acerca da própria prática educacional, a pondera que essa reflexão é uma exigência para que seja possível o estabelecimento de uma relação entre a teoria e a prática (Freire, 2002), sem a qual existiria uma lacuna no processo educativo. É também assim que entendemos acontecer no jornalismo.

Indo além, portanto, é preciso entender o valor de cada um dos saberes freirianos correlacionados ao jornalismo. O primeiro deles, a *tomada de consciência*, diz respeito ao agir coerente necessário à prática jornalística. A partir da tomada de consciência seria possível, partindo das premissas dos saberes freirianos, no jornalismo, enxergar a profundidade existente na atuação do jornalismo profissional na sociedade. O segundo saber, a rigorosidade do método, “traduzida” ao campo do jornalismo por Cerqueira (2018) como *rigor do método*, tem relação com a justificativa pela qual o profissional jornalista se propõe a tal atividade – sua “força

motriz” para seguir realizando o trabalho de informar para além do fato, pedagogicamente. É por meio deste saber que se garante, por exemplo, a rigorosidade na checagem de fatos, processo que por mais óbvio que pareça ao ofício jornalístico, se mostra cada vez mais necessário em tempos de livre circulação de informações via internet. Afinal, como reiteram Spinelli e Santos (2018), o cenário de “adolescência digital”, que faz com que a sociedade prolifere discursos de ódio e notícias falsas na internet, “não isenta a responsabilidade do jornalismo de filtrar histórias para a audiência e incentivar o consumo de conteúdos checados” (Spinelli; Santos, 2018, p. 19).

O terceiro saber, *a exigência da pesquisa*, também está relacionado ao rigor necessário ao fazer jornalístico. No processo de produção de conhecimento, pontuado por Freire, é preciso pesquisar e demonstrar conhecimento a respeito do que se diz. Considerando a atividade jornalística promotora desse conhecimento, pode-se concluir, portanto, que há necessidade não apenas de pesquisar dados específicos sobre um assunto, de modo a demonstrar base para tal discussão. Mas é preciso, também, apoiar-se na pesquisa de qualidade para, assim, aprofundar a argumentação proposta. No caso do telejornalismo, por exemplo, este processo seria evidente ao longo de toda a produção de uma notícia trabalhada de modo aprofundado. Da criação da pauta até sua realização e, por fim, à sua finalização editorial, a pesquisa deve estar [e no jornalismo profissional espera-se que esteja] presente.

De mesmo modo, a *críticidade*, amplamente discutida e defendida por Paulo Freire, também é considerada um saber fundamental ao jornalismo, e ao telejornalismo em si. Sem ela, é improvável apresentar ao consumidor final da notícia uma visão ampla sobre o assunto. Ora, como pode o telespectador conhecer diferentes visões de uma determinada situação, se o jornalista responsável pela transmissão da notícia não demonstrar as diferentes visões sobre o tema em questão, por exemplo? Possuindo o saber da criticidade, o profissional torna capaz o aperfeiçoamento de sua própria função enquanto agente social e, também, segue adiante nesta função, não somente percorrendo o caminho da técnica, mas saindo de sua zona de conforto para atingir o objetivo professoral cobrado por Freire e pontuado por Cerqueira (2018).

Para o educador, Freire (2017) cobra o desenvolvimento de uma curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. A mesma atitude que é cobrada do jornalista na apuração de um fato, na busca de uma informação, no questionamento de fontes oficiais, testemunhas, especialistas. Ao perder essa característica, muitas vezes ocultada pelas pressões organizacionais, ideológicas, políticas e até insatisfação pessoal, os profissionais do telejornalismo correm o risco de ser mero repetidor de fórmulas e técnicas. Estaciona no lugar comum e na zona de conforto do previsível (Cerqueira, 2018, p. 151).

Além da criticidade, há também a *estética e a ética*, sem as quais o fazer jornalístico profissional seria inviável, e sobre as quais já há um denso debate na academia. Autores como Rogério Christofolletti, Jane B. Singer e Francisco José Castilhos Karam discutem sobre o papel de um jornalismo ético, através do qual jornalistas conseguem consolidar a ponte entre a informação e o conhecimento que dizem se propor diariamente. A estética, desse modo, seria o “padrão” defendido amplamente, e principalmente, na televisão. Cavenaghi (2013) defende que há elementos na comunicação não verbal que formam um conjunto de aspectos estéticos no telejornalismo. Dessa forma, é viável concluir que por meio da estética se define, no telejornalismo, o que difere um produto do outro; ou seja: há estética própria em vários formatos, como em um *stand-up*, em uma reportagem, em uma passagem, etc.

E a união da estética à ética não acontece por acaso, mas para que se evidencie a importância do combate ao distanciamento entre a crítica, outrora entendida subjetivamente, e as questões técnicas. A ética, no contexto freiriano, está diretamente atrelada também a questão crítica – que também se configura, como defende o educador, em um dos saberes fundamentais à prática pedagógica, e sequencialmente, como pontua Cerqueira (2018), saber fundamental também ao telejornalismo. Por meio da reflexão crítica, partindo do entendimento conjunto entre os autores, os jornalistas conseguem avançar frente às lacunas observadas no que eles mesmos produzem rotineiramente, já que este trabalho, tido como essencial às relações sociais estabelecidas ao longo da história, seria não somente um reflexo, como também um elo formador entre as relações que se estabelecem em diferentes campos, a partir da transmissão e do aprofundamento de diversas questões que permeiam as rotinas.

Nesse mesmo sentido, Freire pontua a necessidade de uma *reflexão crítica sobre a prática*, o que também considera como um dos saberes fundamentais à educação. Como defendido ao longo dos parágrafos acima, a prática jornalística, assim como a prática propriamente professoral, requer reflexão crítica para que avance no aperfeiçoamento desejado profissionalmente. Dessa maneira, Freire defende que o pensamento crítico sobre a própria prática é capaz de melhorar as que virão por conseguinte e, conseqüentemente, preencher lacunas que dificilmente seriam observadas caso houvesse apenas a reprodução técnica de determinadas ações laborais. No jornalismo, e mais precisamente no telejornalismo, caberia, assim como no campo educacional, ao profissional responsável pelo repasse de notícias cujas informações podem atenuar diversas questões sociais, observar no que é preciso avançar. Seja na linguagem, na postura e principalmente no aprofundamento e no tratamento de informações

importantes, como por exemplo – o que neste estudo observa-se cientificamente – as relacionadas ao bem estar humano, se faz necessária tal observação.

Na busca pelo aperfeiçoamento, indo além da reflexão crítica, o *reconhecimento de ser condicionado*, saber também estabelecido por Paulo Freire, também se mostra fundamental. Relacionada ao ato de reconhecer a própria incompletude e, conseqüentemente, a necessidade de constante construção, essa questão poderia implicar também no reconhecimento dos obstáculos que se sobrepõem à prática jornalística. O educador defende que questões como as condições econômicas, sociais e políticas, entre outras, geram barreiras que precisam, diariamente, ser superadas na prática de determinadas atividades, como na prática do jornalismo profissional. Tais obstáculos, no entanto, para o próprio Paulo Freire, não são eternos, e podem, desse modo, serem considerados condicionantes. Ao observá-los, portanto, é preciso enxergá-los como obstáculos a serem superados, e não apenas como obstáculos a serem observados. Ter consciência sobre essas limitações daria ainda mais sentido ao esforço empregado na prática de um jornalismo profissional com caráter pedagógico.

Ainda neste sentido, outro saber fundamental elencado pelo educador é *a apreensão da realidade*, por meio da qual questões coletivas se fazem entendíveis ao ponto de influenciarem a prática jornalística aprofundada e, sobretudo, pedagógica. Cerqueira (2028) pontua que para Paulo Freire, é a partir do conhecimento das diferentes dimensões da realidade que se faz possível, sobretudo, a transformação desta mesma realidade. Isso, entretanto, é consequência dos demais processos já pontuados anteriormente, como o conhecimento crítico a respeito da essência da prática jornalística, e, seria possível somente a partir da não apenas da adaptação à realidade, como também à disposição de transformá-la. Freire (2002) acredita e argumenta sobre a apreensão da realidade como sendo um instrumento para construção e reconstrução da mesma. Para isso, jornalisticamente pensando, se faz necessária a superação diária de limitações como tempo e aporte técnico, que se impõem diariamente, mas, que não devem se sobrepor aos esforços aqui defendidos.

Para que essa apreensão da realidade seja possível, é preciso ter *curiosidade*, outro saber genuinamente freiriano cabível à aplicação no campo do jornalismo. Muitas vezes tida como genuína ao fazer jornalístico, a curiosidade aqui defendida e pontuada vai além do mero ato de se sentir curioso para saber algo que, possivelmente, pode render uma notícia ou algum outro produto jornalístico. Ela diz respeito, em suma, ao sentimento de eticamente ter responsabilidade de conhecimento e, quando aplicada ao campo jornalístico, de apuração e questionamento. É por meio dela e de seu caráter questionador que mudanças são alcançadas.

Na prática, essa curiosidade, assim como os demais saberes, é possível a partir da *convicção de que a mudança é possível*, também estabelecida por Freire como fundamental à prática pedagógica. Sem tê-la, os demais saberes tornam-se impraticáveis. Afinal, na educação, que sentido faz o ensino sem a crença de que a partir dele mudanças sociais necessárias se fazem possível? E, do mesmo modo, no jornalismo, há sentido em reportar problemas sem a intenção de solucioná-los e, conseqüentemente, mudar realidades? Nenhum.

Para além dos argumentos pontuados acima sobre a convicção da possibilidade de mudanças, Cerqueira (2018) reitera também que, sem este saber, a prática dos demais torna-se inviável.

A fé na mudança move outros saberes. Nenhum jornalista age com retidão, com rigor ao método, de maneira ética, preocupa-se com a estética atrativa ou se interessa em apreender a realidade da maneira contextual, se não internalizado o desejo de mudar. E mudar significa questionar o que está posto, refletir criticamente, problematizar. Acreditar que a mudança, visualmente necessária, pode ocorrer, mesmo com dificuldade e com condicionantes (Cerqueira, 2018, p. 157).

Há também outra questão fundamental, o *saber escutar*. Este saber muitas vezes também é tido como intrínseco ou até mesmo ao profissional jornalista, considerado por muitos como generalista e obtentor de conhecimento vasto sobre diversos assuntos. Mas, através do saber ouvir, defende Freire, produtores de conhecimento conseguem realmente falar a quem destinam esforços. A consciência da escuta, aplicada ao jornalismo, possibilita o fortalecimento das relações pelas quais reportagens e tantos outros produtos jornalísticos com potencial para geração de transformações sociais são fincados nas necessidades de quem realmente precisa. Trazendo essa discussão à função pedagógica do telejornalismo, por exemplo, não seria difícil pensar que somente ouvindo o que não se entende, de quem não entende, é possível ensinar, pelos métodos didáticos, algo ao alguém a quem se destina a informação. Assim como outros saberes, logo, saber escutar pode parecer obvio. Mas, de mesma forma, tão – ou nunca tão – necessário quanto.

E, de que adianta saber ouvir se não houver *disponibilidade para o diálogo*? Este é outro saber defendido por Paulo Freire como sendo fundamental aos profissionais da educação. Tanto dentro das redações como na rua, em contato direto com os telespectadores, os jornalistas precisam se mostrar abertos a dialogar para encontrar equilíbrio e consenso entre opiniões para, assim, não disseminar preconceitos e, principalmente, possibilitar a amplitude de argumentações que podem fomentar avanços sociais importantes. Este saber, porém, não deve ser associado somente ao ato de dialogar sobre questões com as quais os profissionais jornalistas

de identificam. Mas, também propõe propositalmente a diferença de opiniões, fundamental em democracias fortes, como defende o entendimento de Freire. E, para tomar para si a necessidade de demonstrar-se disponível ao diálogo, o jornalista deve, também e sobretudo, ter noção de seu papel de interventor.

Por isso, e como consequência disso, está o último dos 14 saberes freirianos que Cerqueira (2018) considera aplicável ao jornalismo, a *rejeição às formas de discriminação e consciência de que a educação é uma forma de intervenção no mundo*. Não há como pensar em uma educação inclusiva, no sentido de totalidade da palavra, sem fomentar o combate a todas as formas de preconceito. Aqui, cabe também exemplificar novamente lembrando questões relacionadas à saúde, sobre a qual as reflexões fincadas na função pedagógica do telejornalismo se norteiam. Como mencionado no capítulo anterior, no caso de doenças cujas causas são associadas a determinadas classes sociais, como a Monkeypox, é do jornalismo profissional se requer responsabilidade ética e apreensão de saberes fundamentais, como os elencados por Freire, capaz de tornar entendível a gravidade do preconceito, e não irresponsavelmente disseminá-lo. A conscientização pública a respeito de determinados assuntos, como os que envolvem a possibilidade de tons preconceituosos contra grupos majoritariamente minoritários, depende, também, do conteúdo transmitido em telejornais. Cabe, portanto, ao jornalismo enquanto agente interventor este dever.

A partir dos saberes aqui pautados, criados por Paulo Freire em suas reflexões direcionadas a professores e lembrados por Laerte Cerqueira em considerações aplicadas ao campo do jornalismo, há como entender de modo sucinto o que se propõe o conceito da função pedagógica no telejornalismo. Indo adiante, ainda, é válido pontuar também as nuances da linguagem do telejornalismo como uma das questões pelas quais a função pedagógica se reproduz em sua prática. No conceito, entende-se essa linguagem como um dos instrumentos através dos quais é possível transmitir informações de cunho didático, considerando, portanto, que o uso de determinados termos em detrimento de outro configura não apenas uma escolha efetiva tecnicamente, mas também uma linguagem específica presente em produtos telejornalístico que evidenciam questões professorais.

Como trabalhado no capítulo que este trabalho destinou a apresentar questões sobre o telejornalismo enquanto gênero e seu papel no escopo social, compreende-se o telejornalismo como sendo um meio capaz de informar para além do fato, e neste sentido, entende-se também que nele há linguagens específicas que figuram no conjunto de sua realização diária. Para pensar neste sentido, basta analisar comparativamente o desempenho produtivo de profissionais

jornalistas em diferentes veículos, como no rádio ou web. A rotina produtiva de cada meio difere entre si [obviamente] mas, em se tratando de telejornalismo, é ainda mais evidente o uso de linguagens específicas postas às telas a depender de formatos pré-estabelecidos editorialmente, nos telejornais.

No âmbito das discussões a respeito da linguagem pedagógica do telejornalismo, cabe destacar o quanto essa linguagem específica do telejornalismo atua conjuntamente aos saberes e também aos dispositivos didáticos, que serão detalhados mais adiante. Paternostro (2006) entende que no telejornalismo há produção de uma “linguagem do cotidiano”, que ocorre para que a sociedade entenda o que é dito, de maneira clara, sem palavras complexas ou confusas – o que acontece, a título de exemplo, continuamente em produções telejornalísticas sobre saúde. Mas, para além da “tradução” de palavras complexas, a linguagem do telejornalismo se mostra detentora de aspectos, empregados propositalmente ou não, eficazes na transmissão de conhecimentos específicos. É o que defendem diversos manuais de redação jornalística para televisão, como os clássicos de Barbeiro (2002) e Neto (2008).

Para além das regras postas nestes manuais, é preciso entender e colocar à observação os fatos que rodeiam o conceito de linguagem, entendida como sendo resultado de um processo socio cultural. Entre estes fatos, Squirra (1995) pontua o alcance de maior quantidade de sentidos humanos, como a audição e a visão, conseguida pela televisão frente a outros meios de comunicação. Em TV, e não no rádio, por exemplo, é possível ampliar movimentos, sons e oferecer dramaticidade visível, quase palpável, ao acontecimento reportado, o que facilita também a demonstração de uma linguagem telejornalística específica. Esta, por sua vez, se forma a partir desse conjunto de questões e, para além disso, se constrói em torno delas até chegar ao público final, como pontua Emerin (2016).

O poder da linguagem telejornalística reside no potencial expressivo que se pode exibir, empregando elementos das narrativas televisuais, imbricados com alguns elementos da ficção, potencializados pela sua atual portabilidade e, principalmente, porque ainda consegue manter a simulação da relação de intimidade (Emerin, 2016, p. 41-42).

A forma familiar com a qual os telejornais oferecem ao público o entendimento de histórias cotidianas é relatada por Vizeu (2009) e Becker (2016) como parte de um tecido singular de imagens e também de palavras, e de uma combinação de diversos outros códigos audiovisuais, conseguem amplificar a difusão de informações. Disso, se resulta um conhecimento que, para Cerqueira (2018), serve como “combustível para leituras de mundo”.

O conhecimento produzido pelo telejornalismo, com qualidade e defeitos, é combustível para leituras de mundo, consolidação e transformação de valores

e reflexões. O telejornalismo se apropria de informações brotadas da realidade, dos discursos de várias áreas do conhecimento, considerados merecedores de aparição: são catástrofes naturais, tragédias humanas e sociais, decisões políticas e econômicas, aplicação de uma legislação, fatos pitorescos. Apropria-se de dados referenciados em documentos, declarações e reproduções geradas na observação e no testemunho (Cerqueira, 2018, p. 171).

Para além da linguagem, há, também, os dispositivos didáticos. Nesta pesquisa, considera-se a definição apontada por Cerqueira (2018), que os considera como sendo “recursos usados na construção dos fatos e relatos telejornalísticos para produzir um conteúdo mais compreensível para uma audiência” (Cerqueira, 2018, p. 182). Para o autor, em quem fincamos nossa observação como escopo de caráter observatório, esses dispositivos estão sujeitos a diferentes interpretações, que podem ou não, portanto, seguirem o que supõe a intenção do enunciador. Dessa forma, os dispositivos didáticos se configuram, também, em recursos empregados corretamente a partir do uso de códigos comuns que, novamente, podem ou não atingir a intencionalidade desejada por quem o utiliza.

O termo dispositivo, aqui, também se aproxima ao definido por autores como Verón e Rodrigues. Verón (2004) acredita que o enunciador pedagógico explica, aconselha e, para além disso e também por isso, se coloca no lugar do seu destinatário para enxergar o que se é proposto. A partir dessa definição, é viável entender o termo dispositivo como algo que tem caráter não apenas instrumental, mas também passível a formas de agregação de valor. Trazendo ao campo do jornalismo, pode-se ir ainda mais além e associá-lo, de maneira conjunta, como instrumento proporcionador de mudanças e de aprofundamento técnico, outrossim, também, como algo cujo emprego constante pode oferecer novas formas de conhecimento, e novos conhecimentos. Cerqueira (2018) conclui, neste sentido, que no jornalismo os dispositivos didáticos se mostram presentes em questões como construção textual, imagem e nas suas relações, e ainda recursos gráficos e sonoros (Cerqueira, 2018).

O entendimento de Rodrigues (1994) segue essa mesma linha de raciocínio. Ele reitera que há intervenção no processo enunciativo do telejornal por meio de dispositivos, e que os mesmos garantem a existência de um discurso cujo reconhecimento é universal e assegurado de validade pública.

Os dispositivos que intervêm no processo enunciativo do telejornal destinam-se a garantir o seu discurso um reconhecimento universal, assegurar a sua validade para um público indiferenciado, independentemente da experiência, das opiniões, dos interesses individuais e dos grupos a que se destina (Rodrigues, 1994, p. 148).

Contornando as reflexões sobre os dispositivos didáticos, existem questões que perpassam as definições levantadas por pesquisadores como Fausto Neto (1988). Ao tratar sobre discurso, ele defende que, no jornalismo, há apropriação de “diferentes maneiras de narrar, a fim de reproduzir, através de diferentes modalidades, cenas, detalhes, pensamentos, inferências de um conjunto de personagens” (FAUSTO NETO, 1988, p. 37). Aproximando às reflexões a respeito dos dispositivos, fica claro, portanto, uma utilização constante de instrumentações que podem oferecer ao jornalista formas distintas de produção e mediação de conteúdos. Cerqueira (2018) adverte, também, que obter consciência da presença destes dispositivos nas produções telejornalísticas, assim como de seus efeitos de sentidos, possibilita a capacidade de uma prática mais distante de questões mercadológicas, ou seja, “de quem faz jornalismo como simples instrumento de poder” (Cerqueira, 2018, p. 184).

Como detalhado mais adiante, na parte metodológica do presente estudo, os dispositivos didáticos considerados aqui se mostram de diversas maneiras dentro da rotina jornalista. Eles foram também levantados por Cerqueira (2018) e se concretizam da seguinte forma (Quadro 1):

Quadro 1 Como os dispositivos didáticos são acionados

**Busca por colocar o dito num contexto** Quando o jornalista busca inserir uma fala, ou seja, uma sonora, em um contexto passível à compreensão do público.

**Interpretação das falas dos especialistas** Consiste na explanação do dito pelo especialista ouvido no conteúdo jornalístico, que muitas vezes é transmitido com palavras de difícil compreensão e, por isso, cabe ao jornalista “traduzir” termos através da interpretação.

**Reforço do discurso que tem e legitimidade** Com atos simbólicos, o jornalista reforça e legitima a informação, ou seja, confirma e dá tom de credibilidade.

**Descrição da fala** O jornalista descreve a fala já mencionada, de forma que o telespectador não só escute, mas também

	enxergue e, conseqüentemente, compreenda com seus próprios sentidos o fato, a informação.
<b>Comparação</b>	Quando o jornalista compara situações semelhantes para explicar determinada questão e fazer compreensível o contexto abordado.
<b>Exemplificação</b>	Assim como na comparação, na exemplificação o jornalista busca algo ilustrativo, real ou hipotético, para trazer à luz determinado contexto.
<b>Complementaridade</b>	O jornalista estabelece um elo entre o emissor e a fonte de informação, complementando a mensagem e a oferecendo novas possibilidades de discurso.
<b>Detalhamento</b>	Quando são apresentadas novas formas de reiterar informações já ditas, seja com interpretação de dados ou declarações, de modo a enriquecer o relato.
<b>Transcrição da fala</b>	Quando a fala é transcrita de forma escrita, na tela da TV, para oferecer mais potencial de compreensão ao que foi dito.
<b>Personificação</b>	Quando o tema abordado é personificado através de exemplos reais, ou seja, de histórias de vida de pessoas inseridas na realidade abordada.
<b>Dramatização</b>	Consiste no relato da história com uso de aspectos estéticos como simulação, reconstrução ou algum outro tipo de atuação.

A partir do uso dos dispositivos através do acionamento descrito acima, bem como dos saberes freirianos aplicados ao telejornalismo e da linguagem própria ao gênero, a hipótese aqui levantada acredita na existência de uma função pedagógica no telejornalismo, e mais especificamente nos produtos postos à análise. O amplo emprego das características dessa função será mais adiante detalhado partindo de aportes metodológicos também expostos a seguir. Mas, cabe ainda avançar e destacar aproximações de todas as questões trabalhadas neste capítulo, que formam a conceituação da função pedagógica do telejornalismo, com outras importantes noções, como o jornalismo como forma de conhecimento e suas aproximações com o telejornalismo local e de serviço. É o que se propõem os tópicos à frente.

### **3.1 Jornalismo em telas: uma forma de conhecimento nos telejornais**

No contexto atual, é cada vez mais distante a noção de um telejornalismo presente apenas na televisão. Esse entendimento, inicialmente, pode até parecer contraditório, mas para compreendê-lo e atestá-lo basta pensar nas múltiplas, inúmeras telas, que rodeiam o dia a dia das pessoas em diferentes realidades sociais, da criança ao idoso. Pensar sobre o consumo de informações via televisão não é – como previram diversas pesquisas que datavam o fim do meio – pelo menos ainda, algo distante: a televisão segue, sim, presente nas realidades. Mas, assistir televisão, agora, não é algo tão literal quanto antes parecia. A TV, seu conteúdo, está no computador, no celular, tablet, enfim... Em qualquer outra tela com acesso à internet e redes convergentes. O que se deve, claro, aos avanços técnicos, em um primeiro momento, mas também à disposição de grandes empresas produtoras de conteúdo para TV, que recentemente viveram um “despertar” e passaram a enxergar o potencial dos canais de streaming não apenas como uma extensão propriamente dita da televisão, mas também como mais um espaço para produção e inclusão de conteúdo. Em vista disso, Kilpp (2018c, p. 6) afirma que os limiares da televisão estão se “liquefazendo na intensa televisualização que assombra as múltiplas telas e interfaces hoje existentes relacionadas (ou não) à TV”.

Essa realidade é fundamental à observação científica, o que será feito neste tópico. Afinal, haveria como tratar de conteúdos exibidos na televisão e, posteriormente armazenados em um canal de streaming, sem considerar reflexões sobre o telejornalismo em múltiplas telas? No entendimento deste trabalho, não. As séries telejornalísticas aqui analisadas foram pensadas no formato série não por acaso. De mesmo modo, foram armazenadas, após sua exibição em TV aberta, não apenas como forma protocolar, mas também pelo livre acesso que o streaming

permite. Essas questões serão esmiuçadas mais à frente, na parte da análise. Mas, de antemão, é preciso destacá-las aqui, também, para justificar a motivação pela qual se propõe a discussão do telejornalismo não somente na televisão. Além disso, lembrando o conceito chave ao qual se curva esta pesquisa, entende-se também que por meio da distribuição do conteúdo telejornalístico para múltiplas telas, é possível democratizar ainda mais as informações trabalhadas na série e, conseqüentemente, efetivar a função pedagógica atribuída ao gênero. Além disso, entende-se ainda a necessidade de enxergar e debater sobre o próprio jornalismo como forma de conhecimento esclarecedor, o que também será feito neste tópico.

Para entender esse fenômeno, deve-se também pontuar, ainda que de maneira sucinta e restrita à realidade brasileira, o percurso histórico que resultou nele. Como afirma Souza (2021), “implicações técnicas, sociais, culturais, econômicas e políticas, além das tecnológicas, impactaram no fazer televisão e jornalismo ao longo do processo histórico no Brasil e no mundo”. Becker (2016) pontua que a evidência dada a novas tecnologias nos anos 2000 foram incorporadas à produção de conteúdos para a televisão, entre eles, os conteúdos de telejornalismo. A autora destaca que, entre essas tecnologias, as que mais provocaram efeitos no formato de produção foram “o sistema de transmissão digital, a internet e a mobilidade proporcionada pelos dispositivos móveis” (Becker, 2016). Essa compreensão ajuda a ilustrar o que não se vê como centro de análise em muitas pesquisas, que curvam suas observações somente aos avanços técnicos que permitiram a ampliação de alcance dos conteúdos outrora produzidos somente para TV, e não às mudanças que estes mesmos avanços provocaram no próprio formato dos conteúdos.

Muito além da ampliação do acesso à internet, os avanços técnicos observados na própria televisão, como o surgimento do sinal digital frente ao analógico, também resultaram em mudanças no telejornalismo. Kellison (2007) exemplifica vantagens como a maior transmissão de dados, manutenção de imagens nítidas em locais distintos, bem como o maior potencial interativo e a boa qualidade de som, como sendo aspectos importantes no caminhar do telejornalismo em destino a outras telas. A partir dessas mudanças os telespectadores puderam acompanhar telejornais em alta definição e, para além disso, os próprios jornalistas puderam pensar em conteúdos que fizessem proveito dessas melhorias. Fica evidente, dessa forma, que não há como dissociar os progressos técnicos dos produtivos. Como uma via de mão dupla, uma questão beneficiou a outra até desaguar em outros novos e consolidados formatos de produção e conteúdo, e no surgimento dos próprios canais de streaming como um braço importante do telejornalismo atual.

Médola e Carmo (2022) afirmam que, como consequência do processo de mudanças observados nos conteúdos televisivos, ao longo dos anos, ainda que carregando vestígios que estes mesmos conteúdos carregam de uma linguagem própria, as “tele-visões” passam a ir além da mídia TV, e, “Ao se atualizar nas diferentes interfaces e suportes da plataforma, portanto, o modo de ser televisivo permanece, mas agora enquanto televisualidade”. Becker (2016) também argumenta que a condição de o conteúdo televisual ser móvel e conseguir ir além das telas de televisores é algo relativamente recente, mesmo com a evolução técnica do meio. A ampliação de horizontes do telejornalismo é impulsionada pela mobilidade oferecida pelos dispositivos móveis, bem como pela facilidade de conexão com a internet.

A inovação no jornalismo de televisão ganha novos horizontes com a mobilidade proporcionada pelos dispositivos móveis, especialmente nesta fase em que os recursos destes novos suportes são potencializados pela fácil e rápida conexão à internet. É válido lembrar que a mobilidade já existia na produção telejornalística muito antes do surgimento dos primeiros notebooks, celulares, smartphones, tablets e smartwatches, quando a miniaturização dos equipamentos tornou possível o deslocamento das equipes para gravações externas (Becker, 2016 p. 61)

Para além das particulares técnicas, evidenciadas pelo avançar das tecnologias móveis, há também outras questões relacionadas ao uso de várias outras telas para produzir e reproduzir conteúdos telejornalísticos. Pereira e Caleffi (2022) apontam a transmissão em fluxo, uma das principais características da TV, como uma dessas questões. Essa transmissão, segundo os autores, permitia inicialmente apenas a exibição única de programas ao vivo ou gravados, partindo de uma grande de programação pré-estabelecida. Ou seja: antes, os espectadores só podiam acompanhar a exibição de conteúdo em tempo real, o que exigia sua presença e atenção no exato momento da televisão. Trazendo para a realidade do telejornalismo, à nível de exemplo, era impensável assistir a uma edição de telejornal no dia seguinte à sua exibição. Agora, mais que isso, é possível assistir à íntegra ou até mesmo a determinadas reportagens ou a outros tipos de conteúdo telejornalísticos a qualquer momento, de qualquer lugar, a partir do acesso à internet.

Por outro lado, pelo lado dos profissionais jornalistas, também há questões a serem observadas no que diz respeito ao jornalismo, e mais especificamente ao telejornalismo, em múltiplas telas. Ramonet (2012) sinaliza sobre a necessidade de os jornalistas seguirem as tendências de evolução, como acredita-se que sejam as perspectivas de consumo em múltiplas telas, para assim também conseguirem produzir outros tipos de conteúdo. Na prática, para o pesquisador, essa produção voltada aos novos formatos possibilitaria a criação de materiais

diversionais e reinventados, abertos a mudanças estruturais que podem ajudar, inclusive, a criar novos padrões de produção e, indo além, novas formas de entendimento público sobre as perspectivas jornalísticas, a partir da reinvenção de seu *modus operandi* que outrora se mostrava exclusivo e unidirecional, ainda de acordo com Ramonet (2012). Compreendendo este cenário, o jornalismo se abre a novas possibilidades de “formatos, produção, distribuição, circulação e recirculação da informação” (Pereira e Caleffi, 2022).

Em contrapartida, é válido destacar também as mudanças nas noções do próprio consumo de TV após o estabelecimento de conexões em rede. Pois, do mesmo modo que o conteúdo antes produzido somente para a televisão se expandiu para outras telas, o fenômeno inverso também aconteceu: produtos e formatos “oriundos de outras telas”, como os filmes e séries de entretenimento, passaram a também fazer parte da programação assíncrona disponível ao consumidor por meio do acesso aos canais de streaming pela televisão. Fato ilustrado por dados recentes: no Brasil, segundo o Módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) do IBGE<sup>32</sup>, o número de domicílios do país com TV subiu de 69,6 milhões para 71,5 milhões entre 2021 e 2022 e, entre esses domicílios, 43,4%, ou seja, mais de 31 milhões, tinham serviço pago de streaming, tanto de TV aberta, como o Globoplay<sup>33</sup>, quanto por assinatura, como a Netflix<sup>34</sup>.

Outrossim, voltando as argumentações a respeito dos aspectos motivadores do jornalismo em múltiplas telas, cabe destacar conceitualmente as plataformas nas quais as emissoras de televisão passaram a armazenar e distribuir conteúdos de diversos gêneros, como os de telejornalismo: os canais de streaming. Antes automaticamente relacionados apenas ao entretenimento, essas plataformas também passaram a fazer parte do *hall* de possibilidades, inicialmente, de armazenamento de produtos telejornalísticos. E, antes de avançar na discussão propriamente dita sobre a relação do telejornalismo com os canais de streaming, justificada pelo proposto debate acerca do telejornalismo em múltiplas telas, e que se dará considerando, primordialmente, o Globoplay, é preciso delinear também a trajetória dessas plataformas.

Ao tratar sobre o surgimento e popularização dos serviços de streaming, Pereira e Caleffi (2022) colocam em destaque o percurso percorrido pela Netflix, que nasceu na década de 1980

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38306-em-2022-streaming-estava-presente-em-43-4-dos-domicilios-com-tv>. Acesso em: 9 nov. 2023

<sup>33</sup> Canal de streaming da Globo, onde a emissora e suas afiliadas armazenam seus conteúdos, inclusive, os jornalísticos.

<sup>34</sup> Serviço online de streaming com alcance global.

como então fornecedora de distribuição de produções audiovisuais pelos Correios dos Estados Unidos para assinantes e, anos depois, se popularizou no mundo inteiro, inclusive no Brasil, como uma das principais plataformas do gênero. Atualmente, o canal coleciona não mais números de produções somente armazenadas, como também se consolidou como um dos grandes estúdios de produção audiovisual dos mais diversos gêneros, se destacando, principalmente, com as famosas séries e também com filmes de produção própria.

Anos depois do “boom” da Netflix, surge no Brasil o canal de streaming Globoplay. Criado pelo Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país, como espaço destinado ao armazenamento de determinadas produções exibidas na grade de programação da emissora em TV aberta. Lançado em 2015, o canal é composto atualmente por diversos tipos de conteúdos antes presentes somente na televisão: as novelas, os telejornais, as minisséries e outros tipos de produções audiovisuais, além das obras criadas para o próprio canal e da ferramenta “Agora na TV”, por meio da qual os telespectadores podem acompanhar, em tempo real, a grade de programação da TV aberta com sinal local. No Globoplay é possível ter, ainda que por meio de pagamento prévio, acesso a outros canais da Globo, de TV fechada, como Globo News, SporTV, Premiere e Multishow.

Em reflexão sobre as estratégias enunciativas da transmissão televisiva pelo Globoplay, Médola e Carmo (2022) lembram que o alcance da programação ao vivo se deu gradativamente, desde 2019, e pontuam também que, antes disso, em determinados momentos, como na pandemia de Covid-19, a plataforma optou por abrir gratuitamente o acesso canais fechados da Globo mesmo em lugares que ainda não possuíam o sinal liberado pelas redes locais.

Seu acesso inicial, contudo, era restrito a determinadas regiões, havendo uma gradativa ampliação de sua área de cobertura, que veio alcançar todas as regiões do Brasil em 2020, durante o período de quarentena. Com o cenário pandêmico instaurado em 2020 em função do coronavírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, as plataformas de streaming tiveram que se adequar para atender com qualidade a maior demanda de usuários que, por seguir a recomendação médica de permanecer em casa para conter o agravamento da crise sanitária, recorreram a esses serviços como forma de entretenimento (Médola e Carmo, 2022, p. 40).

A situação exemplificada acima revela que, mesmo com pouco tempo de criação, o Globoplay acumula uma série de mudanças estéticas e editoriais. Ainda conforme Médola e Carmo (2022), a plataforma incluiu, em 2020, mais de 19 canais do Grupo Globo antes fechados a assinantes no espaço “Globoplay + canais ao vivo”; e alterou a interface no até então “Agora na Globo”, que passou a se chamar “Agora na TV”, para que a mesma ficasse esteticamente

semelhante à de canais por assinatura, “tendo em vista a possibilidade de assistir por meio dela a programação linear de diversos canais pertencentes ao Grupo Globo e não mais apenas a TV Globo” (Médola e Carmo, 2022). O canal de streaming segue as mesmas frequências e motivações mercadológicas já conhecidas do grupo empresarial, mas, possibilita também ao usuário novas formas de consumo, em diversos dispositivos e de diversos formatos e gêneros, como no caso das produções telejornalísticas, assim como consideram as reflexões acerca do telejornalismo em múltiplas telas.

Conectado à internet, o Globoplay remedia (BOLTER; GRUSIN, 2000) o universo televisivo do Grupo Globo, mantendo inclusive seus modelos mercadológicos tradicionais — como, por exemplo, a segmentação do acesso à programação dos canais fechados também na plataforma, deixando gratuita apenas a que já é oferecida gratuitamente pelo sistema televisivo aberto. O usuário passa então a ter outras possibilidades de acesso à programação dos canais televisivos da empresa de mídia além das já tradicionais formas de distribuição (Médola e Carmo, 2022, p. 41).

No escopo desta pesquisa, o Globoplay, inicialmente, é observado como plataforma onde de armazenamento das séries telejornalísticas analisadas, o que acontece depois da exibição das mesmas em TV aberta, em uma das afiliadas da Globo na Paraíba, a TV Cabo Branco. No entanto, ao percorrer investigativo, evidências metodológicas que serão apresentadas adiante, na análise em si, também provocaram um despertar para pensar neste canal de streaming como sendo responsável por mudanças, também, no fazer jornalístico analisado. Entendimento reforçado por Pereira e Caleffi (2022), que reiteram a necessidade de se perceber os canais de streaming não somente como espaços de reprodução de conteúdo convergente em rede, mas também como modificadores de formatos e rotinas já estabelecidas e outrora fortemente consolidadas.

Quando falamos em streaming precisamos pensar que esse tipo de serviço se configura como uma nova forma de consumo de conteúdo audiovisual que implica em uma nova lógica de produção [...] outro aspecto central do serviço é a perenidade dos conteúdos, que permanecem durante longo tempo à disposição dos seus assinantes e, portanto, não podem ter sua relevância baseada na atualidade e na factualidade. Dois traços essenciais do telejornalismo (Pereira e Caleffi, 2022, p. 5).

Schlaucher, Almeida e Coutinho (2013) assinalam que no contexto atual pode-se contemplar mudanças no percurso televisivo, e que tais mudanças também são influenciadas pelo que chamam de “mídias disruptivas”. Processo que, por lado, também ocasiona transformações no fazer telejornalístico, uma vez que os profissionais, assim como as empresas, demonstram disposição para “conhecer e se aventurar por essa outra lógica que se estabelece

para o negócio jornalismo, que exige uma nova forma de gestão” (Pereira e Caleffi, 2022). Mas, por outro lado, evidencia também, e novamente, as facetas de um telejornalismo de maior alcance, que por sua vez, também pode apresentar as características do que diversos teóricos chamam de uma forma de conhecimento do próprio jornalismo.

Meditich (1997) trabalha a questão do jornalismo como forma de conhecimento a partir de três abordagens. A primeira delas considera que o jornalismo não produz um conhecimento válido e contribui, somente, para a degradação do saber, já que “uma ciência mal feita, quando não como uma atividade perversa e degradante” (MEDITSCH, 1997, p. 2); já na segunda abordagem, o autor considera o jornalismo como uma ciência menor, capaz de revelar o que há de cotidiano na vida humana, o que o configuraria, portanto, como uma forma de conhecimento da realidade que passeia entre o senso comum e a ciência; e, em sua terceira abordagem, o estudioso afirma que o jornalismo possui a capacidade de compreensão e revelação de aspectos. Estas considerações estão presentes em um dos textos desenvolvidos por ele em Portugal.

Entendendo o jornalismo como uma forma de conhecimento, Meditsch aponta que é preciso enxergar e, para além disso, valorizar o caráter cultural e histórico de todas as formas de conhecimento deixando de lado, portanto, a ideia de que o saber científico é infalível – entendimento herdado do positivismo. Dessa forma, o autor pontua que, quando vistas como formas únicas de conhecimento de mundo, a metodologia científica e as ciências sociais se curvam ao cotidiano, o que aconteceria, ainda de acordo com Meditsch, a partir de um processo de superação que se estagnou ao longo do tempo. Sendo assim, ele considera que o jornalismo produz e reproduz conhecimento útil para as sociedades, e pontua, ainda, que como toda forma de conhecimento, apresenta lacunas estruturais que devem, também, ser observadas e preenchidas.

Embora nesta perspectiva se considere que o jornalismo produz e reproduz conhecimento, não apenas de forma válida de um contexto. Mas também útil para as sociedades e seus indivíduos, não se pode deixar de considerar que esse conhecimento, por ele produzido, tem os seus próprios limites lógicos e, quando observado na prática, apresenta também uma série de problemas estruturais. Como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida (Meditsch, 2002, p. 27).

O autor segue pontuando os motivos pelos quais considera o jornalismo como uma forma de conhecimento, e destaca questões como a fragilidade enquanto método científico, a falta de transparência e, uma característica que insiste em ser evidenciada, muitas vezes devido

ao próprio formato *hard news* de se fazer notícia [principalmente em se tratando de telejornalismo], a superficialidade. Para Meditsch (2002), todos esses problemas precisam e devem ser superados, mas para além deles, precisa também estar presente no dia a dia dos próprios profissionais da imprensa a noção de que o jornalismo é menos rigoroso que as ciências formais por, justamente, não “se descolar de noções pré-teóricas para apresentar a realidade” (MEDITSCH, 2002, p.24).

Já Park (1966), que também foi um dos pioneiros nos estudos sobre o jornalismo como forma de conhecimento, pontua que a função da notícia é “orientar o homem e a sociedade no mundo real” (Park, 2008, p. 51). Partindo desta reflexão, ele elenca duas diferentes formas de conhecimentos com validade e grau de precisão distintos; são elas: o conhecimento “acerca de”, que requer investigação formal partindo de uma estrutura lógica e sistematizada; e o conhecimento apenas “de”, adquirido após experiências pessoais no mundo que cerca o indivíduo em questão. Com esta base, Park tenta diferenciar a ciência e o conhecimento próprio às notícias, partindo do parâmetro do próprio conhecimento científico, mas, deixa de caracterizar o conhecimento jornalístico propriamente dito, o considerando semelhante ao senso comum. O que, por mais que atualmente pareça um entendimento superficial e ultrapassado, foi um marco na identificação do jornalismo como uma instituição social capaz de promover algum tipo de reflexão.

Ao definir o jornal como instituição, Park o caracteriza como um componente estrutural da sociedade e, por isso mesmo, consegue ir além do julgamento moral, ao compreender que mais importante do que saber se o jornal era bom ou ruim, o que todos necessitavam então era saber o que era, conceitualmente falando, o jornal como instituição (MACHADO, 2005, p.30).

Sponholz (2007) reitera que, “ao se contemplar a função social do jornalismo de fornecer orientações para o nosso dia a dia, então pode-se classificá-lo como senso comum” (Sponholz, 2007, p. 7), e, por outro lado, chama a atenção para a compreensão acerca da produção e da recepção do jornalismo, para os estudos acerca de tal como uma forma de conhecimento. Para a autora, o jornalismo não é ciência, mas também não é senso comum, e produz, portanto, um conhecimento híbrido regado à singularidade e estruturação de conteúdos vivenciados e construídos a partir de uma realidade midiática.

Classificar o jornalismo como uma forma de ciência é exigir dos jornalistas o que eles não têm condições de cumprir com os recursos que lhes são disponíveis. Igualá-lo ao senso comum é condená-lo a reproduzir e reforçar aquilo que já se sabe, mesmo quando esse “saber” não corresponder à realidade, e desperdiçar a chance do potencial do jornalismo como processo de conhecimento (Sponholz, 2007, p. 13-14).

A autora também aponta para os caminhos pelos quais o jornalismo deve percorrer rumo à entrega de uma informação de qualidade. Para ele, este campo de conhecimento é regido por pautas, que muitas vezes lhe são apresentadas com diversas lacunas, mas, quando executadas de forma aprofundada, podem alcançar níveis relevantes de compreensão e de reconstrução da realidade primária (Sponholz, 2009). A pauta, diferente de outras ciências, para Sponholz, não surgiria a partir de uma teoria anterior, mas sim de aspectos da realidade observados pelos próprios jornalistas, o que teria como resultado o desejo de absorção do fato por diversos pontos de vista diferentes. Meditsch (1997), inclusive, pontua também que o jornalismo não teria hipóteses para testar, diferentemente dos demais métodos científicos, mas sim, uma pauta a se cumprir, e que por isso, “por possuir método diferenciado, o jornalismo jamais seguirá o mesmo critério da ciência” (Meditsch, 1992, p.54).

Afunilando as discussões à realidade do telejornalismo, e não mais genericamente ao jornalismo, em um artigo cujo objetivo perpassa pela categorização metodológica de reflexões que defendem e demonstram a consolidação do telejornalismo como um campo de estudo e, também, como uma forma de conhecimento, Mello e Andrade (2022) afirmam que o gênero se insere “num campo científico, como uma forma de conhecimento, uma ciência, que se estrutura por meio das pesquisas e da produção acadêmica em torno do tema” (Mello e Andrade, 2022, p. 3). Os autores defendem que uma melhor compreensão sobre o funcionamento do próprio jornalismo como uma forma de conhecimento, seria capaz de revelar “aspectos da realidade que não são obtidos por outras maneiras de conhecimento mais prestigiadas em cada cultura, produzindo e reproduzindo conhecimentos válidos” (Mello e Andrade, 2022, p. 2).

Aqui, cabe citar as noções de Alfredo Vizeu a respeito do conhecimento produzido pelo jornalismo, e em virtude das próprias contribuições do autor para o gênero, do telejornalismo. Ele destaca que o conhecimento produzido pelo jornalismo é o conhecimento do desvelamento (Vizeu, 2014; 2016), que busca ser mais comum e acessível, mas não algo acabado. Este conhecimento tiraria o véu da realidade, apresentando a quem o consome as múltiplas facetas do já existente e contribuindo, assim, para a compreensão do mundo. Um desvelamento possível em todo o processo noticioso, desde a produção da pauta até a edição final, uma vez que este processo resultaria, também, da relação crítica com o objeto da notícia e/ou reportagem, pontuados por Vizeu por meio de conceitos outrora pontuados, também, por Paulo Freire: a problematização e o diálogo.

Não é possível falar em conhecimento do jornalismo sem uma problematização constante das práticas jornalísticas, na função do jornalismo de informar. Outro aspecto importante é também a centralidade do diálogo nos

processos jornalísticos de construção do real. O fazer jornalístico é um “estar em diálogo”. É dentro desse contexto que o método, a investigação jornalística, que atravessa todo o processo de produção do jornalismo da coleta de dados até a audiência comunicativa, é central na construção da realidade social (Vizeu, 2016, p. 07).

Sendo assim, partindo de toda discussão proposta neste tópico, ou seja, das reflexões a respeito do telejornalismo em múltiplas telas até sua própria noção enquanto forma de conhecimento, a partir da argumentação centrada na generalidade do jornalismo, pode-se afirmar que o telejornalismo é usado para produção de um conhecimento do cotidiano, e que essa função é potencializada com a imagem, com o avanço tecnológico e, também, pelos dispositivos didáticos aqui observados. Essas questões podem, ainda, ganhar recortes para reflexões ainda mais especificadas, considerando características de porte geográfico, histórico, político e social, bem como os quesitos próprios ao tipo de jornalismo ao qual se destina o produto analisado – como ao aplicá-las ao jornalismo de serviço, por exemplo. É o que propõem os próximos tópicos deste capítulo.

### **3.2 Aproximações com o Telejornalismo Local**

O que difere o telejornalismo no que diz respeito a sua abrangência ou especificidade? É com esta pergunta que Mueller (2021) iniciou, recentemente, importantes reflexões teóricas acerca da conceituação do telejornalismo local em dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em síntese, como bem pontua o autor, parece simples elencar o que de fato torna ou não uma produção em telejornalismo como sendo local, uma vez que esta falada localidade está amplamente relacionada a questões geográficas. Mas, indo adiante no pensamento do mesmo estudioso, como caracterizar tal localidade em tempos de múltiplas telas, trabalhadas detalhadamente no tópico anterior? Afinal de contas, é possível assistir a conteúdos antes tidos como locais, de diferentes localidades – reflexão que parece redundante, mas, de mesmo modo, evidencia aspectos importantes à investigação científica. E é partindo destas reflexões, aqui se propõe um debate sobre o telejornalismo em uma conjuntura aplicada ao telejornalismo local, no sentido de entender e pontuar esta abrangência como ponto de partida, ou não, das produções telejornalísticas aqui analisadas, e à luz da função pedagógica do telejornalismo.

Em breve síntese histórica, é possível listar alguns marcos que ajudam a compreender a conceituação do telejornalismo local e, para além disso, a entendê-la como base nas discussões

voltadas a produções exibidas em telejornais regionais, como as séries aqui analisadas. No artigo 221 do capítulo V da Constituição Federal de 1988<sup>35</sup> a obrigatoriedade da exibição de conteúdo jornalístico regional é imposta por Lei. No documento, são impostas regras para a preferência a exibição de conteúdos com finalidades educativas, artísticas, culturais e informações, cujo objetivo seja a promoção da cultura nacional e regional, além da regionalização da produção cultural, artística e jornalística com base no respeito a valores éticos e sociais. A partir do estabelecimento deste marco jurídico, o avanço dos próprios meios de comunicação, representado pelo surgimento do *videotape*, em meados da década de 1960, bem como a criação do Jornal Nacional e a expansão das famosas “afiliadas” de emissoras, em meados de 1990, como a própria Globo, também marcam as noções do que se entende por telejornalismo local.

Mas, não há o que de fato simbolize ou defina o que é ou não telejornalismo local. Pois, há quem considere a mencionada expansão de afiliadas de emissoras como estratégia comercial destas mesmas empresas, bem como quem não considere o que prevê a constituição algo passível à crença legislatória. Como destaca Mueller (2021), o que acabou definindo a diferenciação de um telejornal local ou não foi a perspectiva tecnológica, associada à capacidade de transmissão de dados a longa distância. Dessa forma, afirma o autor, no momento em que estas produções conseguiram ampliar as condições técnicas e a abrangência de seu alcance, continuaram sem conseguir definir fatos e temas que acontecem em nível local, ou mesmo os que poderiam ter abrangência nacional. Fenômeno que resultou, inicialmente, na divisão de equipes específicas para cobertura local e de alcance nacional, nos telejornais nacionais.

(...) essa diferenciação foi acontecendo a partir da criação desses telejornais, de rede nacional, que se propunha a trazer os fatos que tivessem maior abrangência possível incluindo, então, as características eminentemente segmentadas ou de interesse restrito a uma sociedade ou a um espaço geográfico. Nessa direção, pactuou-se uma espécie de divisão das equipes entre os profissionais que se dedicavam a cobertura dos fatos mais próximos ao espaço geográfico de abrangência da sede das emissoras e outras que se dedicavam apenas aqueles fatos que não se restringiam a esses espaços e cuja importância e abrangência ultrapassaram esses limites geográficos. Nesse mercado estes profissionais eram diferenciados entre equipes da praça local e de cobertura especial para a rede (Mueller, p. 54, 2021).

---

<sup>35</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 13 nov. 2023

Após essa divisão, ainda de acordo com Mueller (2021), os telejornais foram se tornando regionais, mesmo preservando características de grandes redes impostas por elas mesmas, como padronização de horário de grade de exibição e de cenários, além dos enquadramentos, vinhetas e formatos. O autor opta por considerar que estes avanços são importantes na conceituação de sua pesquisa, mas, reitera que estes avanços servem especificamente como um conceito operacional, usado para chegar aos objetivos esperados. Por outro lado, mesmo sem tantas definições impostas, Camponez (2002) destaca que a ampliação do alcance produtivo de telejornais de diferentes localidades, possibilitou acesso à informação e também visibilizou a força do interesse de determinadas audiências em detrimento de outras mais amplas, o que gera identificação do telespectador com o conteúdo exibido regionalmente.

Capparelli (1982) diferencia telejornais locais, regionais e nacionais da seguinte maneira: a) no local é feita uma produção para a área de emissão do canal; b) no regional, há produção fora da área de alcance do canal local, ainda que presente no mesmo espaço geocultural; c) no nacional, a produção é gerada no país a partir de outra região do território nacional, fora do local onde a emissora está situada. Indo do produto telejornal para o gênero telejornalismo, Mello (2019) define a compreensão do telejornalismo local a partir de premissas que consideram a concepção de identidade do público, uma vez que os noticiários são produzidos especificamente para um determinado público. Desse modo, pode-se compreender que os aspectos da regionalização da televisão, como seus avanços técnicos, evidenciam diferenciações importantes ao fazer jornalístico em determinadas realidades que, mesmo alcançadas por programação nacional, têm também informações sobre o mundo que as cerca de maneira aproximada.

Mesmo com as definições mencionadas, importantes ao debate aqui proposto, é preciso refletir também sobre os resultados das produções com projeção determinada pela localidade, já que estas, no contexto do telejornalismo local dizem respeito a um público específico. Launay (2002) menciona a característica subjetiva do termo local, já que o mesmo é vastamente considerado um ambiente de transformações intrínsecas, muitas vezes perceptíveis apenas a quem convive com determinadas realidades. Por isso, defende Launay (2002), é importante, também, pensar na regionalização da televisão como sendo parte de uma conjuntura de transformações, e, conseqüentemente, fincar o entendimento de que os diferentes públicos não desejam assistir ao mesmo conteúdo, uma vez que imergem em valores sociais, interesses e comportamentos plurais, diferentes uns dos outros (LAUNAY, 2002, p. 76).

Emerim e Coutinho (2019) argumentam sobre as questões relacionadas ao telejornalismo local a partir do debate sobre o público que o consome. Para as autoras, a noção também está relacionada as experiências de proximidade do telespectador final com a notícia exibida. Entendimento evidenciado em exemplos de fácil compreensão, como, e principalmente, no caso de conteúdos de serviço públicos, destinados, quase que obrigatoriamente, a determinadas localidades, como mutirões de saúde, serviço de emissão de documentos, e etc. Dessa forma, a função de mediação do telejornal (Vizeu, 2009) seria aprofundada, uma vez que o mesmo passaria também a estabelecer relações ainda mais próximas com o telespectador, que sente a necessidade de consumir determinado produto para conhecer a realidade que o cerca e, como consequência, conhecer também a si mesmo, como parte de uma coletividade.

Partindo destes princípios, as autoras põem à luz definições que, para elas, seriam parte das dimensões entre a identidade social no telejornalismo local. Elas apontam para questões como complementaridade e troca; sentimento de pertença à humanidade; e compartilhamento da mesma cotidianidade, partindo de um fato de vivência comum (Emerim e Coutinho, 2019). Nessa mesma conjuntura, Vizeu e Correia (2006) apontam as discussões sobre o telejornalismo como um lugar de referência, por meio do qual a sociedade não apenas se informa sobre o que está acontecendo, em movimento, à sua volta, como também como algo próximo à sua vida afetiva, ocupando lugar semelhante ao de outras instituições, como a família e a escola, dadas as devidas proporções. Sendo um lugar de referência, portanto, o telejornal se mostra como aparelho midiático por meio do qual as pessoas buscam entender o que acontece nos espaços próximos a onde estão e, como reiteram Vizeu e Correia (2019), são atribuídas ao telejornalismo local responsabilidades sociais fracassadas, em suma pelo poder público, como orientação e ajuda.

O telejornalismo local, a partir da perspectiva de lugar de referência, funciona como uma espécie de lugar onde as pessoas buscam e procuram informações para tentar entender o que está ocorrendo em um espaço mais próximo de onde sua vida se efetiva. Funciona também como um espaço de orientação, de ajuda, quando instituições e poderes constituídos fracassam em suas tarefas. Há confiança na correção do trabalho, na visibilidade, na repercussão, no processo de envolvimento coletivo dos que vivem a mesma ou igual realidade retratada ali, nas telas. (Vizeu; Correia, 2019, p. 28)

Ao lugar de referência apresentado por Vizeu e Correia, e indo além das discussões sobre a capacidade que o telejornal possui de gerar opinião e engajamento entre os cidadãos (Alsina, 2009), acrescentam-se à conceituação do telejornalismo local, ainda, questões como

mediação e pertencimento, fundamentais quando se pensa em um telejornal produzido a partir de demandas trazidas por determinados contextos. Sendo o local um território audiovisual construído a partir de recortes e reconstruções de determinados contextos sociais, exibidas diariamente (Bourdin, 2001), pode-se considerar, também, o telejornal como sendo o produto capaz de estabelecer o sentimento de pertencimento do público com o lugar onde mora. Da mesma maneira, é capaz de mediar os fatos e o próprio telespectador, através da abordagem de questões debatidas todos os dias, como os diversos problemas sociais e suas possíveis soluções. Questões que Coutinho e Martins (2008) tratam como intrínsecas ao jornalismo de TV, relacionando também com a noção local aqui tratada.

O telejornal local é um mediador entre o receptor e a cidade, uma vez que o telespectador se conecta a ela através do telejornal; partilha e assiste pela tela da televisão as histórias de cidadãos como ele, e que vivem problemas semelhantes aos seus. O jornalismo de TV que tenha um caráter realmente local pode influenciar o sentimento de pertencimento do cidadão, de reconhecimento por ele do que seria o seu espaço público; o telespectador que assiste ao telejornal local se identifica com o que está vendo porque a notícia da cidade apresentada na tela efetivamente faz parte da sua vida cotidiana (Coutinho e Martins, 2008, p. 03).

Por outro lado, é preciso refletir também sobre os aspectos mercadológicos que permeiam o formato do telejornalismo local, seguindo ainda o que se propõe como fundamental ao entendimento da função pedagógica presente no contexto. Coutinho (2007) afirma que a busca por aproximação com o público, observada na produção de conteúdos telejornalísticos feitos para uma determinada localidade, não partem de intenções ingênuas, mas sim de noções pré-estabelecidas, importantes à construção de um entendimento que considera questões como autoridade e credibilidade, presentes no jornalismo televisivo. Como consequência dessa produção, continua a autora, há uma atração de anunciantes, dispostos a alcançar o mesmo público a quem o telejornal se destina, mediando a realidade, fortalecendo o pertencimento e, como acredita o presente estudo, ensinando sobre o mundo que o cerca. Para Coutinho (2007), portanto, a faceta de localidade apresentada pelo telejornalismo, além de se configurar como um valor notícia, tem como resultado final o lucro para as emissoras que fazem questão de o praticar.

Mas essa busca por aproximação com o público não se ocorre de um modo ingênuo. Acarreta em credibilidade do telespectador e como consequência atrai anunciantes para a emissora. Assim a proximidade pode ser classificada como um valor notícia. Ao se ver e reconhecer diante do telejornal o público cria uma identidade com a emissora; que resulta na credibilidade do telejornal;

e tem como consequência final a geração de lucro para a TV, uma vez que atrai os anunciantes locais. (Coutinho, 2007)

Por outra perspectiva, no entanto, também é preciso sinalizar que, as mesmas emissoras que apostam seu sucesso lucrativo no telejornalismo local, como forte atrativo de anunciantes, como acredita Coutinho (2007), passam muitas vezes por processos de precarização, que resultam na falta de conteúdos locais, ou seja, na aparição dos desertos de notícia. Na realidade brasileira, à nível de exemplo, não é difícil enumerar os desertos de notícia que insistem em existir. Conforme dados do Atlas da Notícia, do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), divulgados pela Agência Brasil<sup>36</sup>, até agosto de 2023, mais de 2,7 mil cidades brasileiras possuíam desertos de notícia, ou seja, não eram alcançadas por produtos noticiosos locais. Quando aproximados, os números representam cerca de 26,7 milhões brasileiros que não possuem acesso a notícias locais, ou seja, acabam por não saber através dos meios de comunicação informações sobre as realidades que as cercam.

Debate que também pode ser relacionado ao avanço tratado no tópico anterior, a respeito do telejornalismo em múltiplas telas. Pois, ao passo em que se mostra como necessário ao entendimento coletivo de determinados contextos, o telejornalismo local também evidencia novos formatos, por vezes alternativos, que mostram, por sua vez, uma tentativa de sobrevivência, conforme Cavenaghi (2013), “solucionando a falta de estrutura com criatividade e procurando diferentes maneiras de manter a conexão com a comunidade”, conforme (Cavenaghi, 2013, p. 37). Tal peculiaridade, ainda de acordo com a autora, é o que faz do telejornalismo local um ambiente por vezes experimentação, aberto a mudanças de formato – característica ideal e quase obrigatória no contexto das mudanças tecnológicas da TV, já abordadas anteriormente.

Essas mudanças ficam em evidência em situações específicas, muitas delas emergenciais, como no caso da pandemia de Covid-19, já abordada no âmbito do telejornalismo geral anteriormente, no capítulo antecessor. No contexto do jornalismo local, e considerando também os novos formatos colocados em ênfase nas múltiplas telas, convém pontuar inicialmente as mudanças ocasionadas internamente, na produção de notícias nas redações de telejornais, com o advento da pandemia do novo coronavírus, visto que, à luz destas mudanças, é possível entender e debater sobre os novos formatos de abrangência local e/ou nacional, que

---

<sup>36</sup> Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/estudo-mostra-reducao-do-deserto-de-noticias-no-brasill>. Acesso em: 14 nov. 2023

muito além de transmitir informações também ensinou, entre outras questões, sobre os métodos necessários ao combate à doença e, conseqüentemente, salvou vidas.

A própria TV Cabo Branco, emissora que produziu as séries telejornalísticas usadas como instrumento de pesquisa neste estudo, adotou novos métodos de produção e propôs novos formatos a partir da pandemia. Em uma pesquisa voltada ao entendimento sobre as questões que envolveram o jornalismo durante a pandemia de Covid-19, e mais especificamente no capítulo que trata sobre as mudanças nas rotinas de produção da TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba, Siqueira, Neves e Moreira (2020) pontuam questões até então desconhecidas acerca dos novos processos jornalísticos que precisaram acontecer para que a programação local da emissora em questão pudesse continuar sendo exibida, em consonância com a manutenção da saúde dos profissionais envolvidos, que precisaram ser mantidos em segurança; e, além disso, discorreram também sobre as mais importantes mudanças, do ponto de vista jornalístico, ocorridas no período analisado.

Segundo as autoras, as medidas em prol do distanciamento social para combater a disseminação da doença tiveram como consequência, em suma, a exibição de vídeos enviados pelos próprios telespectadores e fontes oficiais, prática que, até então, não era adotada em virtude de padrões estéticos. Além disso, ainda de acordo com as autoras, e antes mesmo da exibição de conteúdos com o formato mencionado acima, a própria construção das pautas foi repensada, de modo a incluir informações acerca da doença e de todas as suas consequências para a vida em sociedade. Para as autoras, com a Covid-19, “muitas questões mudaram dentro das redações, inclusive a forma de se construir a pauta” (Siqueira; Neves; Moreira, 2020, p. 201). Por isso, informações básicas tanto sobre as descobertas relacionadas ao próprio vírus, como sobre as formas de prevenir seu contágio e os avanços científicos que resultaram nas vacinas, foram priorizadas nos telejornais.

Outrossim, a partir do relato de profissionais envolvidos na produção, reportagem e edição dos telejornais da TV Cabo Branco no período da pandemia, o estudo realizado por Siqueira, Neves e Moreira (2020) também evidenciou que, em um momento de grave crise sanitária, o telejornalismo local produzido pela emissora em questão se mostrou aliado ao combate à Covid-19. Os relatos presentes nas entrevistas publicadas no estudo científico direcionam para um debate não somente sobre as mudanças adotadas em um determinado período temporal no modo de fazer telejornalismo, como também para as possibilidades de aprimoramento técnico dos novos formatos apresentados.

Assim como em emissoras de todo mundo, a TV Cabo Branco precisou realizar mudanças para respeitar as regras de distanciamento social e assegurar a saúde de seus profissionais e entrevistados, sem comprometer seus programas jornalísticos (...) Assim, entendemos que a pandemia trouxe desafios para o jornalismo e alterou consideravelmente as rotinas produtivas e o fazer jornalístico já conhecido por parte dos produtores. Novas possibilidades surgiram e, algumas, podem ser adotadas definitivamente no jornalismo pós-pandemia (Siqueira, Neves; Moreira, 2020, p. 216-217)

Desse modo, também é possível afirmar que o telejornalismo local e todas as suas implicações, expostas anteriormente, possuem peculiaridades que põem em xeque facetas diversas de seu próprio modo de realização diária, como também demonstram sua capacidade de atuação em diferentes frentes sociais, em momentos distintos da história da humanidade. No caso mencionado acima, no que concerne à TV Cabo Branco e no âmbito do estudo tido como base teórica para a exemplificação desenvolvida, é possível considerar a existência de uma correlação entre os aspectos de mudanças produtivas com as tentativas de desempenho da função a qual se propõe o telejornalismo local enquanto agente de produção de sentido no mundo social (Barbosa; Silva, 2020).

E, para além do exemplo cujo recorte proposital referencia a emissora parte desta pesquisa, exposto com objetivo de demonstrar as nuances encontradas no contexto do telejornalismo local em situações específicas e relacionadas a emergência em saúde, é necessário mencionar ainda a relação do telejornalismo local com o que se entende por função pedagógica do telejornalismo. Barbosa e Silva (2020) argumentam, em estudo voltado a percepções identitárias relacionadas ao telejornalismo, que o profissional jornalista possui um caráter pedagógico e, portanto, estabelece mediação entre áreas do saber.

Concebemos o jornalista como um orientador pedagógico que tem como objetivo informar seu público, seus leitores. As notícias veiculadas nos programas telejornalísticos estabelecem uma mediação entre as diferentes áreas do saber e os telespectadores (Barbosa; Silva, 2020, p. 6).

Sendo assim, entendendo que a proximidade com o público na TV se dá através de mensagens veiculadas nas emissoras regionais, e principalmente, nos produtos telejornalísticos constituídos a partir de recortes da realidade exibida nos próprios telejornais locais (Coutinho; Fernandes, 2022), é viável concluir este tópico afirmando que as questões aqui pontuadas podem evidenciar aproximações do jornalismo local com os aspectos expostos acerca da função pedagógica do telejornalismo. Na perspectiva de uma produção aprofundada e específica sobre assuntos relacionados a saúde, como se propuseram a fazer as séries usadas como objeto de estudo nesta pesquisa, não há como deixar de lado as singularidades do telejornalismo local,

comprovadas nas argumentações feitas ao longo deste tópico, e nem como deixar de observar os processos que envolvem a produção de um telejornalismo didático. De mesmo modo, é preciso avançar nas questões relacionadas ao telejornalismo de serviço, que informa e ensina, e que será abordado a seguir.

### **3.3 Aproximações com o Telejornalismo de Serviço**

Quando se fala em telejornalismo de serviço, quase que instantaneamente tende-se a pensar em reportagens sobre problemas comunitários. Fato é que, seja ao cobrar o poder público por melhores condições de vida aos cidadãos, bem como ao informar sobre utilidades que de alguma forma tenham impacto na vida da população, o jornalismo realiza algum tipo de prestação de serviço. E, trazendo ao âmbito do telejornalismo, fica ainda mais fácil ilustrar o tema, afinal, inúmeras são as reportagens, entradas ao vivo e diversos outros materiais em diferentes formatos que conseguem levar ao público, diariamente, informações utilitárias – por mais óbvio que pareça este entendimento. Quando abordadas com rigor científico, essas questões também podem trazer à tona pormenores da função pedagógica do telejornalismo, partindo da hipótese de que esta função, aplicada ao jornalismo de serviço, é capaz de informar e ensinar, também para além da prestação de serviço por si só. Essa relação entre os dois temas que será abordada neste tópico.

Uma das próprias premissas do jornalismo é a prestação de serviço à sociedade (Cajazeira; Souza, 2020). Desse modo, pode parecer redundante o ato de buscar um modelo em específico para definir um tipo de formato adotado, na medida em que esta mesma questão – a prestação de serviço, ou seja, o jornalismo de serviço – já é considerada por si só uma característica imprescindível à função desempenhada pelo profissional jornalista. Mas, essa busca se justifica, aqui, como importante pilar para as reflexões relacionadas aos dispositivos didáticos aplicados no telejornalismo, considerando que o mesmo, além de prestar um serviço social enquanto gênero, também apresenta conteúdos específicos, caracterizados por diversos teóricos como parte de um conjunto formador do que entende-se por jornalismo de serviço. As reflexões fomentadas a este respeito deste assunto podem, assim, evidenciar pormenores importantes tanto à produção quanto às concepções sobre o fazer jornalístico.

Por vezes mencionado também como jornalismo comunitário, o jornalismo de serviço seria desenvolvido em torno da resolução de problemas focalizados (Sobrinho, 2014). No entanto, sua realização não estaria relacionada apenas a problemas oriundos de falhas do poder

público, como os de mobilidade urbana e até mesmo de saúde pública. Mas, ao jornalismo de serviço também caberia a produção de conteúdos que pudessem desenvolver uma tomada de consciência direcionada à individualização de direitos, como também acredita e pontua Sobrinho (2014). Diferente do “jornalismo comunitário”, que envolveria principalmente a produção de notícias via participação popular (Peruzzo, 2004), portanto, o jornalismo, e consequentemente o telejornalismo, de serviço, seria capaz também de propor soluções a problemas que afetam o telespectador em sua individualidade, sejam eles provocados ou não por fatores diretamente ligados a instituições de poder.

Entender as diferenças no que concerne ao jornalismo comunitário e de serviço é um importante passo nas discussões sobre o assunto, aplicadas ao telejornalismo e seus dispositivos didáticos. Arcoverde (2011) salienta que é necessário cautela ao usar o termo “comunidade”, pois, na sociologia, ele remete a um tipo-ideal característico de situações consensuais em sociedades que não chegaram à coletividade moderna. Nessa mesma direção, Sobrinho (2014) considera “comunidade” como sendo um organismo vivo e natural, enquanto classifica a sociedade como um “agregado mecânico e artificial” (Sobrinho, 2014, p. 83), na conjuntura dos debates sobre as diferenças que precisam ser bem pontuadas acerca das diferenciações entre o jornalismo de serviço e sua menção recorrente como sendo “jornalismo comunitário”.

A diferenciação também é importante para entender a completude de um termo para com o outro. Isso porquê, ainda de acordo com Sobrinho (2014), em meio ao caminhar histórico que passou a considerar comunidade como algo diretamente relacionado ao coletivo local, ou seja, ao grupo de indivíduos cujas demandas têm como ponto de encontro e partida a localidade onde vivem, o próprio jornalismo também passou a absorver essas definições e, consequentemente, produzir para determinadas localidades conteúdos específicos que pudessem oferecer a resolução de problemas coletivos, que afetam a individualidade do cidadão. Desse modo, surge o jornalismo de serviço, caracterizado não apenas pelo formato de produção, mais questionador e resolutivo, como também por características bem específicas, muitas delas até de linguagem, que geram identificação com o público.

O jornalismo de serviço, ao usar termos como a “comunidade chamou nossa equipe de reportagem”, “a comunidade quer a resolução” age da mesma forma, tratando a comunidade como um bloco homogêneo, alvo de uma intervenção do telejornal que cobra por moradores daquela localidade. De forma alguma, os moradores dessas localidades se portam apenas como vítimas, muito pelo contrário. Os mais engajados se veem como alguém que está na luta, e o auxílio do telejornal como um recurso para potencializar suas demandas (Sobrinho, 2014, p. 84).

Desse modo, é perceptível na prestação de serviço a qual se propõem determinadas produções telejornalísticas o cumprimento de demandas apresentadas pelos próprios cidadãos. E, é preciso reiterar que o aprofundamento deste conceito, proposto neste tópico, se justifica, também, pela aplicação metodológica empreendida nesta dissertação. Tal aplicação, feita mais à frente, terá semelhantemente como base a prestação de serviço observada nas séries estudadas através tanto da análise de conteúdo como também das entrevistas com os profissionais envolvidos. Preliminarmente, já é possível afirmar que estas observações revelarão nuances importantes no que diz respeito ao telejornalismo de serviço no contexto dos dispositivos didáticos. Em dados momentos, inclusive, as produções prestarão serviço público sobre aparelhos de saúde que podem ser usados pela população a qual se destinam as séries telejornalísticas.

Indo mais adiante, pode-se delimitar também o caminho percorrido pelo modelo até aqui, de modo a compreender seus diferentes modos de aparição na produção jornalística. Temer (2009) explica que, no Brasil, o jornalismo de serviço está concentrado em duas vertentes; são elas: a da cidadania, que presta esclarecimentos acerca dos direitos da sociedade e dos serviços públicos disponíveis; e a do consumo, que atua como reforço de vendas e até mesmo de comportamentos sociais (Temer, 2009). Nesse sentido, as produções telejornalísticas aqui analisadas atuariam nos dois contextos, uma vez que, como será pontuado mais a frente, informaria sobre serviços públicos relacionados aos temas de saúde propostos e, também, em dados momentos, reforçariam comportamentos que poderiam auxiliar o telespectador na promoção da própria saúde, à luz de opiniões de especialistas. Assim, os laços existentes entre os temas ficam ainda mais evidentes.

Por outro lado, é válido destacar, ainda, os laços também existentes entre o modelo do jornalismo de serviço e o jornalismo local (cujas concepções científicas foram detalhadas com maior afinco no tópico anterior), aqui aplicadas aos recortes específicos do telejornalismo em si. Isso porque, uma vez compreendido como algo relacionado a determinadas comunidades, ou seja, a contextos locais, o telejornalismo de serviço estaria, também, propondo através de sua realização produções próprias a recortes muito bem definidos. Cirne *et al.* (2021) pontua que, sem necessariamente considerar o local de referência, os telejornais se utilizam de diferentes estratégias para estabelecer uma proximidade com um público. Nesse contexto se incluiriam as produções no modelo do jornalismo de serviço, ou seja, as produções que, em suma, divulgam utilidades públicas aos cidadãos e cobram a resolução de problemas.

As autoras seguem o debate apontando as estratégias utilizadas pelos noticiários locais para estabelecer uma identificação com o telespectador. Seja a postura do repórter, ou a forma como a notícia é veiculada, além dos próprios formatos e da interação com o público, segundo os argumentos apresentados, estas características são usadas com objetivos definidos. Aqui, cabe reiterar, novamente, que as especificidades diretamente relacionadas ao telejornalismo local já foram apresentadas anteriormente, mas, se faz necessária a exposição de detalhes ainda não explorados, ou mesmo explorados de forma preliminar, para estabelecer a relação proposta com o telejornalismo de serviço – reflexão embasada nas referências aqui presentes. Desse modo, segundo Cirne *et al.* (2021), diversos aspectos técnicos, mesmo os por vezes despercebidos, se configuram como estratégias implantadas com o objetivo de criar laços com o público.

Pode ser um quadro, um tipo de performance do repórter, a linguagem, a condição da notícia (se ao vivo ou gravada) ou mesmo a mistura de muitos desses itens, sempre tendo em vista um mesmo objetivo, em aproximar-se da comunidade. Essas estratégias fazem com que os telespectadores se identifiquem com as mensagens e criem vínculos diferenciados com os telejornais locais (Cirne, *et al.*, 2021, p. 5).

Já Camponez (2012) chama atenção para a questão da proximidade, relacionada nos estudos de telejornalismo tanto à questão territorial, geográfica, e também aponta para as questões estratégicas de audiência, como as mencionadas acima. O autor pontua inicialmente que o conceito central de proximidade, no jornalismo, é colocado em uma dimensão “essencialmente estratégica”, ou seja, é tido como valor notícia para criação de um produto comercial (Camponez, 2012, p. 41). No caso do jornalismo de serviço, é possível acrescentar que a proximidade é uma das principais especificidades consideradas, uma vez que a própria prestação de serviço considera uma determinada aproximação com o público local. Mas, Camponez (2012) também afirma que o entendimento sobre a proximidade que a relaciona necessariamente com a questão geográfico é escorregadio, uma vez que se tende a resumir as facetas dessa proximidade de forma redutora. E reitera, ainda, que no caso das mídias regionais, a proximidade assume seu próprio significado, tendo, portanto, especificidade e identidade para além das estratégias de produção.

Na sua dimensão geográfica, a proximidade pode funcionar numa lógica de criação de interesses e de fragmentação de públicos (...) A proximidade temporal, por seu lado, estrutura não só o ciclo comercial das notícias, como determina a própria noção de actualidade. Encarada numa perspectiva psicoafetiva, a proximidade possibilita ainda a criação de alguns conteúdos e modelos comunicacionais mais ou menos “íntimistas”, apelando aos aspectos

mais emocionais, de caráter mais ou menos psicologizante (Camponez, p. 42, 2012).

Camponez (2012) também apresenta o jornalismo de proximidade, modelo ao qual se curvam as noções e características tanto do jornalismo local quanto do jornalismo de serviço. Para o autor, a própria cultura profissional do jornalista é modificada a partir do conteúdo que ele produz, no caso dos telejornais direcionados a determinados públicos, como os de alcance local. E, como consequência disso, afirma ele, o jornalista se impõe não mais apenas como testemunha ou mediador, mas também se mostra como agente social particular, participante ativo no jogo social. Porém, apesar do caráter cidadão, por vezes atribuído a esse perfil de jornalista, aparentar trazer benefícios à sociedade, por outro lado, como alerta Camponez (2012), é preciso pensar também até que ponto essa proximidade pode ou não tornar o jornalismo refém de suas próprias teias, já que por vezes os profissionais se enxergam submissos às estratégias não somente de cunho jornalístico, como também e principalmente de cunho político e comercial.

Por outra perspectiva, no âmbito das estratégias as quais o modelo do telejornalismo de serviço se curva, este estudo vai além e propõe a compreensão e inclusão dos dispositivos didáticos presentes na linguagem pedagógica do telejornalismo dentro deste mesmo modelo. Outrossim, considera também a noção de que a própria identificação com o local, proposta em telejornais que seguem os modelos aqui debatidos, “revela múltiplas estratégias das emissoras mostrarem que estão a serviço do público” (Cirne, *et al.*, 2021, p. 5). No caso da TV Globo, emissora a qual a TV Cabo Branco é afiliada, o uso e produção das estratégias mencionadas pelas autoras e descritas acima é bem presente. Demandas vindas dos próprios telespectadores pelos mais diversos meios de comunicação – telefone das redações, números por aplicativos como WhatsApp e Telegram, comentários em redes sociais como Instagram e Facebook, e etc – são trabalhadas em diferentes formatos, como nas séries colocadas à análise por esta pesquisa.

Trazendo novamente as contribuições de Sobrinho (2014), presentes em tese desenvolvida sobre o jornalismo de serviço presente em um telejornal pernambucano da afiliada local da TV Globo, fica evidente que o modelo do telejornalismo de serviço feito pela emissora auxilia na criação de uma imagem diferenciada diante do telespectador, relacionada ao caráter cidadão, e, como consequência, ainda de acordo com o teórico, impulsiona um aumento de poder simbólico da emissora no local onde a mesma está inserida. Sendo assim, para Sobrinho (2014), o jornalismo de serviço feito na TV Globo é “politicamente exitoso”. O autor elenca os motivos pelos quais acredita nisso:

Enquanto produção de uma nova imagem diante das audiências e acúmulo de poder simbólico, o “jornalismo de serviço” é politicamente exitoso pelo fato de que permite ao telejornalismo da Globo colocar-se ao lado de demandas fundamentais não supridas pelos poderes públicos e que afetam diretamente a vida dos demandantes das matérias como saneamento, educação, transporte público, asfaltamento entre outros temas que para localidades economicamente e socialmente fragilizadas possuem um grande peso, uma vez que o poder público muitas vezes é negligente no atendimento de suas demandas (Sobrinho, 2014, p. 88).

Além do acúmulo de poder simbólico, defendido acima, pode-se apontar também aproximações com a ideia de cidadania ativa, bem presente nos conteúdos considerados para a presente argumentação. Amaral (2012) define a cidadania ativa como um conceito relacionado à ideia de defesa das causas sociais civis cidadãs, e defende que as mídias contribuem neste processo. Em vista disso, o autor argumenta sobre o próprio papel do jornalista enquanto agente cidadão, e propõe questionamentos sobre as abordagens continuamente praticadas em produtos midiáticos como os telejornais, e que podem ou não contribuir para a prestação de serviço. Para ele, ainda que por vezes praticados de maneira pretenciosa, seguindo orientações que não têm como objetivo final o bem estar social, o próprio valor do serviço, por si só, já seria uma noção comum à cultura profissional do jornalista.

Que temas, que assuntos, que abordagem, que perspectiva e que vozes asseguram melhor esse princípio de serviço público? O valor do serviço a um bem maior, o chamado “bem comum”, funciona como um “contrato” ou um compromisso de consciência de um jornalista (Amaral, 2012, p. 5).

Desse modo, seria coeso afirmar que a obviedade por vezes apontada por críticos aos estudos desenvolvidos na conjuntura da função pedagógica do telejornalismo também parece presente em outros âmbitos acadêmicos que se curvam à área. Ora, se a prestação de serviço ao telespectador fosse algo natural, óbvio, à função jornalística, como seria possível apontar as estratégias de abordagem elencadas pelos autores mencionados acima? Esta argumentação se faz necessária para reiterar o caráter substancial do presente estudo no que concerne aos debates aqui propostos. Afinal, observar perspectivas, até mesmo as já existentes, a novas direções, é um dos atributos da pesquisa acadêmica capazes de proporcionar avanços aos mais diversos campos sociais, bem como o da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo.

Aprofundando a discussão, é possível também exemplificar os modos de fazer telejornalismo de serviço a partir de produtos que usam de seu rótulo em telejornais. É o caso do quadro “Calendário”, implantado nas afiliadas Globo para mostrar problemas que afetam diretamente a população e que não existiriam caso o poder público desempenhasse sua função

da forma devida nas mais diferentes esferas. No Calendário, a população denuncia à emissora problemas de mobilidade, saneamento básico, saúde pública... Todos eles são mostrados nos telejornais, que através do quadro cobram aos órgãos cabíveis medidas para solucionar as reivindicações e, assim, proporcionar qualidade de vida aos moradores de determinadas localidades. Ainda que esta pesquisa não volte os olhares para este quadro em específico, à nível de exemplo é viável tê-lo como norte no contexto argumentativo deste tópico.

Os já mencionados apontamentos de Sobrinho (2014), feitos a partir da observação científica do NETV1, também põem à luz questões sobre o telejornalismo de serviço relacionadas ao quadro Calendário. Ele afirma que, na realidade local estudada, a inserção do chamado jornalismo de serviço é parte de uma estratégia implantada para recuperação de audiência. Além disso, os moradores que denunciam os problemas teriam participação apenas testemunhal no quadro, já que os jornalistas é quem entram em cena para resolver a situação junto às autoridades envolvidas. A própria marcação de datas em um calendário físico, ainda conforme Sobrinho (2014), apresenta característica documental à produção, e reforça, conseqüentemente, o poder simbólico do telejornalismo frente a sociedade.

Ainda de acordo com o autor, os jornalistas, ou seja, tanto os repórteres do quadro como também os apresentadores e produtores envolvidos no conteúdo, passam uma imagem de adversários do poder constituído. Aqui, é preciso diferenciar o caráter questionador do Calendário, mencionado à nível de exemplo, do informativo presente nas séries postas à análise por esta dissertação. Mas, cabe também destacar que os aspectos do jornalismo de serviço perpassam os formatos e evidenciam questões que, independente do tipo de conteúdo, demonstram o uso de dispositivos didáticos, seja para questionar, validar ou informar ao telespectador questões de interesse social. E, desse modo, como aponta Sobrinho (2014), pode-se ressaltar que, de diferentes formas, o uso do telejornalismo de serviço torna o telejornal um “ouvidor” da população, ao passo em que vai de encontro aos anseios dos próprios profissionais envolvidos na produção.

No caso do jornalismo de serviço, o telejornal passa a atuar como um ouvidor da população, mas mantém a posição vigilante (...) É possível dizer que o jornalismo de serviço, portanto, também vai ao encontro dos anseios dos próprios jornalistas, pois está dentro da concepção do campo jornalístico como vigilante do poder público, um contrapoder (Sobrinho, 2014, p. 90).

Mesmo que não de forma tão incisiva, como faz o Calendário, os conteúdos presentes nas séries de reportagem à frente analisadas por vezes propõem certa prestação de serviço ao informar, através do uso dos dispositivos didáticos demonstrados a partir da função pedagógica

presente no telejornalismo, sobre equipamentos [na maioria das vezes públicos] que fornecem serviços essenciais tanto ao combate quanto ao tratamento de problemas de saúde relacionados com as temáticas abordadas. O que justifica a escrita deste tópico, que detalhou aproximações importantes ao entendimento aprofundado da linguagem pedagógica do telejornalismo e antecedeu, enfim, a análise introduzida teoricamente até então. Agora, a abordagem metodológica irá direcionar os apontamentos feitos até aqui, de forma que os conceitos debatidos sejam vistos na prática e o estudo desta, conseqüentemente, aponte para avanços científicos no âmbito do telejornalismo. É o que motiva a escrita desta dissertação.

#### 4. METODOLOGIA E RESULTADOS

A pesquisa tem caráter exploratório e objetiva refletir sobre as características da função pedagógica do telejornalismo em reportagens de duas séries especiais da TV Cabo Branco relacionadas à saúde. Para isso, fará uso da análise de conteúdo e da entrevista semiestruturada como aporte metodológico central. Além disso, para ancorar as discussões realizadas ao longo da dissertação, utilizando o método de pesquisa bibliográfica, para basear todas as discussões teóricas levantadas pela pesquisa. Como explica Fonseca (2001), é através das referências obtidas em pesquisas já realizadas, como em artigos, dissertações, teses e outros documentos acadêmicos, que é possível compreender de forma mais segura o que se estuda. Dessa forma, portanto, o uso da pesquisa bibliográfica é caracterizado como sendo fundamental na pesquisa científica (Sousa; Oliveira; Alves; 2021).

A partir da pesquisa bibliográfica será possível conhecer contribuições de estudiosos referência na conceituação de questões teóricas que envolvem o telejornalismo e suas funções, e principalmente sua função pedagógica. Para isso, obras renomadas ao longo dos últimos anos, unidas às contribuições recentes da academia ao debate específico sobre o fazer jornalístico, de autores como Cerqueira (2018), Vizeu (2009), Cavenaghi (2013), Coutinho e Emerin (2019), e suas aplicações ao contexto da saúde pública, devem ser consultadas, a fim de obter resultados que contribuam para aprimorar o entendimento do papel do jornalismo no contexto analisado.

Como base central de pesquisa será utilizado o método de análise de conteúdo, entendido por Bardin (1977) como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que faz uso de sistemas e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens (BARDIN, 1977). A autora descreve em seu livro “Análise de Conteúdo” (1977) as formas adequadas à aplicação metodológica em pesquisas qualitativas e quantitativas, das mais diversas áreas da ciência, como o Jornalismo, no qual a análise indicada neste estudo se concentra.

Para Bardin, a análise de conteúdo é dividida em várias etapas; são elas: Organização da análise; Codificação; Categorização; Inferência e Tratamento informático. Em posse deste conjunto de especificações, segundo a autora, é possível realizar uma pesquisa fiel ao que se propõe, sem deixar lacunas metodológicas pelo caminho, como observado ao longo da história do método – datada a partir de pesquisas cujos materiais-fonte eram basicamente produções jornalísticas. Na conjuntura proposta pelo presente estudo, o método será aplicado categoricamente para, quando unido aos resultados das demais aplicações metodológicas, via

triangulação de dados, tornar possível a obtenção de material suficiente para interpretação científica.

Além de Bardin, autores como Lasswell (1968), Berelson (1952), e Kolbe e Burnett (1991) também deram contribuições significativas ao arcabouço científico que dá conta de explicar, até os dias atuais, o que é o método análise de conteúdo. Barros e Duarte (2005), ainda citando Bardin, também relembram mais recentemente de que forma os pesquisadores podem fazer uso deste método, e rememoram sua importância para a pesquisa contemporânea, de modo a justificar seu uso neste e em tantos outros estudos acadêmicos.

Ao longo dos anos, a partir da década de 1970, a análise de conteúdo cresceu e foi aplicada em estudos comunicacionais, em suma nos Estados Unidos, e também teve sua história marcada pelo surgimento de dispositivos tecnológicos, como o computador, que provocou uma série de mudanças nos processos defendidos pelo método e em sua aplicação. Durante a 2ª Guerra Mundial, este método viveu sua época de ouro, auxiliando na produção de diversas análises de cunho sociopolítico, mas, já na década de 1970, teve sua efetividade questionada por pesquisadores marxistas, que criticaram o “positivismo” por trás da análise de conteúdo.

Assim como vários outros métodos, no entanto, a análise de conteúdo teve sua força potencializada com o surgimento dos dispositivos móveis, dando aos pesquisadores a oportunidade de, de maneira simplificada, aplicar os processos necessários e chegar a resultados concisos sobre o que se desejou pesquisar. Na pandemia da Covid-19, episódio histórico ao qual esta pesquisa curva a observação, inclusive, a análise de conteúdo foi utilizada por inúmeras pesquisas que buscaram, remotamente, retratar diversas realidades observadas a partir do advento do novo coronavírus, nas mais diferentes áreas de atuação.

Este trabalho, portanto, faz uso do método apresentado para, de mesmo modo, analisar como as produções telejornalísticas das reportagens das séries “Envelhecer – Bora conversar?”, e “Sono – Por que dormimos” fizeram uso de aspectos da função pedagógica do jornalismo para levar ao público informações importantes ao fomento de conhecimento relacionado ao tema. Para isto, se concentrará nas etapas de categorização, elencadas por Bardin e apresentadas acima. Começando pela etapa de organização da análise, onde a autora propõe a elaboração de um planejamento tático, capaz de observar detalhadamente o que será necessário para que a pesquisa avance. Nesta etapa, um sistema com ideias iniciais é montado, fazendo uso de ferramentas como a leitura flutuante, escolha de documentos e fontes, além do estabelecimento de regras de recorte.

Além disso, ainda na organização da análise será feita a formulação das hipóteses e dos objetivos, para que fique claro ao autor onde se quer chegar, e principalmente, quais ideias serão centrais para tornar a pesquisa algo possível. Obedecidas estas questões, é chegado o momento de explorar o material adquirido inicialmente, dando início à etapa de pré análise, onde o planejamento do trabalho é feito considerando todas as nuances já observadas na parte de organização. Aqui, o autor se debruça nos dados, e sistematiza de modo ainda mais detalhado as operações que serão usadas para chegar ao resultado pretendido.

Após a pré análise, se inicia a etapa de exploração do material, onde realmente o autor fará a análise de conteúdo. Para isto, serão empregadas as técnicas de codificação e categorização criadas ainda na organização e pré análise. Aqui, a etapa de categorização será crucial para que seja possível apresentar os pontos considerados pela produção das reportagens cujo cunho pedagógico sobre os temas abordados se fazem presentes. Sendo assim, se pretende categorizar questões abordadas por autores da função pedagógica e de seus dispositivos didáticos aplicados ao telejornalismo, para analisar se o telejornal pesquisado se utilizou ou não dessas questões.

A partir da categorização, será iniciada de fato a aplicação do método de análise de conteúdo, com dados quantitativos e qualitativos presentes no conteúdo das reportagens, no período proposto à pesquisa, armazenados nos arquivos digitais (site) da própria emissora (Globoplay) e armazenados de maneira prévia para garantir a continuidade da análise. Técnicas também abordadas por Bardin, como a inferência, onde se busca desvendar as condições de produção observadas, também serão levadas em consideração durante todo o processo ao qual se propõe esta dissertação, a partir da aplicação da análise de conteúdo e de todo seu arcabouço aqui detalhado.

Ademais, também como parte do aporte metodológico, esta pesquisa faz uso do método de entrevista semiestruturada, para conhecer os pormenores da produção jornalística que guiaram os profissionais envolvidos na realização das reportagens. Como pontuam Barros e Duarte (2005), por meio da entrevista o pesquisador pode fazer um “mergulho em profundidade”, coletando indícios e conhecendo o modo como os sujeitos envolvidos estabelecem determinadas relações, as quais deseja-se conhecer. Espera-se, portanto, captar detalhadamente aspectos que possam revelar os dispositivos didáticos utilizados nas reportagens postas à análise, de forma a comprovar as hipóteses levantadas não apenas com a prática de análise de conteúdo, mas também através do depoimento, via entrevista semiestruturada, dos profissionais envolvidos na produção dos materiais descritos.

A entrevista é semiestruturada, feita a partir de um roteiro criado previamente, considerando todas as questões inicialmente pontuadas e definidas para se obter as respostas adequadas ao que se espera ter como resultado. Minayo (2013) explica que, no caso da entrevista semiestruturada, perguntas estruturais são combinadas a outras que surgem ao longo do diálogo. O roteiro é responsável por guiar, mas, não limitará o entrevistador ao longo do processo. A escolha pela entrevista semiestruturada, portanto, garante que apontamentos feitos pelo entrevistado, que estejam fora do recorte do roteiro prévio, também sejam considerados para a escrita acadêmica. O material coletado foi documentado através de gravação em vídeo das entrevistas, realizadas remotamente, a partir autorização da prévia dos entrevistados, tendo em vista a necessidade metodológica, já que se busca obter respostas muitas vezes subjetivas, intrínsecas a aspectos observados apenas na prática.

Foram entrevistados a editora responsável pela maior parte das séries relacionadas à Saúde, produzidas e exibidas na TV Cabo Branco, além dos dois profissionais que deram rosto às produções aqui analisadas. A entrevista com a editora trouxe à tona o conhecimento de questões pensadas desde a concepção até a exibição das séries, já que vêm destes profissionais tanto as percepções de temas como também a concepção da linguagem a ser estabelecida ao longo das reportagens. Wolf (1997) destaca que na edição há uma “representação sintética, necessariamente breve, visivelmente coerente e possivelmente significativa do objeto notícia”, e pontua que este processo acontece devidos às exigências impostas pelas técnicas de produção, e têm como resultado a transformação da notícia em algo a mais (Wolf, 1997, p. 260). Ao entrevistar a editora responsável por pensar os conteúdos relacionados ao tema geral abordado nas produções telejornalísticas aqui observadas cientificamente, esta dissertação também considera este entendimento, e reforça a importância do profissional editor na produção do telejornalismo profissional.

Também foram entrevistados a jornalista freelancer e o médico que apresentaram ao público as séries. Acredita-se que eles apresentaram respostas que dão conta de explicar as hipóteses anteriormente levantadas sobre a função pedagógica do telejornalismo aplicada ao contexto analisado. Todas as entrevistas, tanto com a editora quanto com os outros dois profissionais envolvidos e aqui citados, aconteceram de maneira remota, nos dias 3 e 4 de outubro de 2023, e no dia 13 de novembro do mesmo ano. A possibilidade de realizar entrevistas à distância permitiu a continuidade da pesquisa, considerando a distância geográfica entre os profissionais entrevistados e a autora da presente pesquisa, uma vez que a mesma reside em município diferente ao local onde fica a sede da TV Cabo Branco e onde residem os

entrevistados. Ademais, é importante ressaltar que, mesmo que identificados inicialmente, de maneira sintética, o nome dos entrevistados nos resultados desta pesquisa serão preservados por opção da autora.

O planejamento da pesquisa considerou tanto o material apresentado na etapa qualificação, exigida pelo programa de mestrado ao qual se condiciona esta dissertação, e consequentemente as considerações advindas da banca de qualificação, para, então, aplicar a execução dos aportes metodológicos, análise e discussão dos resultados e, por fim, das considerações advindas da defesa final. Além disso, o planejamento para conclusão da pesquisa considerou, também, a necessidade de exclusão de uma das produções propostas inicialmente à análise, junto com as outras duas séries exploradas, em virtude da indisponibilidade dos arquivos da mesma em armazenamento público. A decisão foi tomada em conjunto com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, considerando, principalmente, sua necessidade de conclusão, uma vez que o tempo máximo de conclusão já não permitia manutenção de todo o corpus, e que na análise prévia se percebeu que era possível cumprir os objetivos propostos com as duas séries de reportagens mantidas e com as entrevistas.

Os resultados obtidos nesta pesquisa procedem de triangulação de dados, obtidos a partir da prática dos três aportes metodológicos anteriormente apresentados: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevista semiestruturada. É válido mencionar que, num primeiro momento, serão apresentados os detalhes pragmáticos de cada produção analisada, como quantidade de episódios, tempo de duração de cada um deles, telejornal em que foram exibidas e temáticas abordadas. Depois, serão postos à análise os dispositivos didáticos, considerados mediante pesquisa bibliográfica e apresentados em tabela, para melhor compreensão, a partir da observação de tais dispositivos nas produções observadas, via análise de conteúdo. Por fim, espera-se obter outras percepções a respeito da atividade telejornalística pela qual permeia a função pedagógica, a partir da realização de entrevista com os profissionais envolvidos.

Na parte da pesquisa bibliográfica é considerada, primordialmente, a definição geral sobre dispositivos didáticos acionados pelo telejornalismo, apresentada por Cerqueira (2018): **a)** na busca por colocar o dito num contexto, justificável, explicável e importante no dever de ser compreendido; **b)** na interpretação das falas dos especialistas que, com maneiras próprias de enxergar, dizem de uma posição e com uma intenção presumível; **c)** no reforço do discurso que tem e legitimidade, mas ainda precisa de uma legitimação, de confirmação, com ato simbólico; **d)** na descrição da fala, para que não só se ouça, mas se enxergue. Audição e visão trabalhando juntos para concretização do objetivo fazer-se claro; **e)** a comparação, que dá a

dimensão do hoje, a partir do peso, do tamanho, da força do ontem, do que esteve simbolicamente próximo e parecido e que pode apontar um dos caminhos do amanhã; **f**) exemplificação, movimento em busca de algo ilustrativo, seja com realidade, ou com a criação de exemplos hipotéticos, claramente identificados como tal; **g**) a complementaridade, um diálogo construído entre emissor e fonte de informação para que a mensagem ganhe contornos nas possibilidades que discurso direto e indireto permite, no tempo que o formato do noticiário exige; **h**) detalhamento, onde profissionais do telejornalismo não se contentam em interpretar dados, declarações, documentos com uma frase, mas buscam formas de dizer a mesma “coisa”, novamente, mas de outro jeito, seja com palavras diferentes, com maior riqueza de detalhes (Cerqueira, 2018, p. 180-181).

A partir desta conceituação, a interpretação própria deste estudo desenvolveu as seguintes definições resumidas de cada um dos dispositivos didáticos, que serão aplicadas pragmaticamente: a) busca por apresentar um contexto que possa ser compreendido; b) interpretação de falas dos especialistas; c) no reforço do discurso de legitimidade, com confirmação por ato simbólico; d) descrição da fala para que o telespectador ouça e enxergue com clareza; e) comparação temporal, para proporcionar a dimensão da temática no ontem, hoje e amanhã; f) exemplificação com busca de algo ilustrativo, real ou não; g) complementaridade, para que a mensagem seja passada no formato que o noticiário exige; h) detalhamento, com clara busca por apresentar informações de diferentes formas, mas com clareza.

Inicialmente, ao discutir sobre os dispositivos que intervêm na enunciação telejornalística, Rodrigues (1994) afirma que eles têm como objetivo garantir, independentemente das experiências individuais dos telespectadores, um discurso universal, válido para um público indiferenciado (Rodrigues, 1994). Cerqueira (2018) vai além ao refletir os dispositivos didáticos, ou seja, os que se utilizam de uma linguagem pedagógica presente no telejornalismo, mas não somente repassar informações ou reportar fatos, como também, e principalmente, para ensinar algo sobre determinado assunto abordado nas produções telejornalísticas. E é por considerar o valor de tais dispositivos didáticos que eles, observados nas produções aqui analisadas, serão o parâmetro categórico para triangulação dos dados, a partir de questões como: a observação a ser feita na análise de conteúdo; do auxílio teórico a ser encontrado nas pesquisas bibliográficas; e, por fim, na aplicação descrita nas entrevistas.

Para auxiliar no entendimento acerca da aplicação dos dispositivos didáticos nos conteúdos analisados, serão escolhidos cinco dispositivos para cada produção, totalizando a apresentação, e conseqüentemente, a comprovação do uso de dez dispositivos didáticos. Dessa

maneira, os dispositivos serão colocados de forma categórica, sendo considerados, portanto, como as principais características observadas neste estudo e, como resultado disso, os responsáveis pela comprovação das hipóteses anteriormente levantadas. Além dos dispositivos didáticos mencionados, as conceituações apresentadas nos capítulos iniciais deste estudo também são respeitadas, de forma a ancorar os resultados obtidos.

Outrossim, as entrevistas darão ainda mais robustez às argumentações, uma vez que poderão reiterar ou não a veracidade dos aspectos observados via análise de conteúdo. A entrevista com a editora responsável será aplicada na análise das duas séries, considerando a importância das contribuições apresentadas para ambos os contextos, enquanto a dos demais profissionais serão postas individualmente, em cada uma das análises, já que o médico ouvido participou ativamente de uma das séries, e a jornalista entrevistada deu rosto e apresentou, somente, a outra produção. Acredita-se que, a partir de uma aplicação disposta desta maneira, as nuances levantadas desde o início da trajetória pela qual esta pesquisa percorreu serão apresentadas de modo satisfatório, podendo servir ao aprofundamento dos estudos da área.

#### **4.1 Sobre a TV Cabo Branco**

A TV Cabo Branco é uma emissora afiliada à Rede Globo e pertencente à Rede Paraíba de Comunicação. Sua sede física está localizada no bairro Tambiá, em João Pessoa, capital da Paraíba, Nordeste brasileiro. Fundada em outubro de 1986, a TV Cabo Branco foi a primeira emissora geradora de televisão a entrar no ar na cidade de João Pessoa, e transmitiu de maneira experimental, inicialmente, a programação da TV Bandeirantes, conforme informações contidas no livro “História da Televisão na Paraíba”, do professor Gilson Souto Maior (2017). No ano seguinte, ainda de acordo com a obra citada anteriormente, em meados de 1987, a emissora passou a ser oficialmente uma das afiliadas Globo, com então produção do “JCB – Jornal da Cabo Branco, 1ª edição”.

Ao longo de sua história, a TV Cabo Branco se consolidou com o principal produto da Rede Paraíba de Comunicação, e para além disso, se tornou uma das mais importantes emissoras do estado da Paraíba. Acompanhando os avanços tecnológicos, a Cabo Branco, como também é conhecida e mencionada, aderiu à transmissão digital em 2009, com exibição de imagens em alta definição e anos depois, em 2013, iniciou a programação local em HD. Com cultura convergente aos demais veículos da Rede Paraíba, a Cabo Branco tem equipe fixa de

repórteres e conta, ainda, com os repórteres intermitentes, contratados como correspondentes em outras regiões do estado, para produção e exibição de ocorrências locais nos telejornais da casa. Por trás das telas, há um time de editores, produtores, repórteres, repórteres cinematográficos, estagiários de produção, câmeras, apresentadores, chefes de reportagens e etc, que trabalham diariamente para garantir a exibição dos produtos da emissora.

Atualmente, a programação da emissora conta com três programas fixos na grade diária da rede, de segunda a sexta-feira; são eles: Bom Dia Paraíba<sup>37</sup> (exibido das 6h às 8h); JPB1<sup>38</sup> (exibido das 11h45 às 13h); Globo Esporte<sup>39</sup> (exibido das 13h às 13h15); JPB2<sup>40</sup> (exibido das 19h às 19h30). Aos sábados, os jornais JPB1, Globo Esporte e JPB2 também são exibidos, em rede, para toda a Paraíba. E, além destes programas, a TV Cabo Branco conta, ainda, com o dominical Paraíba Comunidade<sup>41</sup> exibido aos domingos, das 7h às 7h55. Além da TV Cabo Branco, na capital paraibana João Pessoa, a Globo conta com outra afiliada na Paraíba, a TV Paraíba, em Campina Grande, Agreste paraibano, também pertencente à Rede Paraíba de Comunicação. As duas emissoras produzem em conjunto o JPB1, que é transmitido diariamente em rede para todo o estado desde 2019, e aos sábados, o JPB2, que durante a semana tem produção local nas duas cidades.

Como objeto de análise desta pesquisa, foram escolhidas duas séries de reportagem exibidas no telejornal JPB2, da TV Cabo Branco. O noticiário vai ao ar de segunda à sexta-feira para João Pessoa e sua Região Metropolitana, e outras regiões da Paraíba alcançadas pelo sinal da TV Cabo Branco, como Zona da Mata, Litoral Sul e Brejo. Aos sábados, é exibido em rede, junto com o sinal da TV Paraíba, no Agreste, para as demais regiões do estado, como Cariri e Sertão. Apresentado por Larissa Pereira, o JPB2 tem linha editorial baseada em noticiar fatos que aconteceram durante o dia de sua exibição, e conta também com momentos fixos, como o momento em que a previsão do tempo é dada, além de quadros como o “Momento da Política” com comentários políticos feitos por Angélica Nunes, jornalista integrante do time de política da Rede Paraíba, e o “TBT JPB2”, onde são exibidas antigas reportagens, semanalmente, às quintas-feiras, sobre temas específicos com algum gancho atual.

Além dos quadros fixos e reportagens/entradas ao vivo/notas factuais, o JPB2 também produz, periodicamente, conteúdos com produção especial, as chamadas séries especiais de

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/bom-dia-paraiba/t/ZPVcLXTMx7/>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>38</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jpb1/t/B8dZp9x1n6/>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>39</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-pb/t/6NPDtGFBGZ/>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>40</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jpb2/t/Y896jQGb1w/>. Acesso em: 13 jun. 2023

<sup>41</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/paraiba-comunidade/t/ngfNPpmTBJ/>. Acesso em: 13 jun. 2023

reportagens. Cabe o adendo a respeito da ausência de literatura específica sobre o que poderia se configurar um gênero híbrido, que se utiliza do formato série para aderir significação e caracterização do gênero reportagem na abordagem de temas diversos. Como explicado em entrevista, o JPB2 recorre, principalmente, a temas cujo modelo se baseia nas características já exploradas neste estudo, no que concerne ao jornalismo local e de serviço, e inclui em seu planejamento, principalmente, a produção periódica de séries relacionadas à saúde. É o caso das produções aqui analisadas, explicadas a seguir.

#### **4.2 “Sono – Por que Dormimos?” e sua função pedagógica**

A série “Sono – Por que Dormimos?” foi exibida no telejornal JPB2, da TV Cabo Branco, nos dias 16, 17, 18 e 19 de maio de 2022. Apresentada pelo médico André Telis (Figura 1) – que é colunista de saúde na TV Cabo Branco e também no Jornal da Paraíba<sup>42</sup> e na Rádio CBN<sup>43</sup>, da Rede Paraíba de Comunicação – e com roteiro de Giovana Rossini e Jô Vital, a produção abordou em quatro episódios, cada um deles com duração de cerca de 10 minutos, questões relacionadas ao sono, como: função do sono, consequências de noites mal dormidas, rotina de quem precisa conviver com o sono e importância/conceito da higiene do sono. A série recebeu o Prêmio Unimed João Pessoa de Jornalismo<sup>44</sup>, ainda em 2022 e foi exibida em cerca de 20 afiliadas da Globo espalhadas pelo Brasil.

Conforme informações obtidas a partir das entrevistas realizadas (Apêndice C), apesar da exibição da série ter sido feita no mês de maio de 2022, o planejamento para produção teve início em fevereiro do mesmo ano. Ou seja, foram cerca de três meses entre o planejamento, estudo, gravação e edição para, somente depois de concluídos estes processos, o conteúdo ser exibido. Ainda segundo informado nas entrevistas, as gravações para a série resultaram em cerca de 28 horas de material bruto, e após a edição, cada um dos quatro episódios ficaram com cerca de 10 minutos, e pela primeira vez, uma série especial de reportagem ocupou a metade do tempo total do telejornal noturno da TV Cabo Branco.

---

<sup>42</sup> A coluna Saúde Alerta, do Jornal da Paraíba, é assinada pelo médico André Telis. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/saude/saude-alerta/noticias>. Acesso em: 09 dez. 2023

<sup>43</sup> A coluna Saúde Alerta também está presente na grade de programação da Rádio CBN na Paraíba, e é apresentada semanalmente pelo médico André Telis. Disponível em: <http://cbnjoaopessoa.com.br/#!/saude-alerta-relacao-entre-saude-bucal-e-problemas-do-coracao/>. Acesso em: 09 dez. 2023

<sup>44</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/21/serie-sono-da-tv-cabo-branco-vence-premio-unimed-joao-pessoa-de-jornalismo-reveja-os-episodios.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2023

Já a partir da análise de conteúdo, pôde-se observar que o primeiro episódio<sup>45</sup> – exibido no dia 16 de maio de 2022, com duração de cerca de 10 minutos – faz um panorama geral com as principais questões que permeiam o tema sono, apresentando sua principal função – reestabelecimento da energia do corpo humano – e se debruçando em explicações sobre de que forma essa função é desempenhada. Para tal, faz uso de simulação de imagens (relacionadas ao texto narrado, como bebês dormindo e adultos tentando dormir); entrevistas com especialistas (médica especialista em sono/médico psiquiatra/médico pneumologista); apresentação de dados oficiais (de fontes como a Organização Mundial da Saúde); além de entrevistas com personagens que convivem com as questões levantadas ao longo da produção.

Figura 1- Médico André Telis na série "Sono - Por que Dormimos?", da TV Cabo Branco



Fonte: Reprodução Globoplay

Já o segundo episódio<sup>46</sup> – exibido no dia 17 de maio de 2022, com duração de cerca de nove minutos – aborda os problemas de saúde que podem acometer crianças, adolescentes, adultos e idosos como consequência de noites mal dormidas, ou seja, de um sono irregular. Já de início o médico que apresenta a série se coloca no lugar de quem assiste à produção, se submetendo a exames para testar o desempenho do seu próprio sono. O especialista responsável pela avaliação clínica dos exames explica o que significa cada resultado e apresenta soluções para os supostos problemas encontrados. O episódio também expõe entrevista com médica cardiologista, que explica a relação do sono com os problemas cardíacos. Pessoas que convivem com os problemas descritos, relacionados ao sono, também foram ouvidas.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10581330/>. Acesso em: 15 jun. 2023

<sup>46</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10584949/>. Acesso em: 15 jun. 2023

O terceiro episódio<sup>47</sup> da série – exibido no dia 18 de maio de 2022, com duração de cerca de oito minutos – é voltado para o depoimento de pessoas que trabalham no período noturno, enquanto a maioria da população dorme. Inicialmente, o médico apresentador explica de que forma funciona o chamado “relógio biológico”, que marca o horário em que se deve manter acordado ou dormir. Um levantamento histórico sobre como se constituiu o horário integral de trabalho (em que se trabalha de dia, à luz do sol) é apresentando, explicando em que momento da história da humanidade as pessoas passaram a trabalhar, também, no período noturno. O episódio também apresenta dados e entrevista com especialistas, entre eles um pesquisador da área. O médico apresentador também aparece inserido na situação, e por fim dá dicas comportamentais para eliminar os problemas apresentados ao longo do episódio.

O quarto e último episódio<sup>48</sup> – exibido no dia 19 de maio de 2022, com duração de cerca de 10 minutos – aborda as questões que podem colaborar para um bom sono. Especialistas também são entrevistados, além de pessoas que passaram por situações em que precisaram colocar em prática as dicas apresentadas pela reportagem, e que assim, conseguiram obter bons resultados, com a regulação do sono. O médico apresentador se coloca, novamente, no lugar de quem consome a informação, praticando os métodos apresentados como solução aos problemas também mencionados. Por fim, o episódio também adentra no universo da saúde infantil, abordando as questões relacionadas ao sono das crianças a partir do depoimento de uma mãe.

De antemão, antes de realizar as discussões a respeito da aplicação dos dispositivos didáticos e, conseqüentemente, sobre a existência de uma linguagem pedagógica do telejornalismo, vale refletir, primeiramente, sobre as escolhas que envolvem cada decisão tomada ao longo da produção da série. Para isso, é preciso resgatar trechos das entrevistas realizadas com os profissionais envolvidos, em suma com a editora responsável, de modo que se faça entender os motivos pelos quais o tema foi escolhido e abordado, além das questões que envolvem o modelo de telejornalismo aplicado. Sobre a escolha do tema saúde, portanto, a entrevistada explica que se tem como objetivo central promover o acesso à saúde para uma população que nem sempre tem a possibilidade de obter informações com chancela científica, ou até mesmo acesso a profissionais de saúde. É através do telejornalismo, então, que os profissionais envolvidos na produção buscam fomentar qualidade de vida aos telespectadores.

A gente sempre tenta entender o que a sociedade está precisando, e essa questão da saúde pega forte no sentido de querer ajudar, melhorar de alguma forma. A gente percebe como é difícil o acesso à saúde, então quando você

---

<sup>47</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10588607/>. Acesso em: 15 jun. 2023

<sup>48</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10592014/>. Acesso em: 15 jun. 2023

faz uma série que a pessoa percebe como pode melhorar, consegue dá acesso a um público maior, já que infelizmente a gente não tem isso com tanta dignidade assim (Entrevistada 2).

Sobre a participação do médico não apenas como especialista, mas sobretudo como apresentador e condutor da informação, a editora ressalta que, mesmo possuindo caráter de participação sob critério científico, há o acompanhamento de jornalistas, como ela mesma, ao longo de toda a construção das reportagens que compõem a série. Como será exposto mais à frente, a atuação do profissional de saúde possui objetivo complementar, e não é feita a partir de vínculo empregatício ou interesse comercial. E, para garantir que a informação levada ao público seja compreendida, já que muitas vezes os médicos possuem linguagem específica, por vezes não compreendida por quem se destina a mensagem, os jornalistas envolvidos no processo o acompanham, de modo a apontar melhorias e dar caráter de clareza ao que é dito, onde se faz necessário, também, o uso dos dispositivos didáticos.

Existe uma preocupação, porque ele é um médico, então eu sou a jornalista que está ajudando. Às vezes ele (o médico) chega com uns termos que eu falo que ‘Dona Maria’, por exemplo, não vai entender. Televisão a gente aprende que tem que falar uma vez, o telespectador tem que entender de primeira (...) quando ele (o médico) chega com a mensagem as vezes mais científicas, a gente muda texto, passagem, pede pra refazer... Porque o público tem que entender. A ideia é que o público entenda e se beneficie. Se ele não entender de primeira, não é o certo (Entrevistada 2).

Além disso, ainda sobre a produção da série “Sono – Por que Dormimos?”, a editora responsável ressalta, de antemão, que há uma preocupação didática (Vizeu, 2009) por parte dos profissionais envolvidos. Conforme explicado na entrevista, esta preocupação é considerada desde a escolha dos termos e linguagem utilizada, como explicado acima, até a escolha dos profissionais de saúde, cujas participações acontecem ao longo de todos os episódios em entrevistas de caráter científico. Dessa maneira, é possível afirmar que o conteúdo jornalístico produzido na série analisada é pensado a partir de demandas sociais, “com recorte do perfil dos telespectadores”, e com intenções didáticas, o que também pode ter consequência na própria forma como os profissionais médicos ouvidos tratam os pacientes em seus consultórios, gerando mais humanização, como acredita a entrevistada.

Quando a gente escolhe os profissionais, escolhemos os que conseguem passar. Na série, André, que é profissional de saúde, conduz. Mas a gente também conversa com vários profissionais de saúde, e aí a gente busca escolher os que são mais claros, os que conseguem transmitir conhecimento de uma maneira mais clara, e isso faz com que os outros profissionais possam refletir até na forma de entender o paciente (Entrevistada 2).

#### 4.2.1 Apresentação de contexto

Após o detalhamento de cada episódio da série e as reflexões gerais a respeito de sua produção de maneira inicial, a partir dos trechos de entrevistas apresentador acima, também é viável realizar a triangulação metodológica com a implantação das considerações obtidas a partir das entrevistas, bem como da pesquisa bibliográfica. Desta feita, à luz dos dispositivos didáticos, também pode-se destacar alguns componentes presentes na série, observados via análise de conteúdo. É o caso do dispositivo de apresentação de contexto, que pôde ser encontrado já no primeiro episódio, onde é feita uma abordagem geral da temática apresentando todo o contexto que a envolve. Sobre a implantação deste dispositivo, o entrevistado número 1 afirma que a contextualização do tema é importante para que os telespectadores não apenas entendam sobre o que se trata a série, como também para que, através do próprio contexto apresentado, eles se informem por fontes seguras.

No caso da série “Sono – Por que Dormimos?”, a intenção dos profissionais envolvidos era, justamente, transmitir informações seguras e amplas para que os telespectadores adquirissem determinado conhecimento sobre o assunto. Sendo assim, a partir da apresentação do contexto, feita já no primeiro episódio da série, pode-se observar o que pontua Meditsch (2002): a produção de um conhecimento capaz de validar um contexto, que é útil tanto para as sociedades de forma geral como também particularmente aos seus indivíduos, e que segue “condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção” (Meditsch, 2002, p. 27).

É o que reitera o entrevistado número 1. Para ele, enquanto professor e profissional da área da Medicina, ao enxergar e apresentar o contexto geral do tema, através de produções telejornalísticas como a aqui analisada, o jornalismo consegue garantir a propagação de informações seguras, e, conseqüentemente, garante também a produção de um conhecimento válido e particular, combatendo e impedindo, por vezes, o processo de desinformação.

Saúde, no sentido mais amplo do termo, é uma sensação de bem estar psíquico, mental, social... A gente não pode ver só saúde no âmbito da saúde física. Muitas vezes as pessoas de casa consomem muita informação em redes sociais, na própria TV, e a gente vê que as fontes de informação muitas vezes desinformam (Entrevistado 1).

O entrevistado número 1 também afirma que sua participação nesta e em outras produções da TV Cabo Branco relacionadas à saúde fazem parte do resultado de um processo de percepção acerca do potencial de legitimidade no discurso. Indo além, também a partir do

relato, ficou clara a inexistência de vínculo empregatício oficial entre o médico e a emissora observada. Neste processo, dessa forma, estando na posição de profissional de saúde e ao mesmo tempo de mediador da informação no meio televisivo, a recepção das informações proferidas por parte dos telespectadores pode acontecer de maneira mais atenta, tanto pela autoridade conferida ao médico quanto, também, pela oportunidade por vezes única de receber orientações médicas gratuitamente, pela televisão – aspecto a ser considerado, também, pela ausência de assistência médica muitas vezes observada em diversas localidades, em virtude da precarização dos serviços de saúde.

Todavia, aqui cabe o adendo de forma mais contundente do que o já feito ao longo de toda esta dissertação: o profissional ouvido e o presente estudo consideram a participação de médicos e de outros especialistas em séries de reportagens como algo de caráter complementar, e não de substituição. Ou seja: a participação do médico nesta e em outras séries relacionadas à saúde, tal qual de qualquer outro especialista ou temática, no lugar de jornalistas, é capaz de ativar o dispositivo didático de reforço do discurso de legitimidade, mas, por outro lado, não é suficientemente apta para tal, já que cabe ao jornalista pontuar questões que passam por conhecimentos especificamente técnicos e de experiência.

A gente pensou que, se a gente tivesse um médico que chegasse na casa das pessoas informando numa linguagem que muitos dos meus colegas não conseguem chegar, uma linguagem fácil, acessível, compreensível e empática, sabendo as dificuldades que as pessoas têm de acessar os serviços de saúde, a gente podia transformar o jornalismo uma ferramenta de fazer saúde (Entrevistado 1).

O entendimento apresentado acima pelo próprio médico entrevistado e participante ativo da série aqui explorada também é reforçado pela editora responsável pelo conteúdo produzido. Ela, a entrevistada número 3, garante que o médico é “quase parte da equipe”, e que por isso, as demandas discutidas por eles fluem em complementaridade. Esse processo também pôde ser observado ao longo da produção da série “Sono – Por que Dormimos?”, já que, conforme informações obtidas nas entrevistas, o próprio tema foi demandado tanto pelo profissional de saúde que tomou a frente das reportagens, quando a partir de discussões por parte da equipe de jornalistas responsável pela produção do JPB2, que percebeu a necessidade de abordagem do tema como forma de auxiliar a promoção da saúde do sono entre a sociedade paraibana que assiste ao telejornal em questão.

Ele (o médico) é quase parte da equipe. Ele traz essas demandas e a gente sempre tenta entender o que a sociedade está precisando. E essa questão da saúde pega forte no sentido de querer ajudar. A gente percebe como é difícil o acesso à saúde (Entrevistada 3).

#### 4.2.2 Reforço do discurso de legitimidade

Em complementaridade com os trechos das entrevistas apresentados acima, nos segundo e quarto episódios, pode-se observar o uso do dispositivo de reforço do discurso de legitimidade. Além da própria imagem de um médico especialista, como já mencionado acima, o dispositivo também pode ser observado a partir da realização de exames de sono pelo próprio médico apresentador da série, ainda no segundo episódio. Ele vai até um consultório especializado no assunto e busca todas as informações do mapeamento que fez de seu próprio sono (Figura 2), legitimando a importância do procedimento, já defendido anteriormente como uma das ferramentas capazes de auxiliar no tratamento de problemas do sono.

Figura 2 - André Telis no 2º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?"



Fonte: Reprodução Globoplay

De mesmo modo, o dispositivo de reforço no discurso de legitimidade também é observado no quarto episódio, quando o próprio médico apresentador pratica métodos para melhoria do sono (Figura 3), confirmando um discurso por ato simbólico. O profissional explica o que é o procedimento, mostra como ele é realizado e conta como ele mesmo se sente, proporcionando ao telespectador uma imersão na experiência vivida e, naturalmente, legitimando o processo explicado na série. Processo este que no telejornalismo se apresenta, também, como uma clara tentativa de diversificação, para além da legitimação, do discurso. Fausto Neto (1988) reforça que dentro do campo do jornalismo, e em especial no telejornalismo,

há apropriação de maneiras diversas de narrar, com objetivo de delinear cenas, pensamentos e quaisquer outros aspectos que possam dar ainda mais sentido ao dito.

Figura 3 - Médico André Telis no 4º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?"



Fonte: Reprodução Globoplay

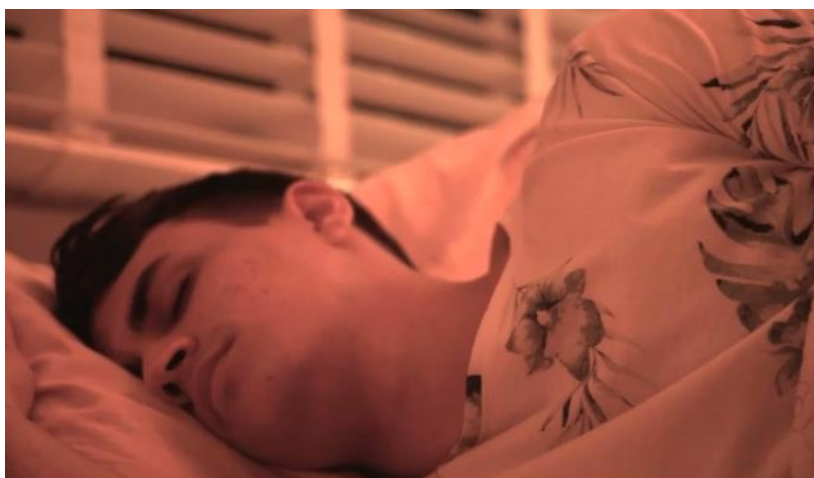
#### 4.2.3 Exemplificação com algo ilustrativo

Indo adiante, é possível observar, ainda, a aplicação do dispositivo didático de exemplificação com algo ilustrativo. Este aspecto fica evidente em vários episódios da série, a partir da utilização de imagens ilustrativas que compõem a narrativa (Figura 4). Estas imagens, da mesma forma que acredita Cerqueira (2018), ao elencar os dispositivos didáticos acionados no processo cujo resultado apresenta-se como sendo informações de cunho pedagógico, são reais, ilustradas a partir de entrevistas com personagens reais que de alguma forma participam das reportagens, mas também a partir de situações legítimas, interpretadas por outras pessoas, que apresentam-se apenas com o intuito claro de ilustrar o contexto exemplificado. Já no primeiro episódio, diversas simulações, com imagens de pessoas dormindo ou tentando dormir, ajudam a ilustrar o que é dito no texto, e para além disso, exemplificam as situações que são descritas ao longo da reportagem.

Ao tratar sobre o fenômeno da dramatização no telejornalismo, presente também nas simulações observadas na série aqui abordada, Pinto (1997) reitera que, além do texto falado, a dramatização inclui a linguagem não verbal. Na série abordada, a dramatização pode ser observada tanto no comportamento do próprio médico que apresenta as reportagens, que por vezes faz uso de ato simbólicos para validar as informações, como dito acima, quanto também

nas simulações apresentadas por outras pessoas ao longo dos episódios. Dessa forma, o apontamento de Pinto (1997), claramente relacionado ao comportamento de repórteres e apresentadores de telejornais, pode também ser transportado ao contexto das simulações presentes em determinadas reportagens, já que as mesmas, assim como feições e determinadas expressões de jornalistas diante de vários outros formatos telejornalísticos, também objetivam dar sentido, complementar, e até mesmo ensinar, através do que é demonstrado, do não dito.

Figura 4 - Simulação do sono no 1º episódio da série "Sono - Por que Dormimos?"



Fonte: Reprodução Globoplay

A aplicação desse dispositivo, tido como fundamental à própria dinâmica telejornalística, uma vez que auxilia no movimento da imagem e, por consequência, capta a atenção do telespectador, ajudando na boa recepção do discurso, no entanto, só foi possível a partir da vivência de algumas experiências por parte do médico que conduz a série. Na entrevista, ele argumenta que o uso de determinadas ferramentas, como das imagens de simulação, dos recursos gráficos e de diversos outros mecanismos cuja aplicação objetiva enriquecer as informações repassadas, foi lapidado ao longo de sua experiência com o telejornalismo, já que o mesmo possui formação em outra área. Ele deixa claro que a utilização destes recursos acontece somente após o planejamento proposto pela equipe de produção, aperfeiçoado ao longo do tempo, e disse acreditar que essa utilização tem efeito positivo para o telespectador.

No começo eu não conseguia planejar a informação que era dada, e com o passar dos anos a gente começa a saber onde quer chegar e quais ferramentas usar. É muito legal chegar na vida das pessoas, levar uma informação de qualidade e notar que muita gente muda de vida por conta de uma informação que ela precisava ouvir (Entrevistado 1).

A aplicação do dispositivo de exemplificação também é observada a partir da apresentação de episódios hipotéticos, ilustrativos, que carregam o teor de exemplo através do texto *off*<sup>49</sup> do médico que apresenta a série. Já no primeiro episódio, ele usa o funcionamento de uma garagem de ônibus do transporte público em João Pessoa para exemplificar o funcionamento do cérebro durante a noite, e explica, através do texto e das imagens, com a própria passagem<sup>50</sup> realizada no ambiente descrito, o processo do sono. Isso acontece logo após uma explicação complexa, com informações científicas sobre o cérebro humano. Ou seja: através da aplicação de um exemplo, a partir do uso dispositivo de exemplificação, o médico “traduz” informações científicas para que os telespectadores entendam, através do exemplo, como o cérebro trabalha em meio ao processo do sono, o que também evidencia o uso, simultâneo, do dispositivo didático de complementaridade. Questões evidenciadas no texto *off*:

Nosso cérebro funciona como essa grande garagem de empresa de ônibus, que ao cair da noite, quando o movimento começa a diminuir, ela para todas as suas atividades e começa a recolher os seus veículos. E é justamente a noite, quando os passageiros não estão aqui, que acontecem a limpeza e manutenção dos veículos. Amanhã será um novo dia, e quando os passageiros acordarem tudo vai estar pronto e funcionando em pleno vapor (TÉLIS, informação oral de reportagem, 2022).

#### 4.2.4 Complementaridade

O dispositivo de complementaridade também é encontrado de diversas outras maneiras, como via exposição de dados oficiais logo após o repasse de alguma informação correlacionada. Tal como no primeiro episódio da série, quando, ao tratar sobre a insônia, um dos temas relacionados ao sono e tratados na produção, através da apresentação de um depoimento de uma pessoa que convive com o problema, seguida de uma explicação científica sobre o assunto com um médico psiquiatra, o apresentador pontua dados a respeito da qualidade do sono durante a pandemia da Covid-19. É possível observar que, tanto os dados complementam a informação falada no *off*, quanto as informações complementam o que já havia sido dito no depoimento, bem como na entrevista. E, de mesmo modo, o dispositivo didático de complementaridade também é encontrado a partir do uso de suporte gráfico na imagem, onde os números do estudo exposto podem também serem vistos pelos telespectadores (Figura 5).

---

<sup>49</sup> Texto escrito e falado pelo repórter durante uma reportagem.

<sup>50</sup> Momento em que o repórter aparece na reportagem.

Figura 5 - Dados apresentados na série "Sono - Por que Dormimos?"



Fonte: Reprodução Globoplay

#### 4.2.5 Interpretação de fala de especialistas

O aspecto apontado acima como sendo fruto da aplicação do dispositivo didático de complementaridade – o uso de recursos gráficos em reportagens – pode ser também incluído como resultado da aplicabilidade do dispositivo didático de interpretação de fala de especialistas, o que ocorre, de forma simultânea, também pelo uso do recurso ser seguido à fala de um especialista. Através da exibição de números em forma de porcentagem, o médico expõe, resumidamente, o resultado de pesquisas importantes ao entendimento do tema abordado, cujos dados conseguem dimensionar a importância do debate e, também, justificar sua abordagem através da contextualização. Essa questão pode evidenciar uma busca pela interpretação da fala com chancela científica de forma que o público entenda, ou seja, uma busca pela “tradução” da informação, cuja importância é também destacada pelo médico apresentador.

Eu entendo o jornalismo de saúde como uma ferramenta pra fazer saúde, não só informar. Foi uma forma que encontrei de acessar todas as pessoas, de uma forma encantadora, com a linguagem que o jornalismo me proporcionou, de uma forma mais atrativa, mais visual... Pra mim tem sido muito motivador em termos de fazer saúde. Não é fácil estar no jornal de horário nobre, com uma linguagem que sei que posso afastar mais as pessoas do que trazer pra perto de mim (Entrevistado 1).

#### 4.2.6 Detalhamento

Por fim, o dispositivo de detalhamento, por meio do qual se busca apresentar as informações de diferentes formas, também é encontrado em toda a série, através da explicação contínua das informações repassadas por especialistas, em diversos momentos da produção. No terceiro episódio, por exemplo, o médico usa a rotina de pessoas que trabalham durante a noite para detalhar, de forma precisa, os processos que envolvem o sono. Primeiro, apresenta de forma contextualizada a importância nos afazeres diários; e segue mostrando de forma detalhada a rotina de três profissionais que trabalham enquanto a maior parte da população dorme, em diferentes setores da sociedade. A apresentação da história destes personagens são detalhes de algo maior: uma explicação complexa sobre a relação do sono com a ausência de luminosidade. Assim, o médico consegue passar ao telespectador informações significativas ao conhecimento do assunto abordado.

E, sobre a recepção por parte dos telespectadores, os profissionais envolvidos na série reiteram: “acende, ao menos, um alerta”. Para eles, portanto, através do material telejornalístico produzido e analisado, quem assiste consegue, para além de absorver informações importantes, aprender formas de identificar problemas que outrora passariam despercebidos. Esse é um dos objetivos da série, ainda de acordo com os entrevistados, e se mostra, também, como um importante pilar durante sua construção. E essa construção, ademais, ocorre não somente na pré-produção, como também ao longo do período em que a série é exibida; ou seja: cada reportagem é arquitetada considerando a reação do público a partir da exibição do episódio anterior, de forma a considerar, de fato, quais as informações que, prioritariamente, devem entrar em cada episódio para garantir a mediação de conhecimento.

Com certeza o público aprende, esclarece, no mínimo entende o problema pra falar ‘eita, achei que fosse normal mas não é, então vou procurar um médico’. No mínimo acende um sinal de alerta. Se não aprende de primeira, se não consegue entender, se não aprende de primeira, se não consegue se enxergar, no mínimo acende um sinal de alerta pra poder buscar ajuda. Com certeza tem uma função pedagógica muito grande, e a intenção é essa de poder ajudar. Acho que a missão é essa (Entrevistada 2).

Assim sendo, cabe elencar, finalmente, os dispositivos didáticos utilizados pela série “Sono – Por que dormimos?”. Seis dos dispositivos levantados inicialmente por Cerqueira (2018) e utilizados neste estudo para categorizar a análise de conteúdo proposta foram encontrados, em maior ou menor frequência, e evidenciados tanto por meio da própria análise como, também, através das entrevistas realizadas e observadas a partir do conhecimento das questões teóricas levantadas a partir da pesquisa bibliográfica. Estas considerações puderam trazer à luz as reflexões aqui realizadas, e têm como resultado a percepção de que a produção

analisada faz uso de uma linguagem pedagógica aplicada ao telejornalismo, através dos seguintes dispositivos didáticos (Quadro 2):

Quadro 2 Dispositivos didáticos da série “Sono – Por que dormimos?”

<b>Apresentação de contexto</b>	Inicialmente, no primeiro episódio, com objetivo claro de apresentar ao telespectador as justificativas por meio das quais se faz necessária a produção jornalística, bem como para situar quem assiste sobre o tema abordado; e em outros episódios que necessitam de explicação prévia de algum termo e/ou ato.
<b>Reforço do discurso de legitimidade</b>	Por atos simbólicos feitos pelo próprio médico que apresenta a série, como exames e outros procedimentos relacionados ao sono.
<b>Exemplificação com algo ilustrativo</b>	Com apresentação de cenas que simbolicamente representam a informação dita ou visualizada, reais ou criadas em atuação proposital.
<b>Complementaridade</b>	Mediante a apresentação de dados oficiais no próprio texto off, complementando a informação anteriormente repassada.
<b>Interpretação de fala de especialistas</b>	Com uso de recursos gráficos, bem como através da tradução de informações de chancela científica.
<b>Detalhamento</b>	Através da apresentação de uma mesma informação repassada por especialistas, de diversas formas diferentes.

Fonte: Produção própria

### 4.3 “Envelhecer – Bora conversar?” e sua função pedagógica

A série “Envelhecer – Bora conversar?” foi exibida entre os meses de março e maio de 2023, sempre às quartas-feiras, nos dias 15, 22 e 29 de março; 5, 12, 19 e 26 de abril; e 3, 10 e 19 de maio; no telejornal JPB 1ª Edição, da TV Cabo Branco. A série teve como repórter a jornalista Maria Antônia Demasi, especialista em questões do envelhecimento, contratada pela emissora em questão exclusivamente para realização da série. Diferentemente da série analisada anteriormente, a produção em questão mescla materiais gravados e ao vivo, com participação da jornalista no próprio estúdio onde o telejornal é gravado e exibido ao vivo, além de entrevistas ao vivo com especialistas e personagens, em locais diferentes do estúdio.

Também diferente da produção analisada anteriormente, optou-se por analisar somente uma parte dos episódios exibidos na série. Dos dez episódios, a pesquisa escolheu os quatro primeiros para se debruçar em análise. Tal escolha se justifica pela quantidade de episódios da outra série aqui estudada – a série “Sono – Por que Dormimos”, que tem quatro episódios ao total – equiparando, dessa maneira, o número total de produções consideradas à pesquisa. Já a escolha pelos quatro primeiros episódios se justifica pela densa quantidade de particularidades encontradas, como interação com personagens, retorno ao vivo com entrevistado ao fim da exibição da reportagem, e etc. Questões que podem auxiliar no aprofundamento da análise apresentada a seguir.

Figura 6 - Jornalista Maria Antônia Demasi, da série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

Partindo para a análise de conteúdo em si, o primeiro episódio<sup>51</sup> da série – exibido no dia 15 de março de 2023, com duração de cerca de 13 minutos – contextualiza o envelhecimento a partir de histórias de personagens. Também apresenta dados oficiais da OMS para definir e explicar o que é o envelhecimento, e expõe depoimentos de especialistas que também estão inseridos no contexto da velhice, ou seja, também têm mais de 60 anos de idade. Uma professora especialista também é ouvida, e explica o que se pode entender cientificamente como sendo o sentido da velhice. Por fim, a jornalista Maria Antônia Demasi retorna ao estúdio onde o telejornal JPB 1ª Edição está sendo exibido ao vivo para fazer um balanço, junto ao apresentador do telejornal, sobre o que já foi exibido inicialmente e o que será abordado nos próximos episódios.

No segundo episódio<sup>52</sup> da série – exibido no dia 22 de março de 2023, com duração de cerca de 13 minutos – os benefícios das atividades físicas para idosos é o assunto central. A jornalista Maria Antônia Demasi vai para a rua novamente ouvir pessoas idosas. Uma especialista em promoção de atividades físicas para idosos (fisioterapeuta) também é ouvida. Ao fim da reportagem gravada, a jornalista participa do telejornal ao vivo para falar sobre um programa público de incentivo a atividades físicas para pessoas idosas. Em entrevista ao vivo, ela ouve idosos que praticam atividades físicas, e escuta também as pessoas responsáveis pelo projeto, que dão depoimentos sobre os benefícios citados pelos próprios idosos.

Já no terceiro episódio<sup>53</sup> – exibido no dia 29 de março de 2023, com duração de cerca de 12 minutos – a importância do cuidador de idosos é o tema central. Na reportagem, a jornalista ouve novamente idosos que convivem com a temática proposta à discussão, e vai além, ouvindo cuidadoras e futuros cuidadores que estão se capacitando profissionalmente. Especialistas que ensinam os modos corretos de se cuidar de idosos também são entrevistados, e explicam os detalhes da rotina profissional. Neste episódio, todos os detalhes da profissão cuidador são esclarecidos, com objetivo de fazer com que se passe todas as informações sobre o tema. Questões como isolamento, solidão, interação e cuidados clínicos, que fazem parte da rotina dos idosos, são expostas. Na volta ao estúdio, a jornalista vai até uma casa de repouso e continua detalhando a profissão de cuidador, ouvindo responsáveis pelo local até idosos.

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11450427/>. Acesso em: 19 jun. 2023

<sup>52</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11470216/>. Acesso em: 19 jun. 2023

<sup>53</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11490849/>. Acesso em: 19 jun. 2023

No quarto episódio<sup>54</sup> – exibido no dia 5 de abril de 2023, com duração de cerca de 10 minutos – o tema principal é a aposentadoria. A produção é iniciada com depoimentos de idosos que já se aposentaram mas continuam realizando atividades em seus campos de atuação, bem como os que estão prestes a se aposentar. Cada história de vida é detalhada, e a reportagem também traz dados sobre o tema, como por exemplo, a quantidade de idosos que fizeram empréstimos consignados por não conseguirem se manter com o salário que recebem da aposentadoria. Assim como nos episódios anteriores, ao fim da reportagem a jornalista volta ao estúdio para conversar com um advogado especialista que dá mais detalhes sobre os direitos da pessoa idosa.

A partir da descrição de cada episódio, apresentada acima, é possível pontuar diversas questões relacionadas à utilização de dispositivos didáticos nas reportagens da série especial produzida pela TV Cabo Branco sobre o envelhecimento. Cabe ressaltar, inicialmente, a força de alcance do telejornal escolhido para exibição do material, o JPB 1ª Edição, que tem vantagem de mais de seis pontos em audiência, em comparação com programas de outras emissoras exibidos no mesmo horário, com público estimado em 135 mil pessoas assistindo ao programa, segundo pesquisa do Kantar Ibope<sup>55</sup>. Ao relacionar o conteúdo com o alcance do telejornal, portanto, é pode-se dimensionar a importância da série e das discussões que a mesma levanta ao longo de seus dez episódios.

#### *4.3.1 Apresentação de contexto*

Indo mais à fundo no caminho que busca legitimar a função pedagógica do telejornalismo na produção analisada, é válido cruzar informações encontradas na análise com as oferecidas nas entrevistas. É importante já destacar o primeiro episódio, que faz uso do dispositivo didático de apresentação de contexto, fazendo um panorama geral sobre o assunto envelhecimento. Antes mesmo do episódio começar, como forma de apresentar a ideia da produção aos telespectadores que acompanham o JPB1, a jornalista responsável conversa com o apresentador do telejornal e explica resumidamente sobre o que se trata a série. Mas, indo além, ao adentrar nas observações acerca da produção em si, como se propõe esta pesquisa,

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11510536/>. Acesso em: 19 jun. 2023

<sup>55</sup> Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/noticia/audiencia-da-tv-cabo-branco-e-71percent-maior-que-streaming-e-mais-que-a-soma-das-concorrentes-locais-juntas.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2023

também é possível observar a ativação do dispositivo didático de contextualização neste primeiro momento.

Já na primeira parte do texto *off*, a jornalista explica o que a levou a se interessar sobre o tema abordado e, assim, a desenvolver a série. A explicação inicial fomenta a compreensão tanto do tema envelhecimento, quanto dos objetivos que cercam a série, a partir, também, da demonstração das predileções e conhecimento científico da jornalista responsável pela produção. Tais questões são reiteradas pela profissional durante entrevista, quando ela também menciona a relação de seu interesse pelo tema com a escritora paraibana Maria Valéria Rezende, assim como fez na própria produção telejornalística. No texto *off*, ela justifica a criação do conteúdo a partir da história que viveu em pesquisa com a escritora paraibana, e neste sentido o telespectador é contextualizado sobre os motivos pelos quais a série foi criada e está sendo exibida.

Todo mundo carrega uma mala cheia de histórias, e eu vim pra João Pessoa atrás de uma boa história: a velhice da velha escritora Maria Valéria Rezende (...) Da história dela e das que inventou fiz matéria na universidade, e agora volto para a Paraíba para contar uma história que não é só minha, e sim de quase 32 milhões de brasileiros: envelhecer. Bora conversar sobre? (DEMASI, informação oral de reportagem, 2023).

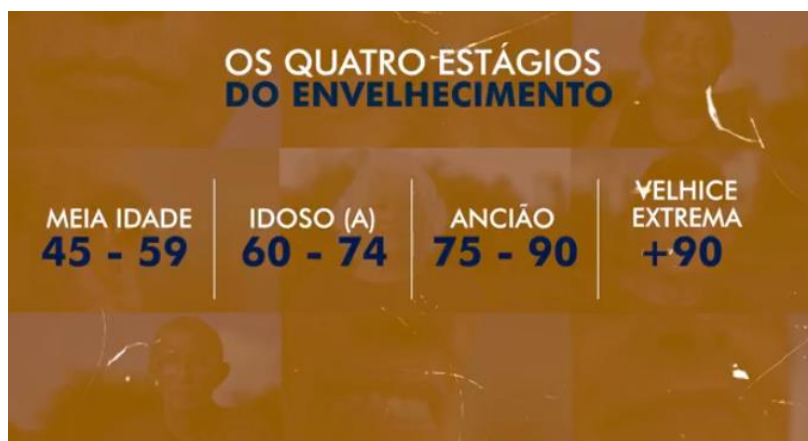
#### 4.3.2 *Interpretação de falas de especialistas*

Ainda no primeiro episódio, é possível observar também o uso do dispositivo didático de interpretação de falas de especialistas, através da apresentação de dados oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS) por meio de artes com números e porcentagens (Figura 7). Definições importantes ao entendimento sobre a velhice são demonstradas nas artes, e explicadas de forma ilustrativa através das próprias entrevistas com personagens ouvidos ao longo do episódio. Pelo relato de um dos entrevistados que diz se considerar ancião, por exemplo, a jornalista interpreta dados da OMS sobre a nomenclatura correta para cada idade na faixa etária da velhice, e corrige, ensinando, o entendimento inicial da entrevista cuja sonora<sup>56</sup> é utilizada.

---

<sup>56</sup> Entrevista realizada e inserida em uma reportagem.

Figura 7 - Apresentação de dados na série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

O dispositivo de interpretação de falas de especialistas também é encontrado no quarto episódio, quando é apresentada tanto de forma oral como a partir do uso de artes gráficas (Figura 8) a quantidade de idosos que fizeram empréstimos consignados no Brasil, bem como os motivos pelos quais eles o fizeram. A informação é explicada logo depois do depoimento de uma idosa que relata ter dificuldades em se manter com o valor que recebe da aposentadoria e afirma que, por isso, fez um empréstimo consignado. Após o relato da personagem, o texto *off* da repórter segue com explicações sobre o que é o empréstimo consignado e apresenta dados que ajudam o telespectador a dimensionar o cenário do problema no país. E, além disso, os dados também servem para costurar o texto geral que se segue até o fim da reportagem.

Não só Ivonete está apertada. Uma pesquisa recente aponta que no Brasil houve um aumento de idosos endividados: já são mais de 80 mil. Mas elas seguem (DEMASI, informação oral de reportagem, 2023).

Figura 8 - Dados exibidos em arte na série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

#### 4.3.3 Reforço do discurso de legitimidade

Sobre a escolha das entrevistas exibidas na série, a jornalista responsável explica que teve como objetivo mostrar aos telespectadores depoimentos sinceros de pessoas que sabem do que estão falando porque vivem, ou convivem, com o tema (a velhice). A maior parte dos entrevistados é idosa, demonstrando a utilização do dispositivo didático de reforço do discurso de legitimidade, já que, uma vez que o receptor da mensagem vê pessoas idosas falando sobre a velhice, o discurso proferido é legitimado pela própria vivência dele. Para a jornalista responsável, portanto, a sinceridade dos personagens entrevistados, demonstrada nos trechos das sonoras selecionadas e exibidas, também é algo que pode ensinar a quem assiste, nem que seja a conviver com as questões que envolvem o assunto.

Acho que o que as pessoas puderam dizer, de verdade, que não é fácil ser velho, mas também é engraçado, é sinônimo de liberdade, e traz vários questionamentos de conceitos de beleza, adequação, pertencimento, identidade. O que você viu nos episódios foram anos de estudo sobre tudo isso (Entrevistada 3).

Também sobre as sonoras escolhidas, mas, numa visão inversa, partindo agora dos especialistas e não mais dos personagens escolhidos, os profissionais envolvidos na produção da série reiteram, ainda, que a escolha é fundamental não apenas para que o telespectador consigo compreender a relação do conteúdo repassado pelos entrevistados com o assunto abordado na produção jornalística, como também para que a apreensão das informações trazidas possa fluir. Ora, em se tratando de temas de saúde, de acordo com a editora ouvida durante a

realização desta pesquisa, não seria difícil pensar no uso de termos desconhecidos pela maior parte da população. Sendo assim, além da “tradução” feita sob orientação técnica dos jornalistas responsáveis para com os especialistas envolvidos, é preciso que haja – e foi considerada neste objeto de estudo – a escolha de profissionais especialistas cuja linguagem seja acessível ao público ao qual se destinam as reportagens.

Quando a gente escolhe os profissionais, escolhemos os que conseguem passar [a informação] (...) a gente também conversa com vários profissionais de saúde, e aí a gente busca escolher os que são mais claros, os que conseguem transmitir conhecimento de uma maneira mais clara, e isso faz com que os outros profissionais possam refletir até na forma de entender o paciente (Entrevistada 2).

Voltando para as discussões no sentido do reforço ao discurso de legitimidade e, assim, da promoção de aprendizagem do público, é possível encontrar também tentativas de explicar melhor o tema através do uso deste dispositivo, observado por meio da fala de pessoas que, ao mesmo tempo em que se inserem no lugar de especialistas no assunto, são também idosas. Tese esta evidenciada no quarto episódio, que trata sobre as questões trabalhistas na velhice e usa a entrevista de uma mulher que é psicóloga aposentada e idosa, e que fala sobre aposentadoria (Figura 9), tema central da reportagem em questão, partindo de sua experiência particular em direção a uma reflexão geral sobre o tema. Inclui-se, portanto, o pensamento de Genro Filho (2012), ao mencionar o caráter de conhecimento do jornalismo, que, segundo ele, se apropriaria da realidade através do viés da singularidade para, assim, apresentar um fenômeno maior.

Figura 9 - Idosa sendo entrevistada na série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

#### 4.3.4 Detalhamento

Indo adiante, é possível também encontrar o dispositivo de detalhamento, através, ainda, da escolha das falas dos entrevistados. No segundo episódio, a jornalista escuta pessoas idosas para entender de forma detalhada os benefícios da prática de atividades físicas para a faixa etária, explicando, de maneira reforçada, as questões ditas pelos personagens. Em outros momentos, os depoimentos também servem para construir o próprio texto *off*, e são utilizados claramente para aprofundar as discussões propostas. Também no segundo episódio, o exemplo de uma idosa que pratica exercícios físicos para melhorar a saúde física e mental ilustra a importância do hábito e serve, também, para apresentar uma perspectiva a mais na construção textual da jornalista, que, a partir das respostas da entrevistada, segue em direção a outro depoimento e se aprofunda no assunto.

“Maria José fez do mexer-se remédio pra o que parece sina dos idosos: a solidão (...) Mas, existem muitas e diversas pegadas. Tem gente que curte correr, a vida as vezes atropela nossos desejos” (DEMASI, informação oral de reportagem, 2023).

O dispositivo de detalhamento também é encontrado a partir do uso de ilustrações (Figura 10), com imagens que retratam o texto falado e, dessa forma, facilitam a mediação da informação e podem possibilitar o entendimento do público. No terceiro episódio, por exemplo, uma arte é utilizada para ilustrar a explicação de uma especialista sobre um equipamento apresentado em um curso para cuidadores. Enquanto a especialista explica do que se trata a ferramenta, a arte com informações importantes a respeito dela aparece na tela, de forma que o telespectador não apenas ouve, como também lê e pode aprender sobre os indicativos considerados por especialistas ao tratarem sobre as limitações dos idosos. Gadini (2007) aponta que informações jornalísticas, aqui recortadas à realidade da televisão, produzem sentido por meio de códigos diversos, como vemos no exemplo aqui pontuado.

Figura 10 - Arte exibida na série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

#### 4.3.5 Complementaridade

Neste mesmo exemplo pode-se encontrar o dispositivo de complementaridade, já que a ilustração que é usada para detalhar a informação, é também apresentada para complementar a explicação repassada através da fala da especialista. Ao elencar a complementaridade como sendo um dispositivo didático, Cerqueira (2018) afirma que a mesma é colocada em prática para garantir que a transmissão da mensagem seja realizada dentro do formato que o noticiário exige. Dessa maneira, então, é possível afirmar que instrumentos como artes gráficas podem se configurar como uma ferramenta que, no telejornalismo, auxilia na construção de uma determinada estética do telejornalismo. Esta, por sua vez, objetiva reavaliar a conexão entre os programas a partir da estruturação textual e imagética respeitosa às qualidades formais do veículo de comunicação (Cardweel, 2006).

O dispositivo de complementaridade também pode ser observado a partir das entrevistas feitas ao fim dos episódios da série. No final de cada uma das quatro reportagens da produção, analisadas por esta pesquisa, na volta ao estúdio, há a exibição de entrevistas com idosos e também com especialistas em assuntos abordados anteriormente, durante o episódio, para tratar do mesmo. Ao exibir conteúdos relacionados ao tema que acabou de ser apresentado aos telespectadores, o telejornal consegue complementar as informações, seja com um serviço destinado ao público ao qual também se destina a série, com mais um depoimento de alguém que passe por situação semelhante às abordadas durante o episódio, e com a jornalista

responsável no estúdio, junto com o apresentador, ou mesmo na rua com personagens ou, ainda, em outros ambientes da emissora em questão, também com especialistas.

Para que as lacunas preenchidas por essas entrevistas e demais conteúdos exibidos após os episódios sejam percebidas, os jornalistas envolvidos na produção desta e de demais séries relacionadas à saúde e exibidas na TV Cabo Branco buscam se aprofundar nos assuntos abordados. No caso da jornalista que esteve à frente da série “Envelhecer – Bora Conversar?”, houve não somente um planejamento prévio, como também o estudo especializado na temática com objetivo de produzir um conteúdo relacionado ao envelhecimento – o que aconteceu com a realização do material aqui analisado. Ela afirma que planejou desde 2014, e somente em 2023 teve a oportunidade de colocar as ideias em prática e produzir o conteúdo especificamente para um telejornal, o JPB1 da TV Cabo Branco. Mas, além dessa especialização em particular, produtores, editores e demais profissionais da emissora que estejam envolvidos na realização de conteúdos como este, precisam e costumam se inteirar sobre o assunto em questão.

Vejo exemplos, outras séries, vejo documentário, leio livro... Até pra cortar uma sonora, eu entendo que essa sonora não está legal, até pra questionar o profissional a gente tem que ter o mínimo de conhecimento, e no caso da série a gente dá uma aprofundada. Eu estudo bastante. A gente faz uma primeira discussão e vai estudar. Quando vem o tema, damos uma geral no tema, e depois quando escolhe, dá uma aprofundada (Entrevistada 2).

Ademais, ainda nesta conjuntura, a jornalista que conduziu a série reitera a importância de se manter uma linguagem coloquial e, da mesma forma, de explicar aos telespectadores termos outrora não conhecidos. No caso do tema envelhecimento, um desses termos é o etarismo, abordado já no primeiro episódio da série e na entrevista exibida logo após esta reportagem. Através da menção de um caso de preconceito contra uma mulher mais velha, e do depoimento de uma mulher que, apesar de ter história semelhante à da personagem inicialmente trazida, na volta ao estúdio a jornalista explica o que significa o etarismo e qual a importância de se combater o problema no âmbito social, introduzindo o aprofundamento do tema realizado em episódios posteriores. O que evidencia uma preocupação didática por parte dos profissionais envolvidos na produção telejornalística.

Utilizo os dispositivos pedagógicos, sou uma comunicadora. Dentro de um recorte social, [o telespectador] dá um play e não entender o que se está falando, acha até bonito as imagens, a entrevistadora... Mas, o que é etarismo para quem mora numa zona rural? Tem que pelo menos que explicar, e essa é minha função [enquanto jornalista]. Então, sim sou educadora, no sentido de transmitir conhecimento. Para isso eu me preparei (Entrevistada 3).

#### 4.3.6 Exemplificação com algo ilustrativo

Voltando as reflexões para os dispositivos didáticos, a série também evidencia o uso do dispositivo de exemplificação com busca de algo ilustrativo, demonstrado através da utilização do recurso de simulação. No terceiro episódio, várias simulações aparecem na reportagem para retratar momentos de convivência entre idosos (Figura 11). As imagens são exibidas ao passo em que uma personagem relata a experiência como cuidadora e o impacto da atenção dada no bem estar dos idosos. A linguagem televisual (Emerin, 2016) permite o uso de recursos com o aqui citado, e imagens, sejam reais ou não, podem auxiliar na construção da narrativa a qual se propõe o telejornalismo, ilustrando situações comuns e relacionadas ao tema tratado. Seu emprego, portanto, também faz parte da costura que resulta em um produto cujo recebimento permite ao telespectador final uma absorção de conhecimento.

Figura 11 - Simulação exibida na série "Envelhecer - Bora Conversar?"



Fonte: Reprodução Globoplay

Por fim, sobre o recebimento das informações por parte do público, os jornalistas responsáveis reiteram que o objetivo não apenas era informar sobre possíveis problemas de saúde que afetam a vida de pessoas idosas, mas, principalmente, de mostrar aos telespectadores o contexto que envolve a vida dessas pessoas. Novamente, portanto, há o uso contínuo do dispositivo didático de busca por apresentação de um contexto e este, por sua vez, diz respeito à vida de milhares de pessoas não apenas na região onde a série foi exibida, mas no mundo inteiro. Dessa forma, o público que consumiu as informações repassadas pode compreender

questões sobre temas diversos que, unidos, conversam entre si e promovem reflexões aprofundadas sobre o tema do envelhecimento.

A grande saúde não é só o corpo sã, é estar confortável na vida, na cidade, finitude, a série inteira o que busquei dizer foi que é possível entrar nessa fase da vida sendo saudável (Entrevistada 3).

Desse modo, considerando as questões pontuadas pelos entrevistados acerca da série acima mencionada e analisada, bem como as considerações teóricas levantadas a partir da pesquisa bibliográfica e, como arcabouço de sustentação a análise de conteúdo realizada mediante categorização dos dispositivos didáticos aqui mencionados e detalhadamente descritos, é possível concluir que a série “Envelhecer – Bora Conversar” apresenta, ao todo, seis dispositivos didáticos. Todos eles são observados, principalmente, nos quatro episódios escolhidos para a análise, e são evidenciados de diferentes formas e na seguinte ordem (Quadro 3):

Quadro 3 Dispositivos didáticos da série “Envelhecer – Bora Conversar”

<b>Apresentação de contexto</b>	Inicialmente, no primeiro episódio, e a cada vez em que um novo contexto antecederesse o repasse de uma informação, de forma a explicar e clarear as ideias didaticamente.
<b>Interpretação de falas de especialistas</b>	Através da apresentação de dados oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS), mediante o uso de artes com números e porcentagens; e da apresentação de dados sobre os empréstimos consignados feitos por idosos.
<b>Reforço do discurso de legitimidade</b>	Mediante a própria escolha dos entrevistados e personagens (idosos), bem como dos depoimentos.
<b>Detalhamento</b>	Por meio, também, das sonoras incluídas nos episódios, cujas informações são detalhadas de diferentes formas pelos entrevistados.

**Complementaridade**

Com uso de ilustrações que detalham a informação já dita, bem como por meio de recursos gráficos.

**Exemplificação com algo ilustrativo**

Através da exibição de cenas que também simulam a realidade retratada no texto *off* da repórter.

Fonte: Produção própria

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tentativas diárias de realizar um trabalho que, para além do fator divulgação de conteúdo, consiga apresentar perspectivas diferentes de assuntos pertinentes ao cotidiano é, de fato, presente na realidade da produção jornalística profissional. E, apontando mais especificamente em direção aos tensionamentos característicos do telejornalismo, é factível afirmar que essas tentativas podem ser demonstradas através da criação e posterior exibição de produtos telejornalísticos em formatos que, mesmo conversando entre si através da dinâmica de um telejornal, oferecem pontos de vista contemporâneos, relevantes à formação intelectual em determinadas conjunturas sociais. Isso é o que esta pesquisa acredita, e que indo além, buscou também discorrer sobre a existência de um cenário resultante de uma preocupação didática, e, portanto, do uso de dispositivos didáticos, em determinados produtos telejornalísticos sobre saúde. Resultado este evidenciado a partir da aqui comprovada presença de uma função pedagógica do telejornalismo.

Como objetivo geral, esta dissertação teve, desde sua escrita inicial, a realização de uma análise acerca de como a função pedagógica do telejornalismo é evidenciada em reportagens relacionadas à saúde. Sobre isso, conclui-se que esta função existe e é evidenciada, para além da preocupação didática mencionada por Vizeu (2009) e relatada pelos profissionais aqui entrevistados, através da utilização de recursos, os quais formam o conjunto nomeado de dispositivos didáticos. Foi através da percepção de uso destes dispositivos, cujo conceito foi apontado anteriormente por Cerqueira (2018), que o presente estudo identificou a função pedagógica do telejornalismo nas produções observadas em, indo além, refletiu sobre a prática desta função no escopo geral do telejornalismo enquanto gênero. Cumprindo, portanto, o objetivo geral ao qual se propôs.

Já como objetivos específicos foram elencados a realização de debate sobre o telejornalismo na contemporaneidade, por meio da historicização do campo; a análise das duas séries de reportagens já mencionadas, produzida se exibidas pela TV Cabo Branco, para identificar o uso dos dispositivos didáticos e, assim, a aplicação prática da função pedagógica do telejornalismo; e a reflexão sobre o que pode ou não caracterizar a utilização desta função em tais produções. Sobre o primeiro objetivo, também é possível afirmar que seu cumprimento foi alcançado, o que pode ser observado, principalmente, nos capítulos 2 e 3, cuja argumentação teórica buscou fomentar e dar concreticidade aos aspectos do debate proposto. Para tal, foram apresentados tanto os panoramas históricos documentados sobre a evolução da televisão quanto

meio de comunicação, bem como os tensionamentos que envolvem o telejornalismo contemporâneo e, ainda, o levantamento dos debates sobre o telejornalismo especializado, trazendo a discussão para o campo da saúde.

O segundo objetivo específico também foi cumprido, já que as duas séries mencionadas foram analisadas, não apenas mediante o aporte metodológico a análise de conteúdo, como também por meio das considerações feitas durante as próprias entrevistas. E, quanto ao terceiro objetivo específico, é preciso argumentar que, para além dos aspectos encontrados, que podem caracterizar a percepção sobre a comprovada existência da função pedagógica do telejornalismo, tais como os próprios dispositivos didático, há também de se pontuar questões intrínsecas à própria prática jornalista, mencionadas em suma nas entrevistas (Apêndice C), que permeiam, principalmente, a partir da preocupação didática amplamente discutida nos primeiros capítulos. Sendo assim, pode-se afirmar que este objetivo não apenas foi cumprido como, também, pode ter as visões levantadas por ele ampliadas em pesquisas futuras, que considerem os relatos norteadores presentes nas entrevistas.

A justificativa primordial da pesquisa, que defende a relevância do objetivo de estudo, também foi considerada ao longo de toda a dissertação. Em vista disso, pode-se afirmar que a análise aqui apresentada, cujas considerações foram feitas partindo dos princípios éticos que norteiam tanto a atividade jornalística quanto a pesquisa deste campo de estudo, é capaz de comprovar e, para além, apresentar dispositivos didáticos existentes nas duas séries de reportagem da TV Cabo Branco utilizadas como objeto de estudo. A partir da análise de conteúdo realizada através da observação científica das séries “Sono – Por que Dormimos?” e “Envelhecer – Bora Conversar?”, cujos resultados foram detalhados acima, nos tópicos anteriores, e da categorização feita através da observação dos dispositivos didáticos também apresentados, verificou-se que há concreticidade prática nas discussões a respeito do conceito central aqui levantado e defendido.

Os dispositivos didáticos encontrados ao longo dos episódios analisados foram: apresentação de contexto; reforço do discurso de legitimidade; exemplificação com algo ilustrativo; complementaridade; interpretação da fala de especialistas; detalhamento. Inicialmente apresentados por Cerqueira (2018), os dispositivos didáticos revelam, inicialmente, a preocupação didática dos jornalistas (Vizeu, 2009) que, envolvidos em um processo produtivo e cercados por rotinas articuladas com objetivo de garantir um melhor desempenho do ofício (Noblat, 2002); em suma, evidenciam a capacidade do telejornalismo de cumprir sua função própria, a divulgação de informações verdadeiras por meio da televisão

(Temer, 2010) e de ir além, apropriando-se de seu caráter referencial (Vizeu e Correia, 2008) para transmitir noções significativas à compreensão do telespectador.

Em síntese, foi possível notar a conversação entre o que fora apresentado em capítulos anteriores, relacionados profundamente à conceituação teórica do tema central desta dissertação, com os resultados apresentados na análise realizada via triangulação de dados. A partir do entendimento do telejornalismo enquanto gênero, e conseqüentemente, de suas especificidades diversas, apresentadas em cada um de seus formatos e em múltiplas telas, e considerando, também, sua prática como sendo resultante de uma estruturação interna (Backes e Duarte, 2009), se torna viável destacar que os aspectos dos dispositivos didáticos encontrados nas reportagens são importantes não apenas do ponto de vista técnico, uma vez que os mesmos auxiliam na construção de produtos embasados ética e profissionalmente, como também do ponto de vista da humanização necessária ao exercício jornalístico, para que o telespectador final encontre a mediação necessária à formação de opiniões sobre a realidade que os cerca (Vizeu, 2014).

Ademais, verifica-se também o aporte significativo construído a partir das produções analisadas do ponto de vista da promoção de acesso à saúde. A partir das entrevistas com os profissionais envolvidos, cujas respostas construíram, junto com a análise, o capítulo anterior, fica evidente que a preocupação didática destes profissionais vai além do teor técnico telejornalístico e permeia, também, nas demandas observadas no escopo social no qual se enquadram a emissora em questão e seus telespectadores. Dessa forma, o conceito de telejornalismo especializado, primordialmente proposto por essa pesquisa, também se mostrou presente nas séries utilizadas como objeto de estudo. Ora, o que seria o telejornalismo especializado senão um produto com informações precisas e aprofundadas sobre um determinado assunto, como a saúde, resultado da partilha de conhecimento entre jornalistas e especialistas da área em questão, e praticado sobretudo a partir de preceitos básicos do jornalismo profissional?

Outrossim, se faz necessário afirmar que é preciso avançar nas discussões do papel de profissionais de outras áreas do conhecimento, como, neste caso (da saúde), os médicos, em produções jornalistas e, especificamente, telejornalísticas. No presente estudo, a análise da produção à luz do conceito da função pedagógica do telejornalismo foi proposta e realizada, a diferindo, portando, de pesquisas que estudam, especificamente, a participação de outros profissionais de fora do jornalismo, do jornalismo. O que não limita, no entanto, as possibilidades de aprofundamento crítico sobre os tensionamentos aqui encontrados, assim

como já fizeram vários pesquisadores que se debruçaram em participações como a do médico Drauzio Varella em produções jornalísticas.

Por tudo isso, cabe apontar que, assim como diversos outros estudos que se baseiam nas noções telejornalísticas para realizar reflexões científicas, apesar de defender e refletir sobre a existência da função pedagógica do telejornalismo nas séries da TV Cabo Branco escolhidas como objeto de estudo, esta pesquisa não objetiva cravar reconhecimentos que permeiam no campo dos elogios. Mas, pretende ir adiante e, por meio dos apontamentos aqui realizados, promover contribuições para a prática de outros produtos semelhantes, que possam chegar em pessoas e auxiliar na promoção da saúde. Por acreditar no jornalismo profissional e na importância do telejornalismo enquanto agente massivo, pretende-se chegar, com as considerações aqui realizadas, em um aperfeiçoamento capaz de alcançar resultados satisfatórios e, assim, cumprir os preceitos que norteiam a profissão.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Vida. **TV Tupi: uma linda história de amor**. São Paulo: IMESP, 2008.

BACKES, Vanessa Cristina; Elizabeth Bastos, DUARTE. **Telejornalismo: estratégias de reconfiguração de uma mesma notícia**. Intexto, Porto Alegre, n. 49, p. 196–213, 2020. DOI: 10.19132/1807-8583202049.196-213. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/82629>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARBOSA, Ruy. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Com-Arte Editora Laboratório, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASILEIRO, Amy Nascimento. **O jornalista em ambiente multiplataforma: desafios profissionais na era do jornalismo pós-industrial**. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2019.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo Regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade do jornalismo**. In: CORREIA, João Carlos (org.). *Ágora - Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades*. Covilhã, UBI: LabCom, 2011.

CARDWELL, Sarah; PEACOCK, Steven. **Introduction**. *Journal of British Cinema and Television*. Edinburgh University Press, v. 1, n. 3, 2006.

CARVALHO, Carmen. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. Anais. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/r0136-1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2023.

CAVENAGHI, Beatriz de Araújo. **Telejornalismo local: Estratégias discursivas e a configuração do telespectador**. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CERQUEIRA, Laerte José da Silva. **Saberes, linguagem e dispositivos didáticos: as dimensões da função pedagógica do telejornalismo**. 2018. 322 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Orientador: Alfredo Vizeu Pereira Júnior. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32107>>. Acesso em: 06 mai. 2023.

CIRNE, Livia; BELÉM, Vitor; SIQUEIRA, Fabiana; MESQUITA, Giovana. **A serviço do povo? Um olhar sobre telejornalismo comunitário no SE1, JPB1 e RN1**. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, p. XXX-YYY, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45518>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CORREA, Elizabeth Saad; BERTOCCHI, Daniela. **O algoritmo curador: o papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação**. *Curadoria digital e o campo da comunicação*. Tradução. São Paulo: ECA-USP, 2012. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002994587.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CORREA, Elizabeth Nicolau Saad (org.). **Curadoria Digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002994584.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2023.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. **Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público**. In: *Colóquio Internacional Televisão e Realidade*, 2008. Disponível em:

<<http://tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CUNHA, Thalita Cristina Figueiredo. **Investigação genética de casos de deficiência intelectual em populações consanguíneas do sertão paraibano**. 2015. 76 f. Tese (Doutorado em Biotecnologia) - Rede Nordeste de Biotecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9816/2/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2023.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News**. 1. ed. São Paulo: Faro Editorial, 2018. 144 p. ISBN 8595810176.

ECO, Umberto. "**Tevê: a transparência perdida**". In: \_\_\_\_\_. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 182-204.

EMERIN, Cárilda. **O poder da linguagem telejornalística**. In: EMERIN, Cárilda; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio. Telejornalismo e Poder. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. 1. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/pesquisadores-lancam-guia-gratuito-para-a-midia-no-combate-a-covid-19/>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FIGUEIREDO, Miréia Arruda; CRUZ, Fernanda Volchan; PESCHANSKI, João Alexandre. **O papel do jornalismo no combate à desinformação científica: uma revisão de literatura**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [Online], 2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1292-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1585/1/Generos%20televisivos.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. **A dupla epidemia: febre amarela e desinformação**. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 9-13, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513/2198>>. Acesso em: 30 maio. 2023.

HOHLFELDT, Antônio. Apresentação – revisão oportuna. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Apresentação de Mark Warshaw. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Allegro, 2000.

MAFFESOLI, Michael. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Editora Insular, 2010. p. 23-55.

MELLO, Edna. **TV Tupi – Difusora e Imagens do dia: o pioneirismo da televisão no Brasil**. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, I. Telejornal e Praça Pública. Florianópolis: Insular, 2015.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MINAYO, M., DESLANDS, S. F. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIRANDA, Amanda. **Do todo à parte: curso e percurso do jornalismo especializado em saúde**. In: 5º ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2014, [Florianópolis]. Anais. [Online], 2014. Disponível em: <[https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wpcontent/uploads/2014/10/GT\\_jornalismo\\_amanda\\_miranda.pdf](https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wpcontent/uploads/2014/10/GT_jornalismo_amanda_miranda.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga da. **Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?** Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ramb/a/SGm5WjwfG6Hj5Bf5g8s6DRs/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 4 ago. 2021.

NATARIO, Laura U.; SOLDATELLI, Natalia D.; NEZELLO, Yeda C.; D' AGOSTINI, Fernanda M. **Varíola dos Macacos: Impactos da Desinformação em Saúde**. In: CIRCUITO REGIONAL CIÊNCIA E INOVAÇÃO PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, Santa Catarina, 2022, Anais. [Online], 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/32008/17976>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de Televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Elane Gomes da Silva; VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte José da Silva. **Os dispositivos de temporalidade no telejornalismo: os jornalistas e as práticas profissionais**.

In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

OLIVEIRA, Dennis. **Jornalismo e Emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba (PR): Appris Editora, 2017.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. **As fabulações jornalísticas e a saúde**. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Org.). Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. p. 235-250.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccininfabiana-telejornalismo-ameicanoeuropeu.html>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

RODRIGO-ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hacia la hipertelevisión: los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo**. *Diálogos de la Comunicación*, n. 77, p. 1-8, 2008.

SILVA, Edna de Mello; ALVES, Yago Modesto. **Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s. l.], 2017. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1137-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Edna Mello; ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Sérgio Ricardo Soares Farias. **Telejornalismo expandido: o jornalismo televisivo nas redes sociais e aplicativos**. *Revista Comunicação Midiática* ISSN: 2236-8000, 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/bruna/Downloads/Dialnet-TelejornalismoExpandido-8420335.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Gislaine. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. In: SILVA, G.; SILVA, M. P. da; FERNANDES, M. L. (Orgs.). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

SILVA, Leila Morás; LUCE, Bruno; FILHO, Rubens da Costa Silva. **Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde**. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 271-287, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/892/665>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SILVA, Luiza Mylena Costa. **A pesquisa sobre o jornalismo científico: análise de uma década de pesquisas nos anais da SBPJor (2012-2021)**. 20º Encontro Nacional de

Pesquisadores em Jornalismo, Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza (CE), 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/bruna/Downloads/galoa-proceedings--sbpjour-2022--157192.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia (org.). **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. E-book. 225 p. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1995.

SPINELLI, Egle Müller; DE ALMEIDA SANTOS, Jéssica. **Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news**. Revista Observatório, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4629/13090>. Acesso em: 21 jun. 2023

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal**. In:

TRAQUINA, Nelson. **O acontecimento**. In: \_\_\_\_\_. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Florianópolis: Insular, 2016.

VASCONCELOS, Alberto. **Jornalismo De Saúde – Evidências De Um Processo De Especialização**. Repositório Científico Lusófona, 2005. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/2616/1/Jornalismo%20de%20Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

VERON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, v. 16, n. 40, p. 77-83, 21 dez. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 05 mai. 2023.

VIZEU, Alfredo. **O ‘mundo’ dos telejornais: a teoria do agendamento**. Observatório de Mídia, 2007. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-mundo-dos-telejornais-a-teoria-do-agendamento/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene. **Os múltiplos framings do acontecimento no jornalismo**. In: \_\_\_\_\_. *Jornalismo e Acontecimento: tramas conceituais*. Vol. 3. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2013. PATERNOSTRO. V. I. *O texto na TV*. Rio de Janeiro: Editorial Elsevier, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 7 ed. Lisboa: Presença, 2002.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADA

#### **Eixo 1 - Aplicação para todos os entrevistados**

1. Qual profissão exerce?
2. De que forma passou a ter o jornalismo como opção profissional?
3. Há quanto tempo trabalha com jornalismo?
4. Há quanto tempo presta serviços na TV Cabo Branco?
5. Qual seu vínculo empregatício com a empresa?
6. Qual função exerce na TV Cabo Branco?
7. De que forma enxerga a atuação jornalística da empresa?
8. Consegue enxergar dispositivos didáticos em reportagens de saúde?
9. Para você, qual a importância de séries de reportagem na área de saúde para a sociedade?
10. Quais os principais desafios para que produções deste cunho continuem sendo realizadas?

### APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFISSIONAIS ESPECÍFICOS

#### **Eixo 1 - Aplicação para a editora responsável**

1. Possui formação em jornalismo?
2. Há quanto tempo trabalha com telejornalismo?
3. Há quanto tempo exerce a função de editora?
4. Você enxerga a produção de séries de reportagens especiais como algo importante para a sociedade?

5. No caso da produção das séries analisadas, que participação você teve?
6. Ao longo das produções, o que levou em consideração para traduzir informações necessárias ao público?
7. O critério didático foi pensado no recorte das informações?
8. Você enxerga que há uma função pedagógica do telejornalismo nestas séries?
9. Para você, o telejornalismo pode enriquecer seus produtos a partir de uma concepção pedagógica?
10. Quais desafios precisam ser superados para que produções nesse sentido aconteçam?

### **Eixo 2 - Aplicação para os repórteres**

1. Possui formação em jornalismo? Se não, qual sua formação?
2. Costuma ter uma produção jornalística especializada em saúde?
3. Como recebeu a ideia de pauta da série?
4. Ao longo de seus textos e entrevistas, você tentou incluir informações com aplicação didática?
5. Dentro dos princípios do telejornalismo, você acredita que conseguiu passar as informações necessárias sobre o tema abordado, de forma que a população tenha aprendido algo?

### **Eixo 3 - Aplicação para especialista**

1. Possui formação na área abordada na série de reportagem?
2. Como surgiu sua participação na série?
3. Você acredita que sua formação influenciou na profundidade das informações repassadas?
4. Havia dispositivos didáticos nas informações repassadas?
5. Você acredita que a explicação didática de termos relacionados a saúde, no telejornalismo, pode contribuir para a formação social?

## **APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS**

### **ENTREVISTADO 1 (médico) – Entrevista concedida no dia 03 de outubro de 2023 via Google Meet**

#### **1. Qual profissão exerce?**

Eu sou médico, sou cirurgião cardíaco e professor na Universidade Federal da Paraíba, então daí é que vem esse lado pedagógico, de gostar de falar, de levar informação às pessoas. Sou professor desde 2014, há nove anos.

## **2. De que forma passou a ter o jornalismo como opção profissional?**

Saúde, no sentido mais amplo do termo, é uma sensação de bem estar psíquico, mental, social, ou seja, a gente não pode ver só saúde no âmbito da saúde física, a saúde é bem mais ampla que isso. E muitas vezes as pessoas de casa consomem muita informação, principalmente em redes sociais, na própria televisão, mas hoje em dia principalmente nas redes sociais, e a gente vê que as fontes de informação muitas vezes desinformam, são enviesadas porque conseguem chegar mais facilmente as pessoas, mas nem sempre a informação correta é entregue da forma como precisa. Ao enxergar isso eu vi que, de repente, se a gente tivesse um contato mais amplo com as pessoas, o que a TV possibilita, o jornalismo possibilita, mas muitas vezes a reportagem deixa a desejar ou não tem o aprofundamento, a análise crítica do ponto de vista técnico. Às vezes o jornalista vai até um certo ponto, mas como jornalista a função dele é informar, muitas vezes não pode por questões éticas fazer julgamento de valor nem tem competência pra julgar a informação mais correta do ponto de vista científico. Então, como médico é diferente, porque não só eu tenho competência pra julgar a informação de saúde, mas quando você chega na casa das pessoas com uma informação elas dizem ‘é o médico que tá falando isso’, ‘é o médico que tá dizendo que eu posso ou não posso fazer isso’. Então a gente pensou que, se a gente tivesse um médico que chegasse na casa das pessoas informando numa linguagem que muitos dos meus colegas não conseguem chegar, que uma linguagem fácil, acessível, compreensível e também empática, sabendo as dificuldades que as pessoa tem de acessar os serviços de saúde, a gente podia transformar o jornalismo como uma ferramenta de fazer saúde. Muito mais do que eu atividade pedagógica do jornalismo, mas um gerador de saúde, no sentido mais amplo. Ou seja: eu levo saúde para as pessoas em casa. E é impressionante como algumas séries que venho fazendo há alguns anos dão esse feedback, de encontrar as pessoas na rua, que parecem que são conhecidos, e dizem ‘olha, minha vida mudou, eu perdi 10 quilos depois daquilo’. Então eu entendo o jornalismo de saúde como uma ferramenta pra fazer saúde, não só informar. Foi uma forma que encontrei de acessar todas as pessoas, muitas vezes as pessoas não procuram o médico mas ele tá na sua casa todas os dias, e de uma forma encantadora, que a linguagem que o jornalismo me proporcionou, levar a mensagem de uma forma mais atrativa, mais visual. É um desafio que pra mim tem sido muito motivador em termos de fazer saúde. É claro que não

é fácil estar no jornal de horário nobre, com uma linguagem que sei que se for mal feito eu posso afastar mais as do que trazer as pessoas pra perto de mim. Foi um desafio que a gente comprou e eu sou só orgulho de fazer parte disso e ser assessorado por muitos jornalistas. A editora que é a mente jornalística por trás das minhas reportagens tem essa sensibilidade. Hoje eu vou pra ilha de edição, vou decupar, eu entendi que era fundamental eu me apropriar das ferramentas jornalísticas pra conseguir contar a história da melhor forma possível. Isso tem sido encantador e acredito que o que a gente tem feito realmente é saúde.

### **3. A série sobre sono foi a primeira ou não? Você lembra quantas já fez ao todo?**

A primeira série foi no JPB1, sobre primeiros socorros, na TV Cabo Branco foi a primeira oportunidade de mostrar esse lado Drauzio Varella, que é referência de uma linguagem fácil e acessível. Depois a gente fez uma série chamada “A Idade do Coração”, mostrando como o estilo de vida e os fatores podem impactar o órgão, e a gente fala de saúde mental, social, tudo isso. Na TV Cabo Branco estou desde 2018 com essa parceria. E sobre como surgiu a ideia da série sobre o sono, eu fui demandado pela TV. A equipe editorial demandou o desafio, foi um desafio porque sou cardiologista e num primeiro momento pareceu ser bem assustador porque precisei voltar pros meus livros de fisiologia, anatomia e tudo isso. E é muito legal transformar pra linguagem da TV que é objetiva, direta, que a gente usa a imagem, e digo que hoje como professor universitário tenho dificuldade de escrever a linguagem técnica porque me acostumei a escrever para a TV, ganhei esse poder de síntese. A série “Sono - Por que Dormimos” a gente gravou cerca de 28 horas de material para ir ao ar uma série de 4 episódios com cerca de 10 minutos. foi a primeira série da TV Cabo Branco, num jornal de 22 minutos de produção, que tinha mais de 10 minutos. Ou seja: a série ocupou a metade do jornal da noite.

### **4. A parceria acontece por vínculo formal?**

Não tem um vínculo formal, empregatício... A TV me demanda algumas coisas e a gente acaba executando. Eu acho extremamente interessante porque sempre é novidade, a gente consegue trabalhar com a novidade, é diferente se eu tivesse no ar todos os dias, produzindo em uma demanda, eu elogio muito os jornalistas porque eles têm muita criatividade pra escrever com pouco tempo, e eu não consigo ter essa produtividade, estudo meses o tema da série, depois vou pra o roteiro, e a rua consegue mudar meu roteiro. Tenho uma ideia, sei aonde quero chegar, mas quando vai rua que começa a conversar a coisa vai mudando, aquele personagem muda toda tua narrativa. e quando vou pra ilha de edição para rever, escrever o texto, pra estar lá com

os jornalistas, então tem sido uma troca muito produtiva dos dois lados, às vezes digo que do ponto de vista científico isso não é importante, o que não pode ser dito daquela forma. A Gente acaba discutindo muitas maneiras de transformar um palavrão científico numa informação palatável, agradável, atraente. é um desafio. No começo eu não tinha noção de onde a ia chegar... Não conseguia planejar a informação que era dada, e com o passar dos anos a gente começa a saber onde quer chegar e quais ferramentas usar. É muito legal chegar na vida das pessoas, conseguir levar uma informação de qualidade e notar que muita gente muda de vida por conta de uma informação que ela precisava ouvir naquele dia. E por conta do que a gente está vivendo no pós-pandemia. Na época da pandemia eu estava na UTI Covid, a imprensa não podia entrar, mas eu estava lá dentro e produzi muita reportagem. E é impressionante como a informação chega rápido, como a gente consegue tocar a vida das pessoas.

##### **5. Você enxerga que esse trabalho é importante para o fomento do jornalismo científico na Paraíba?**

O que eu vejo é que a empresa se preocupa muito com a qualidade da informação que chega. Eu rotineiramente, mesmo diante de outros repórteres, sou consultado. Acho legal essa preocupação de levar uma informação cientificamente consolidada, por mais que muitas vezes eu tenha um produto que faça sucesso, a TV está preocupada com uma informação que tenha uma chancela científica. Vivemos numa geração fomentada por fake news, que conseguiu fazer horrores, então acho legal um veículo de comunicação que tenha a preocupação de checar e levar a informação científica. Tenho uma liberdade de produzir conteúdo porque eles sabem que é científico. Eles me dão a oportunidade de não usurpar, mas complementar indo mais além naquilo que o jornalismo não pode fazer, que é dizer o que é certo ou não cientificamente. É uma oportunidade de promover a democratização da informação, democratizar a informação que foi checada, criticamente avaliada.

##### **6. Sobre o formato da série, quanto tempo durou entre a preparação e a série ir ao ar?**

A gente teve a provocação no mês de fevereiro, o planejamento no início, e já comecei a pesquisar, fazer levantamento bibliográfico. A gente começou a gravar em março, um mês depois da fase de roteiro, e durou cerca de um mês e meio de gravação. Até porque tenho minha rotina muito intensa como médico e professor e a TV acaba não sendo a minha prioridade, até por não ter vínculo. Então vou encaixando, e a gente ficou cerca de um mês e meio entre a edição e exibição. É muito interessante porque o primeiro episódio da série vai ao ar pronto,

mas é como uma novela, dependendo da resposta do primeiro dia, no segundo dia a gente estava mudando, trabalhando o VT. Então por mais que se diga que vai fazer com um ano de antecedência, a informação é viva e o jornalismo também, então foi uma experiência fantástico porque enquanto médico também faço entrevista, mas ir pra rua, abordar pessoas, convencê-las a falar e entender o que é importante, muitas vezes o roteiro pré-fabricado tem que ceder lugar pra aquele personagem que muda tudo, que é muito importante, e costurar tudo isso numa linguagem quase documental é muito complicado, a gente trabalha com o desafio de cada vez mais ter uma linguagem documental. Na última série a gente costurou inteiro com sonoras e passagens, dá uma linguagem bem acabada. A série foi pra quase 20 afiliadas Globo do país, é um tema atual, atemporal e não tem um lugar específico porque todo mundo se identifica. É um trabalho bem duro que a gente trabalha muito pra levar o melhor material pro ar, tem o fato de eu não ser jornalista. Então hoje acho que estou mais tranquilo, me posicionando e escrevendo mais rápido, mas tem todo um cuidado porque eu sou médico, a informação não pode sair de qualquer jeito, tenho um código de ética médico por trás, tem toda uma ética tanto jornalística, por isso tem um editor assina como jornalista responsável, como tem minha posição como médico também.

**7. Do ponto de vista clínico e pedagógico enquanto professor, existe alguma diferença no formato série de reportagem? Ele permite o aprofundamento das questões importantes?**

Acho que cada vez mais as pessoas assistem menos TV ao vivo e acabam usando streaming como possibilidade de ver em qualquer lugar. Na reportagem em si às vezes você não consegue explorar todos os temas que seriam importantes, e no formato série a gente vai criando uma narrativa que a pessoa se identifica e se insere como personagem também. É impressionante como muita gente viu no primeiro, no segundo dia, dá o feedback, e encontrei muita gente que disse ‘você conseguiu me convencer que durmo mal’, e a gente nem nota que tá sofrendo de um problema, e vc inserir numa programação normal um tema de saúde acaba oportunizando as pessoas a conhecerem um problema que elas nem sabem que tem ou nem sabem que aquilo é problema. Acho que jornalismo é uma ferramenta importantíssima pedagógica, no sentido de levar a informação, tem uma responsabilidade por trás quando se faz num lugar sério, de levar a informação com qualidade científica, checada e isenta de vieses financeiros, e o alcance é muito grande. Sou extremamente grato por essa oportunidade. A gente precisa fazer saúde dessa forma, educando as pessoas dessa forma.

## **ENTREVISTADO 2 (jornalista freelancer) – Entrevista concedida no dia 04 de outubro de 2023 via Google Meet**

### **1. Como surgiu o interesse no tema?**

Eu acho que o envelhecimento é um assunto que tomou uma proporção tão grande, porque realmente estamos envelhecendo, e é um assunto que todo mundo tem um velho na sua casa, ou eu mesma que já tenho 60 anos, e são vários tipos de velhices, e eu acho que é tudo tão novo, porque tenho velha gagá que não sai de casa, velha que é pra frente... Tenho um pouco de insegurança com os extremos, melhor idade? A gente já parte de uma questão de linguagem porque a gente não acha palavra pra falar disso, porque se falo velho tô correndo perigo de ofender você, porque apesar de você ser velha você não aguenta falar sobre. Aí você ouve 'tenho 75 com cabeça de 20', aí penso que você é um bocó, porque ter 75 traz uma experiência muito legal que é desqualificada socialmente, e isso se chama etarismo. Só nessa conversa a gente falou de muita coisa que envolve, só que eu fui estudar. fui fazer o mestrado na puc em gerontologia social, que estuda o envelhecimento socialmente. quem vai cuidar da sua avó, de quem você vai cuidar, se teu filho bate em você. cada assunto fiz um capítulo na série. o que eu fiz foi dizer da velhice de um jeito que se diz em conversa em casa. O assunto é esse.

Tem uma narrativa muito moderna sobre envelhecimento já, e o que eu queria era um espaço pra poder fazer isso do jeito que me preparei para, aí fui fazer doutorado nas ciências sociais. estudo a Maria Valéria Rezende e por isso fui para a Paraíba, atrás do meu objeto de trabalho, que era a obra da Valéria e fiquei amiga dela. E tenho um amigo na emissora que abriu a porta pra eu conversar e entenderem a minha ideia.

Experimentei uma produção com muita liberdade, a TV Cabo Branco não teve uma interferência, isso é muito raro e eu sou muito grata, porque eu sabia do risco que eu corria de ter muitas vozes interferindo nos dispositivos pedagógicos, que eu claro que eu utilizo os dispositivos pedagógicos, sou uma comunicadora.

### **2. Qual sua experiência na área do jornalismo?**

Trabalho com jornalismo há 40 anos. Quando entendi que o jornalismo era o que eu queria eu basicamente fui tentando misturar a linguagem jornalística às outras que tenho, como as das artes plásticas, fotografias. Eu faço uma coisa aqui e outra ali.

### **3. Você acredita que sua formação influenciou na profundidade das informações repassadas?**

Acho que marcou a série, que chamamos de estilo, marca, autoria e de uma coisa pessoal. Quando você escreve um texto e todo mundo sabe que é seu, porque somos únicos no comunicar. Nessa série, as pessoas puderam dizer, de verdade, que não é fácil ser velho, mas que também é engraçado, que tem uma experiência de liberdade, e traz vários questionamentos de conceitos de beleza, adequação, pertencimento e identidade. E são esses conceitos que me interessam. Então, o que você viu nos episódios foram anos de estudo sobre isso. A parte que eu mais gosto é a da dona Mocinha, a gente começou a conversar ela tava brava, falou que estava se sentindo vulnerável e fragilizada, se queixou da falta de liberdade, e na frente de quem cuida dela, e quando perguntei veio o nome o capítulo ‘Quem vai cuidar de quem’.

A construção da série se deu na ilha de edição. Eu tinha pilares, não fechados, eu ia conforme eu ia sentindo a rua, as entrevistas, via o que eu esperava e achava muito bom. Foi muito legal fazer.

### **4. Você recebeu alguma orientação de algum editor?**

Eu tive total liberdade, e do ponto de vista da forma como se deu a produção dessa série, eu me senti respeitada. Porque não é assim que eles fazem, e eu cheguei lá e eles deixaram eu fazer tudo que eu queria. Eu queria editar e produzir, mas é assim que eu faço.

É interessante ser uma série porque dá pra destrinchar, ponderar, foi muito confortável. Em um momento em que se tem uma censura por ideias pra tudo que é lado, eu só fiz o que eu quis. E eu espero que as pessoas tenham gostado, porque eu gostei muito de fazer.

### **5. Ao longo de seus textos e entrevistas, você tentou incluir informações com aplicação didática?**

Dentro de um recorte social, que a gente pode analisar jornalisticamente, você acha bom dar um play e não entender o que se está falando? Acha até bonito as imagens e a entrevistadora, mas o que é etarismo pra quem mora numa vida rural? Você acha que faz sentido eu falar etarismo e não explicar, pelo menos explicar? Pra mim é meio óbvio que tem que pelo menos explicar, porque essa é minha função. Então, sim, eu sou educadora, no sentido de transmitir

conhecimento. Pra isso eu me preparei e o que eu faço hoje é juntar tudo que fiz na vida pra sair coisas assim.

**6. Você acredita que sua formação influenciou na profundidade das informações repassadas?**

É um jornalismo feito por quem trabalha em televisão há muito tempo, então eu domino o veículo. Apresentei, editei, fiz ao vivo. Não tinha essa tecnologia que se tem hoje, então exigia que a formação fosse diferente. Eu também não sei o de vocês e isso se chama intergeracionalidade. Você acha que posso chegar na sua casa só falando que vou falar disso? Não mudar de canal. Então, sim, a televisão tem um papel pedagógico.

A qualidade da informação, o sujeito que consegue buscar a informação, levantar o assunto, o outro que vai lá e faz as entrevistas, o outro que vai lá e faz uma coisa importantíssima que é a edição... Fazer tudo isso é de uma responsabilidade coletiva, e eu construí uma linguagem. São escolhas de quem capta a imagem até o editor que monta isso. Eu poder estar perto de todos eles, foi muito legal.

**6 - Como se deu o planejamento da série?**

Planejei a série desde 2014, e para tanto estudei muito. Fui fazer mestrado, doutorado, pós graduação... Isso é de onde vem a autoria. Sou uma jornalista que preza pela boa informação, de ser fidedigno ao que você entendeu e presenciou. E foi uma experiência muito interessante. Essa série foi uma produção absolutamente independente, e o vínculo que construí com as pessoas, eu só tive participação pra frente. Foi uma procura por situações, encontros e imagens sínteses, são as pequenas histórias, e eu sou uma contadora de histórias, e isso é um dispositivo pedagógico.

**ENTREVISTADO 3 (editor) – Entrevista concedida no dia 13 de novembro de 2023 via Google Meet**

**1. Qual sua experiência com o jornalismo?**

Me formei em 1997 e já comecei a trabalhar com telejornalismo. São quase 30 anos sempre com telejornalismo. Comecei a trabalhar na universidade onde eu estudava, em São Paulo, comecei a trabalhar no canal da universidade, e quando acabei o professor disse ‘fica’, aí no

final do curso segui lá. Depois me mudei para João Pessoa e comecei a trabalhar na TV Tambaú, onde comecei na produção, fui editora, cheguei a chefe de redação e depois fui pra TV Cabo Branco, onde passei alguns anos e depois eu voltei pra São Paulo. Passei mais ou menos um mês no Jornal Hoje e fui pro SBT. Lá editava o SBT Brasil, o programa policial, mas passei praticamente por todos os telejornais lá, nos plantões a gente fazia tudo. Depois voltei para João Pessoa, fui pra TV Correio, aí fiquei dois anos e voltei para a TV Cabo Branco, onde estou até hoje. De 2013 até agora.

Na TV Cabo Branco fui editora executiva e chefe de produção durante bastante tempo. Hoje sou editora chefe do JPB2.

## **2. Como recebeu a ideia de pauta da série?**

É uma demanda que a gente nota da sociedade. Sempre quando a gente faz uma série, como a do sono, a gente entende que todo mundo estava vivendo um processo de ‘não consigo dormir’. E porque isso não vira uma série? Aí a gente começa a pesquisar, e ver o que vai render, porque quem não tem problema de sono, sabe? É uma demanda da sociedade. Procuramos entender a sociedade, com o recorte do telespectador, para produzir uma coisa que de alguma forma vá contribuir.

## **3. De quem partiu a ideia da série?**

Eu acho que foi de uma conversa. A gente tinha a ideia de fazer uma série, e decidimos sobre o quê. Fomos pesquisando e vimos que dava certo.

## **4. Sobre os temas serem relacionados à saúde, é algo já certo ou existe uma variedade?**

A gente tem o médico, que é quase parte da equipe também. Ele também traz essas demandas, e a gente sempre tenta entender o que a sociedade está precisando, e essa questão da saúde pega forte no sentido de querer ajudar, melhorar de alguma forma. A gente percebe como é difícil o acesso à saúde, então quando você faz uma série que a pessoa percebe como pode melhorar, consegue dá acesso a um público maior, já que infelizmente a gente não tem isso com tanta dignidade assim.

## **5. Há uma preocupação didática por parte da equipe envolvida?**

Existe uma preocupação, porque ele é um médico, então eu sou a jornalista que está ajudando. Às vezes ele (o médico) chega com uns termos que eu falo que ‘Dona Maria’, por exemplo, não vai entender. Televisão a gente aprende que tem que falar uma vez, o telespectador tem que entender de primeira. Hoje ele (o telespectador) já consegue rever no streaming, mas antes não. Tem que ser coloquial. Quando ele (o médico) chega com a mensagem as vezes mais científicas a gente muda texto, passagem, pede pra refazer, porque o público tem que entender. A ideia é que o público entenda e se beneficie. Se ele não entender de primeira não é o certo.

#### **6. Você acredita que existe uma função pedagógica na série?**

Com certeza o público aprende, esclarece, no mínimo entende o problema pra falar ‘eita, achei que fosse normal mas não é, então vou procurar um médico’. No mínimo acende um sinal de alerta. Se não aprende de primeira, se não consegue entender, se não aprende de primeira, se não consegue se enxergar, no mínimo acende um sinal de alerta pra poder buscar ajuda. Com certeza tem uma função pedagógica muito grande, e a intenção é essa de poder ajudar. Acho que a missão é essa.

#### **7. O telejornalismo também pode fazer uma reflexão pra que outros formatos também consigam se aprofundar?**

Com certeza. Inclusive, quando a gente escolhe os profissionais, escolhemos os que conseguem passar. Na série, André, que é profissional de saúde, conduz. Mas a gente também conversa com vários profissionais de saúde, e aí a gente busca escolher os que são mais claros, os que conseguem transmitir conhecimento de uma maneira mais clara, e isso faz com que os outros profissionais possam refletir até na forma de entender o paciente.

#### **8. Quais os principais desafios a serem superados para chegar numa informação com base científica?**

Costumo dizer que a gente é superficial em tudo, sabemos de tudo um pouquinho. Mas quando a gente vai fazer uma série a gente estuda também. Eu vi outras séries, assisti documentários, li textos. A gente dá uma aprofundada pra poder fazer um pouco diferente também, pra não fazer o básico. Porque quando faz uma série tem que sair do básico, não dá pra ser superficial. A gente estuda, eu costumo estudar sempre quando vou fazer uma série. Vejo exemplos, outras séries, vejo documentário, leio livro... Até pra cortar uma sonora, eu entendo que essa sonora não está legal, até pra questionar o profissional a gente tem que ter o mínimo de conhecimento,

e no caso da série a gente dá uma aprofundada. Eu estudo bastante. A gente faz uma primeira discussão e vai estudar. Quando vem o tema, damos uma geral no tema, e depois quando escolhe, dá uma aprofundada. Como a gente tem um médico, que ajuda nisso também, ele também dá uma norteadada.

**9. Você acredita que há muitas diferenças entre o formato série de reportagem frente a outros do telejornalismo?**

Acho que não. A gente ainda pensa nesse formato que as pessoas precisam entender de cara, porque não é todo mundo que vai querer rever. A gente explica que pode rever, mas a clareza com que a gente quer transmitir, tem que ter sempre. A minha ideia ainda não muda, tem que ser claro logo de cara, as pessoas vão poder assistir de novo, mas o coloquial não muda.

A gente também pensa em não localizar. Não damos serviço, se for entrar é num vivo, pra poder ficar atemporal, não falamos nesse hospital... Não localizamos personagem, lugares, pra ficar atemporal. E ela foi pra várias afiliadas da Globo, o pessoal comprou a ideia e exibiu. Foi bem interessante.

**10. Como o público recebeu a ideia?**

A gente recebeu muita mensagem pelo direct, pelo WhatsApp, a recepção foi maravilhosa. Até dos profissionais que participaram da série a gente recebeu retorno de que eles receberam retorno, sabe? De um médico falar 'tá todo mundo falando comigo que adorou'. Todo mundo que estava envolvido, além do telespectador direto, todos os envolvidos na série também recebeu e deu retorno para a gente.